FON
FON
ANNO XXVI — N.º 27
Rio, 2 de Julho de 1932
PREÇO: 1$000
M C.
932

A saude acima de tudo
PARA a conservação desse tesouro que é a saude, é indispensavel a pratica dos sports. Assim revigora-se o corpo, tornando-se o espirito alegre e otimista.
Quando um mal fisico nos ataca o organismo, devemos defende-lo usando tão sómente medicamentos que por sua insuperada qualidade e pureza, mereçam absoluta confiança.
CAFIASPIRINA
o remedio de confiança
BAYER
o analgesico por excelencia para as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, enxaquecas, nevralgias, reumatismo, incomodos femininos, resfriados, etc. Alivia as dôres com surpreendente rapidez, sem deprimir nem prejudicar o organismo.
INVENTARIO
00.145.993-7

O conto brasileiro

AMOR EXCEPCIONAL

DE LOURIVAL COUTINHO

TIVESSE eu, na occasião, um espelho á frente, e estaria, agora, a rir ainda de minha propria cara de escandalo que provocaram as palavras de Carlos Anthero:

— Bolas para o amôr da fórma por que o vês! Has de te sahir sempre mal si continúas, com esse sentimentalismo e romantismo que não se usam mais! Nada de pieguismos, meu eminente bôbo: a época não os comporta. Hoje em dia, é necessario vêr as coisas como devem e não como podem ser vistas, mórmente quando se tratam de casos de amôr, como esse teu. Dás demasiada espiritualidade a esse sentimento para que te possam sorrir êxitos. E a prova do que asseguro ahi está: o rompimento summario de Cléa, que te deixa nesse desalento e lamentavel estado de coió sem sorte...

— Exaggero...

— Qual exaggero, qual nada, meu camarada! Quando conquistares, de outra feita, uma mulher, não vás cahir na estultice de solicitar della o apoio incondicional ao teu idiota conceito sobre o amôr. Afasta-se cada vez mais, meu caro, o tempo da choupana com o coqueiro ao lado e a filharada a brincar na areia da praia deserta... Hoje, o coração feminino tem maiores ambições: exige "bungalows" e volantes como elementos imprescindiveis a um amôr feliz. Foste confiar a Cléa os teus sonhos e ella — prompto! — fez o que tinha a fazer a um pateta: não se "passou"! Tem juizo, meu velho!

Contestei como pude o raciocinio modernista de meu amigo, fazendo-lhe sentir que o utilitarismo que attribuia elle ás mulheres, nos casos de amôr, soffria ainda, felizmente, honrosissimas excepções.

E elle, fechando o dialogo, a mão presa á minha, em despedida, retrucou:

— Procura as excepções, e, estou certo, acabarás solteirão.

* * *

Quinze dias depois, embarcavamos eu e Carlos Anthero para o interior mineiro. Elle em viagem de férias e eu afim de curar a paixão desprezada que me inspirára Cléa.

Chegados á modesta cidadezinha de destino, procurámos o melhor hotel e nelle nos hospedámos, fingindo-nos seduzidos pelo reclame decorada do hoteleiro maneiroso, que exaltava sem cessar e de maneira eloquente a barateza, o asseio e o socego do seu estabelecimento.

O quarto a nós indicado soffreu, desde logo, a critica mordaz e indefectivel da gente que, chegada das grandes capitaes, tem abruptamente picado o senso esthetico pelo desaso das coisas ou pela caducidade dos ambientes. E emquanto nos riamos ironicamente, examinámos em pesquiza detida os mais reconditos esconderijos das camas, justamente receiosos da existencia de bichinhos travessos e mal-educados... Depois, mais ou menos socegados, deitámo-nos, tarde da noite que já era.

— Si você não faz muita questão, garçon, eu o tomarei "secco"!...

Começava eu a adormecer quando, pelo tapume de madeira velha que isolava o nosso do quarto vizinho, ouvi vozes femininas que dali partiam. Tão alto falavam, que Carlos Anthero, já adormecido, acordou vociferando:

— Caramba! E' então este o socego que aquelle biltre annunciou?!

A um signal meu, porém, Carlos Anthero calou. E, sentando-se á beirada da cama, como o fizéra eu, poz-se á escuta.

Eis, então, o que ouvimos:

— Obrigada, Lourdes, mas não posso, em absoluto, acceitar teus conselhos. Verdade é que te considero a minha maior amiga e sei que, si me offereces os recursos de tua experiencia, visas apenas minha inteira felicidade...

— Pensa bem, Rosa, no que vaes fazer. Socega teu espirito e reflecte demoradamente no passo que vaes dar!

— Já o fiz, Lourdes. E, de todas as minhas meditações, inferi que me é impossivel a vida sem Arthur.

Carlos Anthero e eu entreolhámo-nos.

— Mas, Rosa, não deves esquecer a situação financeira de Arthur, que hoje não passa de um banqueiro fallido e desacreditado — perdôa, sim? — e que não póde absolutamente dar-te o conforto a que estás habituada e a que tens direito.

— Sei de tudo isso, minha amiga: não sou nenhuma criança. Seria justo, no emtanto, abandonar Arthur quan-

(Cont. na pag. seguinte)

A DERROTA

NÓS discutiamos sobre a virtude, cuja definição varia, segundo fala um cynico ou um moralista.

—A virtude na sociedade contemporanea?... Equivale a falar do equilibrio d'um para-raios! pilheriou B..., que nunca teve sinão duas occupações: receber as suas rendas e gastal-as.

Um rapazola, mettendo-se entre nós, aventurou:

—Quem se occupa hoje d'essa coisa em desuso? A intelligencia do homem progrediu, graças a Deus!

Parece que o não ouvem, replicou o doutor Gevinier. E como seria inconveniente prolongar a conversa deante das crianças, esperaremos, meu amiguinho, que tenha chegado para você a hora do golf ou do tango, emfim, d'um d'esses prazeres bem francezes, dignos d'um cerebro moderno como o seu.

O rapazinho mostrou logo que não era besta de se esquivar, tão pouco de teimar com o nosso caro Gevinier.

O doutor Gevinier! Não pretendo traçar aqui a carreira d'essa notabilidade. Suas descobertas puzeram-n'o e mantêm, na primeira fila dos servos da sciencia. Os que têm a ventura de se aproximar d'elle, admiram-lhe não sómente o espirito elevado, mas tambem a correcção do caracter e a nobreza do coração.

Tal homem era merecedor d'uma companheira perfeita. Elle teve a melhor.

Todavia o nome de Mme. Elise Gevinier está ligado aos trabalhos de seu marido, e quando a morte separou os dois esposos, o doutor sentiu que perdia uma amiga inegualavel e uma collaboradora que ninguem substituiria. Nós tememos que o desgôsto profundo, immenso, o afastasse de suas pesquizas, de seu laboratorio.

Ao contrario, foi n'essa tarefa que elle encontrou o conforto e a coragem necessarios. A chaga ficou viva, e assim se conserva. Mas ha, em certos sêres, um stoicismo que repugna á ostentação da dôr. Elles escondem a sua dôr, ciosamente, parece, e si raros intimos comprehendem a intensidade d'ella, a massa fica ignorante.

Quando ficámos sós, isto é, Gevinier e quatro dos seus fieis, elle voltou á idéa, a proposito da qual divagavamos e ironizavamos.

—No fundo, é você, o equilibrista sobre para-raios, que tem razão, disse elle, dirigindo-se a Roger B...

Desde Lucrecia e algumas outras cuja historia justifica a fa as virtudes que preferem o pu á capitulação são raras. Toda só ha as armas brancas, ou, nossos dias, as de fogo, para supprimirmos, e certas quédas uma especie de suicidio.

"Não ha necessidade de grande psychologo para aprofun esses casos de consciencia, fa d'isso romance ou tirar conclus que nem sempre honram muito que pensaram fazer figura de c quistadores. Demais, quantas c quistas são apenas uma p d'injustiça, até de traição? Po ria citar-lhes alguns d'esses v cedores insolentes que, bem ref ctido, não têm razão de altivos.

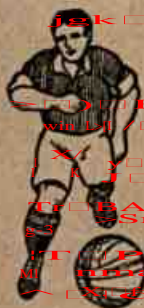
"Eu, por exemplo." ,

Protestos geraes.

Nenhum de nós admittia q Gevinier pudesse, não importa e que circumstancia, mostrar-se delicado.

Elle impoz-nos silencio, pa continuar:

—Vocês suppõem, por tere sido testemunhas da bella harm nia que reinou entre Elise e que nosso casamento foi de incl nação? Não foi nada. O ponto d partida de nosso entendimento f muito vil, sobretudo de min parte.

"Eu tinha vinte e seis anno terminava meu curso de medicin

AMOR EXCEPCIONAL

(Continuação)

do mais necessita elle de mim? Não. Amo-o muito para que commettesse tal ingratidão. Quando o conheci, elle era rico; hoje está pobre. Tivesse sido, pois, a ambição do ouro que me inclinára para elle, e seria o caso de acceitar eu os teus conselhos. Mas, não, Arthur, elle mesmo e não sua bolsa, é que me fez sua escrava para toda vida...

—Tola apaixonada, já que me não ouves, adeus e sê feliz!

....

Carlos Anthero estava perplexo com a demonstração d a q u e l l e amôr puro, divino e sacrosanto, como diria qualquer poeta.

Eu lhe disse, então, exultante de victoria:

—Bem vês, meu amigo, que nem tudo está perdido! Ainda existem as excepções!

—E'... é esto, de facto, um amôr excepcional — concordou Carl Anthero, succumbido.

E deitámo-nos nov mente, embalado eu dôce esperança de q muitas Rosas sem esp nhos existiam ainda vida...

* * *

Noite seguinte.

—Aonde vamos, Ca los? — indaguei eu d meu amigo, após um d inteiro de passeios a c vallo.

—Sei lá eu! Isto aqu a não ser bôas montada nada mais tem!

—Não sejas injusto ha cinema, theatro e — quem sabe lá? muita Rosas... — redargui, nã perdendo a opportunida de que se me offere cia de ferir as opiniõe que acerca do amôr ma tinha meu companheiro.

—Pois bem: vamos a espectaculo.

Rumámos, então, a theatrinho da cidade. depois de uma demor devéras irritante, em qu eramos o alvo de tod

Elise seguia, por seu turno, os cursos da Faculdade. Filho de paes ricos, eu imaginava que era possivel contentar os meus caprichos. Elise agradava-me. Era bonita, o que explicava a minha inclinação, e muito pobre, o que autorizava á minha inconsciencia a contar com o effeito dos meus bilhetes de banco deante d'uma joven que se debatia nas peores das condições materiaes e que, de resto, alli estava n'essas condições. Preoccupações com as despezas de inscripção, aluguel da casa, manutenção, etc. Sabia que ella, á noite, ganhava alguns francos como repetidora. Em breve, numa existencia miseravel.

"Agora, imaginem-me com os meus ares de don Juan, de conquistador, com um aspecto não máu de todo, com o meu topete e meus quatro vintens no bolso. Toda opportunidade era propicia a importunar Elisa com os meus galanteios e convites... para me expôr a recursos e rabanadas. Eu a exasperava visivelmente, offendia-a no seu pudor, irritava-a, no seu proposito de fazer uma vida sem baixezas, sem compromissos. Em resumo, eu era odioso. Mas não, agora, conter os impetos d'um rapaz que se julga enamorado e que teima em sahir victorioso!

No emtanto, passaram-se mezes desfavoraveis a meus planos, e tudo quanto obtive foi que Elise me evitasse ou desapparecesse á minha aproximação. Famoso resultado para o Lovelace que eu encarnava!

E depois, certa manhã, Elise fez-se annunciar em minha casa, no meu mimoso ninho installado por uma mamã, bastante indulgente para com minhas estroinices.

"Não preciso descrever-lhes a minha alegre surpreza... Um golpe de vista ao espelho, uma penteadela na cabelleira, um puxão ao vestou. O seductor estava prompto.

"Ora, penetrando no meu escriptorio fumoir-gabinete, foi uma Elisa pallida, desemparada, que se me deparou aos meus olhos, e que me disse:

"— Venho procural-o arrastada por minha desgraça. Um meirinho expulsou-me de casa; não como ha dois dias. Acceite a minha confissão pelo que ella representa: a derrota de minhas ambições, a horrivel certeza de que uma mulher pobre dá provas de loucura, pensando poder crear-se, sem auxilio, a situação que justificariam seus estudos. Já não tenho abrigo, tenho fome, e falta-me a energia para terminar.

"Victima expiatoria da injustiça humana, ella offerecia-se á minha concupiscencia. Meu triumpho estava assegurado, triumpho que encanta a tantos imbecis.

O céo quiz conceder-me um raio de bom-senso, fazendo-me medir a extensão de tal infamia.

Sem, nem siquer aproximar-me de Elise, declarei-lhe:

"—Sómente agora sei, Elise, que a amo, e peço perdão de minha estupidez passada e das minhas impertinencias. Si o arrependimento póde reabilitar-me a seus olhos e si não tem por mim antipathia invencivel, você póde continuar o seu caminho, attingir o que você deseja acceitando ser minha mulher.

"A resposta d'ella foi uma crise de lagrimas. Depois foi ella que me estendeu a mão".

Elle terminou:

— Desde que uma joven do valor de Elise esteve um dia prestes a enganar o marido, como não havemos de ser misericordiosos para com todas as desgraçadas que a sorte lança como pasto aos máus instinctos dos homens, e, em consequencia, como ousariamos nós estabelecer differença entre a virtude e o que, tanta vez é, apenas, a enganadora imagem d'isso?...

JEANNE LANDRE

os olhares — talvez por sermos desconhecidos no logar — teve inicio a representação.

Até o final do primeiro acto, tudo muito bem. Mas, ao meio do segundo, decepcionadissimo, propuz a Carlos Anthero a sahida immediata do theatrinho, no que assentiu elle.

Chegados ao hotel, com maneiras desabridas, inqueri do proprietario quem eram os meus vizinhos do quarto contiguo.

— Muito bôa gente, meu senhor. Pessôas muito socegadas... São artistas...

— ... Que fazem seus ensaios nos quartos em que se hospedam, não é?! — conclui eu, exaltadissimo.

E, fulo de raiva, ante a cara espantadissima do pobre hoteleiro:

— Tire-me a conta!

Carlos Anthero ria-se perdidamente, emquanto satyrizava com ar victorioso:

— Que excepcional amôr!

UM HOMEM DISTRAHIDO — Felizmente que hoje não esqueci o guarda-chuva!...

OS DOIS DESESPERADOS

TOMMY FRAYNE, que começára a vida com muito o que perder, havia perdido tudo conscienciosa e progressivamente. Fortuna, posição social, dinheiro, amigos, a mulher a quem amava — tudo havia desapparecido.

Naquella noite pensava terminar sua longa carreira de fracassos, e, sendo londrino de puro sangue, resolvêra acabar com suas preoccupações e abandonar as miserias deste mundo no amplo e humido leito do Tamisa.

Assim, naquella triste tarde de outomno, caminhava lentamente, arrastando seus sapatos rotos ao longo do rio, até que, soando onze horas no grande relogio da torre do Parlamento, se encontrou deante de um banco de pedra, situado mesmo no logar em que uma serie de degráos conduzia até a beira dagua.

— Bem — pensou, sentando-se. — E' hora de jantar. Viaja-se melhor com o estomago cheio.

E tirou do bolso de seu velho paletó uma bolsa de papel, onde havia um pedaço de pão, um pedaço de queijo e uma cebola...

Alguma coisa roçou, nesse momento, as pernas de Tommy, que, ao baixar a vista, viu dois olhos muito brilhantes e húmidos, que o olhavam com expressão supplicante, de immensa eloquencia. Pertenciam a um cão incrivelmente fraco e sujo, que tamborilava o chão com a cauda.

— Olá, velho! — exclamou Tommy, acariciando a hirsuta cabeça do animal. — Então somos dois? De maneira que tambem és pobre, miseravel e abandonado? Bem. Comamos. Deves estar com fome, não?

O cão levantou-se sobre suas patas trazeiras e lançou um curto latido, olhando a cara pállida e barbuda do homem.

— Morto de fome, com certeza! — suspirou Tommy, offerecendo-lhe um pedaço de pão, que desappareceu immediatamente...

— Comprehendo, companheiro — murmurou Tommy. — Mas, e eu? Asseguro-te que tambem tenho bastante fome!

O cão, com os olhos fixos no homem em cujos joelhos se apoiava, continuava tamborilando o chão com a cauda. E assim, pouco a pouco, Tommy perdeu seu jantar, como havia perdido todos os outros bens, olhando o cão que comia com delicia, sem separar delle seus olhos húmidos e intelligentes.

— E isto é o que resta, velho! — disse o homem, atirando a cebola ao rio. — E agora, anda, vae buscar!

Mas, em vez de obedecer a ordem, o cão apoiou sua cabeça contra o joelho de Tommy e começou a lamber-lhe a mão que tinha mais proxima. Depois, agachando-se a seus pés, o olhou com expressão de verdadeira adoração.

— Ah! — disse Tommy, tocando-lhe carinhosamente uma orelha. — E pensar que, quando queremos insultar um individuo que é uma peste, o chamamos de cão! Bem. Certamente tiveste um nome alguma vez em tua vida. Mas eu te chamarei de Demosthenes, embora saiba que esse cavalheiro, com toda a sua oratoria, jamais me faria renunciar ao meu ultimo jantar em seu favor. E agora... adeus!

E Tommy, levantando-se desalentadamente, dirigiu-se, arrastando os pés, para os degráus de pedra que as aguas turvas lambiam, brilhando á luz de um pharol. E, tomando impulso, saltou ao rio. Mas Tommy fôra um excellente nadador e, embora sua alma pedisse a morte e o esquecimento, seu corpo desejava a vida, e ao sahir á superficie, seus membros se moveram instinctivamente. Tommy sorriu e, lançando uma imprecação, se dispunha a levantar os braços para afundar-se, quando ouviu um pequeno gemido a seu lado, e, voltando-se, viu, á luz do pharol, uma pequena hirsuta cabeça molhada e uns olhos muito abertos, que o olhavam supplicantes.

— Oh! — exclamou Tommy. —

Demósthenes... que fizeste, idiota? Bem, vem. Nadaremos juntos até á margem.

Nesse momento, o homem viu aquelles olhos eclipsar-se, emquanto outro gemido terminava em uma tosse abafada.

— Que fizeste, velho? — perguntou. — Nunca poderás nadar de volta.

E, mergulhando, encontrou e segurou fortemente o lanhudo corpo do cão e com elle voltou á superficie.

Mas a corrente era forte, e Tommy, enfraquecido pelas privações, e com os movimentos difficultados pelo cão e por sua propria roupa molhada, foi arrastado pe'as aguas sem soltar a carga.

Assim foi empurrado até uma ponte e levado mais além, apesar de seus debeis esforços para segurar-se alli, nadando ainda com firme resolução. Porque o homem que dormia nelle despertára, por fim. A morte o convidava como uma amiga amavel que offerecia um logar aos fracos, longe da dôr, das preoccupações e do trabalho que esfalfa. A morte o acenava segura de sua victoria...

Mas Tommy, o homem, se esforçava, como devem fazêl-o os conquistadores, lutando com o cerebro, com o coração, com os musculos e os nervos até chegar, e sobrepassar quasi, o limite de resistencia.

E assim continuou avançando, debilmente, mas com vontade firme, fluctuando graças a esse instincto dos nadadores até onde uma luz vermelha brilhava cada vez mais proxima, na escuridão. E, por fim, chegou a uns degráos de pedra cobertos de limo.

E Tommy, que procurára a morte e o esquecimento na agua, sahiu do rio levando o cão sob o braço, e se encontrou deante da pequena casa de madeira de um guarda encarregado da vigilancia dos grandes depositos em construcção, que se viam a pouca distancia. A' sua frente se via o vermelho lume de um brazeiro. Para lá se dirigiu cambaleando, tremendo, meio morto de frio e de cansaço, e cahiu ao lado do fogo, fechando os olhos. Quando tornou a abril-os, viu um rosto barbado coroado por um gorro velho, inclinado sobre elle.

— Olá, companheiro! — disse o desconhecido, com voz aspera, mas amavel. — Que ventos te trouxeram aqui?

— O rio.

— E que fazias no rio, companheiro?

— Procurava afogar-me.

— Mas... quem te impediu? Por que sahiste á terra?

— Tive que fazêlo... para salvar meu cão.

— Cão? Deus nos ampare! E a verdade é que não parece grande coisa.

— Tambem eu não o pareço, si vamos por esse lado. Mas tanto elle como eu valemos mais do que apparentamos.

— Queres comer um pouco de pirão, companheiro. Só deve estar é muito frio.

— Comer?? Ora si quero!...

Tommy comeu até fartar-se. Depois adormeceu. E só despertou quando o bom guarda o chamou ao raiar a aurora. O dia promettia ser soberbo.

— E agora, companheiro, é hora já de partir — disse o vigilante. — E que pensas fazer? Suicidio, heim? Pensas ainda em suicidio?

— Oh, não! — respondeu Tommy Frayne, erguendo-se. — Preciso dar um destino a meu cão... E alem disso... não se deve esquecer o dia de amanhã...

— Muito bem, companheiro! Adeus, então, e felicidade.

— O mesmo digo eu, companheiro. E muito obrigado. Obrigado pelos dois. Vamos, Demósthenes.

E, assim, o homem e o cão partiram juntos, dispostos a enfrentar a vida, deante do novo dia, que surgia lindo. E note-se que o cão levava, agora, a pequena cauda levantada, e que o homem, com a barba alta e os hombros levantados, já não arrastava os pés...

J. Farnel

Saibam todos...

ROMUALDO (Pernambuco) — Muito me agrada dar aqui, na integra, a sua missiva, pois ella representa um brado de justiça a meu favor.

Leiamol-a:

"Yves: Si não me engano, você disse uma vez que gosta do tratamento intimo. Comigo tambem se dá o mesmo. Aborreço as cerimonias que, ás vezes, somos obrigados a empregar, quando escrevemos a uma pessôa com quem não temos intimas relações. Por isso, peço-lhe licença para tratá-lo por você. Parece-me melhor. E parece-me, tambem que podemos dizer as coisas com maior sinceridade e confiança.

O motivo destas linhas é simples. Primeiro, quero lhe dizer que sou um entusiasta admirador da sua pêna. Sempre li com carinho as suas cronicas do "Fon-Fon". "Saibam Todos", principalmente, desde que compro pontualmente a magnifica revista de Sergio Silva, jamais teve uma linha que não fosse lida atenciosamente por mim.

E assim, quando você anunciou "Uma garçonne carioca", eu fiquei em ancias. E posso até lhe afirmar que fui, sinão a primeira, mas uma das primeiras pessôas que aqui compraram o seu romance. Li-o com carinho. Com admiração. E achei-o, não somente uma obra de folego como romance, como tambem um grito de alerta para as jovens doidivanas que, vivendo no centro das grandes cidades, onde mil seducções bloqueiam-nas por todos os lados, estão sujeitas a derrapar, como Maria Lucia, para a lama prostituida. E serão felizes as que, como a personagem de "Uma garçonne carioca", tiverem um filho que as venha redimir.

E foi porque assim penso, Yves, que senti vontade de lhe escrever quando li, no "Fon-Fon" de 4 de Junho, a sua resposta a João Matão. E nestas linhas, sem merito nenhum, tem você o meu protesto inautorizado mas sincero contra os seus inimigos. Esses despeitados que, não achando em que se pegar contra você, calumniam o seu romance, taxando-o de imoral.

Creia que ha muito mais imoralidade nos processos de critica desses pobres raquiticos mentais que não têm a coragem moral necessaria para vencer o despeito que lhes abraza as entranhas...

E para que você não continúe a aborrecer-se com a minha lengalenga, vou terminar, pedindo-lhe que me diga em que livraria ai no Rio poderei encontrar o "Suave Enlevo". Aqui em Pernambuco, salvo má vontade do portador, não foi encontrado.

Depois de conhecer o Yves critico, o Yves cronista e o Yves romancista, desejo vivamente conhecer o Yves poeta. Deve ser quasi maravilhoso... Porque a minha terra, que é tambem a sua, é uma fonte inesgotavel de intelectuais... Dir-se-ia que o Capibaribe, tão bonito, a Mauricéa, tão encantadoramente cortada pelas aguas, e os coqueiros de Bôa Viagem, e as praias de Olinda, e tantos outros encantamentos poeticos que ornam a nossa terra — a terra de Joaquim Nabuco — refletem-se no cerebro inteligente dos seus filhos, que vão encher de glorias, lá fóra, o seu nome já imensamente glorioso.

Para resposta, quanto ao "Suave Enlevo", peço-lhe usar simplesmente *Romualdo* — Pernambuco."

"O Suave enlevo" é encontrado na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Preço — 4$000.

ZOPHAR (Capital) — Positivamente, estou hoje de pouca sorte. Ao chegar á redacção, a alma enfarruscada, crivada de agulhas, encontro sobre a minha banca de trabalho calhamaços e calhamaços de versos. Uff!

E' uma melancolia.

E o mais triste é que tenho de ler toda essa versalhada... Que horror!

Não ha por ahi uma pessôa que me acuda, que me salve dos poetas?

Abro, ao acaso, a primeira carta. E' do sr. *Zophar*:

Eis o que o sr. me escreve:

"Caro Yves. Acabo de ler o Fon-Fon. A sua resposta é uma boa lição: — " Arte está divorciada desses amor filial". "A Arte não pode fazer concessões de ordem sentimental".

Meu caro Yves, você é o esmerado escritor de "Suave Enlevo" e "Uma garçonne carioca"; é, bem sei, um moço de cultura de escól, assim como o André Garcia do VI cap. do seu livro, "um desses typos brilhantes que se destinguem pela mobilidade do espirito."

Muito bem. Você criticou o meu soneto e eu me curvo perante a sua critica ironicamente fina. A sua 1.ª afirmação que transcrevi com aspas acho desconcertantes. A 2.ª, si concessão é *dar alguma coisa*, não estou consigo porque a Arte é a flama sentimental que vive em febres no coração dos homens sentimentais, portanto ao meu ver ela faz as aludidas concessões, não?

Pois bem. Espero uma resposta desta carta sobre as *concessões* e aproveitando envio dois sonetos que peço a sua valiosa opinião, e, se achar conveniente peço publical-os.

Seja sempre sincero. Você dirá. Tem razão, caro poeta.

Resposta a *Zophar*."

Ora, faz o sr. uma restricção quanto á minha phrase: "A Arte está divorciada desse amor filial.." Ella melhor se esclarece desse modo: "A Arte está divorciada desse amor filial que, para render homenagens de caracter domestico, não trepida em maculal-a com a fealdade de um soneto aleijado..."

Percebe? Ella se irmana ao amor daquelles que a prezam e a honram. Quer dizer, que o sr. não

apprehendeu bem o meu ponto de vista. E a prova é que, ainda desta vez, o sr. me envia dois sonetos que reclamam uma casa de saude... lyrica... Necessita de extrair o appendice, quero dizer não só o appendice, — mas, as visceras, em geral, o coração, a cabeça, o tronco, os pés, as mãos... E até a alma si alma elle possuisse...

De modo que o seu soneto precisa de ser reduzido á simplificação biologica de um... esqueleto...

Refiro-me ao *Cantico ao luar*, em cujo segundo terceto ha este decasyllabo:

ouço a musica que ao luar desata...

Si houver declamadora que recite esse "musica que..." (cáquê) eu lhe darei um doce de côco... por ser mais genuinamente brasileiro...

Vejamos o soneto:

CANTICOS AO LUAR...

Geme dolentemente um instrumento
uma canção sentimental sublime
que pelo espaço tristemente exprime
a dor de um coração em desalento.

Ao luar, este som de sofrimento,
na alma das cousas forte amor imprime.
E esta canção que a muita dor redime,
aumenta meu sofrer e meu tormento.

Minh'alma triste na paixão se enleia,
vibra de amor e sensitiva anseia
alivio para a minha desventura.

E eu sofro quando em uma serenata
ouço a musica que ao luar desata
acórdes que soluçam de amargura.

MARIA HELENA (Minas) — Aqui está a sua cartinha côr de malva. Ella é delicada e bastante expressiva para mim, uma vez que a não conheço e que v. ex. tambem não me conhece.

Relativamente do meu romance "Uma garçonne carioca", devo dizer que muito me agrada a sua opinião. Estou contente em saber que, pouco a pouco, os leitores imparciaes me vão fazendo justiça. Já se diz que o meu romance é um tratado de moral. Graças! Era isso o que eu desejava. Vejo que foi comprehendida a minha ironia, com relação á advertencia que fiz, declarando que "Uma garçonne carioca" não era obra para "jeunes filles". Muitas são as pessôas distinctas que me dizem: "Não, o seu livro não é obsceno; é apenas um pouco forte para as meninas de poucas letras. As moças cultas podem lel-o, pois nelle encontrarão um grande ensinamento."

Convem dar aqui a sua missiva. Eil-a:

"Yves. Quando lhe escrevi pela primeira vez, era uma garota de 15 annos; ainda guardo a resposta que você me deu, pelo "Saibam-Todos", uma resposta tão gentil, que sempre me lembrarei della.

Depois d'isso, quantos annos já se passaram? 6 annos, Yves, 6 annos de soffrimentos crueis...

A garota transformou-se em mulher, que amou e foi amada... mas os homens, como são crueis!

Damos a elles tudo o que de bom possuimos, e elles, os ingratos, brincam comnosco como se fossemos bonecas, e depois, o esquecimento e mais nada!

Acabei de lêr hoje o seu livro. Uma "garçonne" carioca, e gostei muito Yves, que final imprevisto você deu a elle, Yves! como é bem verdade que o amor materno póde regenerar e levar para o caminho do bem, á muitas moças infelizes! nós, que somos mães, sabemos o poder que têm uns olhinhos que nos fitam a sorrir, e uns bracinhos que nos apertam o pescoço!

O seu livro vae ser lido com prazer, por muita gente. Quem não conhece o querido poeta do "O suave enlevo"? Nesta terrinha de Minas, você é muito querido e estavamos esperando com impaciencia o seu romance, ha muito tempo promettido.

Yves, uma pergunta e termino esta. Você não crê no amor? você não acredita que uma mulher possa amar, sem trair esse amor?

(*Continúa na pag. seguinte*)

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4126

FON - FON — 2-7-932

***Data da consulta*............................**

***Nome da consulente*............................**

....

Você diz na pagina 158 do seu livro: "De ordinario, a mulher trái, mais facilmente, o homem que lhe quer bem". — Sim, isto acontece quando a mulher não ama a esse homem, mas quando o ama, não; ella se sacrifica, por elle, esquece-se de si propria, e que alegria ella sente quando elle, tomando-a nos braços diz que a ama!

Desculpe-me, Yves, esta carta de uma pobre provinciana, ignorante. Mas, o seu livro é quem teve a culpa.

Despeço-me com um aperto de mão."

Pergunta si creio no amor? Creio, sim. E justamente porque acreditar nelle, é que duvido que a mulher seja capaz de amar sinceramente. Si o amor fosse uma mentira, eu acreditaria que elle pudesse encontrar lugar na alma feminina. Mas, infelizmente, elle é uma verdade...

LENDERINIXTENDER (Pernambuco) — Oh, que horror! Que pseudonymo encaroçado! O sr. não pode ser bom poeta. Com esse accentuado mau gosto, não é possivel. E, de facto, ao ler os seus poemas, constatei que são de uma flagrante banalidade.

Vejamos este, que tem, afinal, um pouco mais de colorido:

CASINHA DE GENTE POBRE

Uma casinha,
simplesinha,
um clarão de luar,
um céo azul,
um verde mar...
E só. Nada mais.
Uns coqueiraes,
uma cantiga de saudade,
e em volta daquellas cousas,
a Felicidade. P'ra que mais?!...

Foi o seu pseudonymo que lhe deu azar... Len-de-ri-nix-ten-der! Uff! E' inacreditavel num poeta pernambucano!

JOSE' BORGES COELHO (Capital) — Eu não disse, que os poetas não me davam uma folga? Eis outro que me chega pelo correio.

Escreve o sr.:

"Illmo. Sr. Yves. Sendo seu profundo admirador, não pude esquivar-me de submetter á sua apreciação os sonetos inclusos. E muito grato ficaria, se por acaso estiverem em condições de ser publicados, collocal-os num cantinho modesto de uma das paginas de Fon-Fon.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Sem mais subscrevo-me attenciosamente, amo. atto. obro. — *José Borges Coelho*."

Veja o sr. como são diversos os sentimentos. O sr., como meu "admirador profundo" me pede publicar os seus sonetos; e eu como "profundo admirador do sr", não lhe farei esse mal.

Para que?

No seu soneto *O teu presente* o sr. diz que...:

E' melhor dal-o na integra:

O TEU PRESENTE

A' alguem que offertou uma caixa com violetas no dia de meu anniversario.

Deste-me flôres... Perfumados [folhos.
Posso jurar-te, entanto neste verso,
Que ha mais perfume e flôres nos [teus olhos,
Do que em todos jardins do uni-[verso!

Deste-me flôres... Talvez ar-[rancadas,
De suaves prados, de vergeis flo-[ridos.
Onde mil beijos, ouviram caladas,
E corações, viram passar unidos!

Deste violetas... E as tuas mei-[gas flôres,
Filhas do amôr, da phantasia, do [ciume,
Vieram trazer, na dôr do seu per-[fume,

E no fulgor da caixa cheia de [côres,
Muito de sonho... Poesias que [nem sei,
A' primavera o mais que com-[pletei!

José Borges Coelho

A sua "pequena" deve ser um mercado de flores... Mas, que moça florida! Até nos olhos a jovem traz flores... Certamente, si o sr. casasse com ella, iria ter uma despeza formidavel com jardineiros... E isso sem falar nas "violetas das olheiras", a que se refere o poeta — outro poeta floristа, como o sr. — e nas rosas das faces e no cravo da bocca, nos lirios das mãos e nos pés que devem ser dois jasmins — si ella calça 38, o que, de certo, o obrigaria a crear outra imagem:

"teus pés de lindos gyrasóes [abertos!"

Não, poeta, o seu soneto é infelicissimo. A sua "pequena" romperia com o sr... Na certa!

Yves

OPTIMISMO — O prisioneiro. — Ratos e cogumelos? Que sorte! Ao menos de fome não morrerei...

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

MYSTERIOSA

De GILBERTO VEIGA

UMA vida de mysterio. Muito luxo. "Toilettes" riquissimas. Joias em maravilhosa profusão. Perfumes carissimos.

Jamais olhar humano, por mais arguto, conseguira lobrigál-a num triste e incommodo banco de bonde; seu corpo de sylphide deslumbrante habituára-se ás almofadas dos bellos carros inglezes, com o mesmo indolente desprendimento das gatas mimadas.

Onde quer que brilhasse o "set", brilharia a sua figura radiosa e fria, envolta numa aureola tentadoramente enygmatica. Seus labios, que se abriam de tudo e para tudo, se embotavam com o simples sopro de uma palavra de amor. Recusava um "rendez-vous" com a mesma naturalidade com que acceitava uma cigarrilha doce ou uma taça de "champagne" doirada.

Nos theatros, os binoculos dos elegantes e das damas não se fartavam de "alvejál-a"... Os primeiros pondo nas lentes reflexos de cupidez, de desejos. Os segundos, mordendo-lhe o collo e as espaduas núas, cheios de inveja e de despeito.

Era a tentadora preoccupação das rodas "chics".

Uns achavam provavel alguma artista de Hollywood, em recreio, viajando incognita. Reparasse! Era Greta Garbo no andar e Dolores del Rio no olhar. Outros aventuravam a hypothese de uma princeza russa que, com a graça de seu sorriso e os meneios de seu corpo serpentino, lograsse a bôa fé dos agentes de Stalin, fugindo com aquella enorme riqueza que todos viam. Pois em Paris não viviam tantos principes e duques daquella nação? Por que o Brasil não poderia refugiar um desses?

Mas, o facto é que, após taes considerações e palpites, voltava a todos os labios a mesma interrogação bisbilhoteira:

— Quem será?...

A resposta, porém, morria no mesmo barathro indecifravel.

Havia um mez que aquella deliciosa creatura offuscava, como uma grande borboleta de oiro, as flores do jardim da Guanabara. Havia um mez que aquella diabolica e tentadora mulher com a sua formosura e o seu fausto, sua reserva e seu segredo, punha scentelhas e anseios nos olhos e nos sentidos dos que a contemplavam.

Desde que aportára, vivia num magnifico predio Renascença, lá para as bandas de Copacabana, como um canario belga numa gaiola doirada.

Na praia, ligada ao seu indifferentismo de dama de alta linhagem, seguia todo um sequito de imitadoras. Copiavam-lhe os gestos, os meneios, os trajes.

E a "mulher mysteriosa", como a apellidaram, á força do seu segredo, teve, numa tarde majestosa, o mais tragico dos fins.

Era num pôr de sol. Um rapaz vizinho ouvira o estalar cadenciado de castanholas no aposento da "princeza russa". Pela porta entreaberta divisou um painel deslumbrante: Nas paredes claras onde os ultimos raios crepusculares punham laivos de oiro liquido, uma silhueta bailava com a mesma naturalidade com que bailaria uma nympha sobre as ondas.

A unica roupa que lhe occultava as fórmas bem feitas era um véo de gaze finissima. E como um farrapo de nuvem que se acercasse do sol, o levissimo tecido se incendiava com o calor daquella carne moça, palpitante, abrindo-se e fechando-se em doidas convulsões de espasmo. Dir-se-ia que aquella transparente e tenuissima fazenda se sentia tocada de um delirio de prazer, de uma luxuria que a transportava a paramos desconhecidos e inattingiveis, com o contacto da mulher soberbamente núa e admiravelmente bella.

Desde então, na alma do moço fez-se um dédalo profundo. Em toda parte via as sombras em cadencias e volateios. No somno, os sonhos lhe mostravam a mesma dança e o mesmo fremir de castanholas. Via-se ao lado da mulher que acabára de afagar o tapete persa com o velludo dos seus pés roseos e pequeninos. E, offegante, tremula de cansaço como uma camelia baloiçando-se na haste, tangida por vento fórte vinha, num gesto provocante, offerecer-lhe a frescura dos labios num turbilhão de beijos doces como favos de mel. E antes que os seus labios se tocassem, a imagem fugia envólta no mysterio real, como a miragem ao Beduino em pleno deserto. Elle abria, então, os olhos cheios de tristeza, sentindo o coração confrangido por alimentar uma esperança, um sonho intangivel.

Resolvêra seguir a dama. E como sua propria sombra, acompanhava-a a toda parte sempre á distancia, numa constancia e numa observação que, aos poucos, se fizeram sentir no intimo da "mulher mysteriosa".

Sua approximação, seus olhares supplices e ternos, operaram o milagre de transformar aquella estatua em uma creatura cheia de piedoso amor.

Finalmente, defrontaram-se. E o grande, o insondavel mysterio rolou da bôcca da mulher fatal, da esphinge encantadora, como uma confissão exaltada e commovente:

— Que attracção impelliu mais esta victima á minha sombra perniciosa?! — perguntava ella a si mesma, olhando fixamente, através das espiraes de um cigarro turco, o rapaz embevecido.

Havia entre elles, na meia tinta do crepusculo que banhava suavemente o gabinete luxuoso, um silencio imperativo. Ella quebrou-o:

— Ha muito o senhor tem a infelicidade de seguir-me. Por toda parte o vejo, como si fôra outra eu mesma, masculinizada. E para evitar que se deixe emmaranhar nas teias da minha falsa felicidade, vou contar-lhe a minha historia dolorosa, porque ella terá, natural e expontaneamente, o poder de arrancar do seu coração moço as illusões que conserva a meu respeito. Ouça-a:

"Esta mulher que o senhor vê, coberta de joias e apparentando uma ventura invejavel, é como a cidra verde: amarga. No seu coração murcharam todas as alegrias e na sua alma pareceram os melhores sonhos e anseios de ser feliz.

"Sou hespanhola. Nasci em uma aldeiola de Andaluzia. Creei-me ao som das castanholas e sob a influencia maligna dos contos magicos do meu povo. Desde creancinha, plantaram no meu cerebro embrionario o romantismo a poesia. Tornaram-me uma subjectivista. Nas noites azues, dançavamos sob as estrellas e eu bailava com os olhos fixos nelas, como a namorál-as. Nenhuma affeição outra me empolgava, alem do amor aos meus paes e da amizade que eu dedicava a um primo quasi da minha idade.

"Quando attingi os 18 annos, era francamente bella. Isso não me envaidecia, mas tanto proclamaram essa formosura, que acabei por tornar-me vaidosa por influencia e instinctivamente voluntariosa.

"Nessa occasião, entre mim e o primo, o que fôra na meninice uma amizade fraternal, era um amor immenso, creado com os annos e a convivencia absoluta. Elle me obedecia cegamente e eu me sentia tocada de orgulho com aquella passividade. Meus paes não repelliam tal affecto; ao contrario, o estimavam.

"Meu Manolo, — assim chamava-se o meu escolhido, — era de caracter recto como os pinheiros e bom como os vinhos velhos.

"Estavamos no fim do inverno. E ficou assentado, entre meu pae e meu noivo, que o casamento se realizaria logo que a primavera reverdecesse as videiras. Foi quando, dias após esse convenio, ali appareceu D. Aquino del Toro, um rico e formoso moço da cidade. Enamorei-me delle e fiz-me sua amante, sonhando como o reino encantado que a minha imaginação de moça romantica creára. O desgosto varou o coração de meus velhos paes e chicoteou a alma de meu noivo.

"Fugimos para a cidade e, tempos depois, D. Aquino me fez sua esposa perante Deus. Nessa época, eu já me havia capacitado de que nenhum amor tributava ao homem a quem me entregára. Foi simples e puramente um capricho da minha cabeça sonhadora. E a affeição antiga voltou a dominar-me dia e noite, obsecando-me.

"Meu primo, desilludido e triste, deixára os bens que possuia na aldeia e viéra viver na cidade em que eu habitava.

"Por vezes, encontrava-o nas ruas ou num parque deserto e vinha-me uma vontade absurda de falar-lhe. Elle lançava sobre mim um olhar doloroso e supplicante, — tal como o senhor o faz agora, — e eu dominava o meu desejo, salvando a minha honra. A carne, porém, dominou o espirito. O que eu via a principio como uma infamia acabou por se tornar uma necessidade. A honestidade repellia e a natureza céga impunha-me á saciedade. Entre o bem e o mal, fatalmente domina o ultimo. Foi o que aconteceu. Rolei nos braços de meu ex-noivo como quem rola, conscientemente, num abysmo do qual não se poderá sahir sem grande damno.

"Quiz Deus punir-me, dando-me como castigo dos meus crimes, uma filhinha bonita e rosada como as tardes de verão. E ahi começou a minha maior tragedia.

"Meu marido, que me tributava um doido amor e que tudo fazia por ver feliz, ficou tão contente, tão contente, que até parecia uma creança grande: pulava, ria e chorava repleto de uma felicidade que, ao envez de confortar-me, me aterrava.

"Eu evitava ver-lhe com a "pupilla" sobre os joelhos, numa contemplação extactica, com os olhos incendiados por intensos clarões de intermina ventura. Cada vez mais me sentia dominada por uma idéa monstruosa, advinda da ventura que elle sentia, ventura que me torturava sem treguas. Resolvi afinal! Aquelle homem, para mim tão bom e tão solicito, tinha que, de qualquer modo, deixar o campo dos vivos. E comecei a minha obra hedionda.

"Todas as noites, ao deitarmo-nos, elle saboreava uma chavena de chá e fumava um charuto Havana. Muni-me de dois minusculos vidros de strychinina e láudano e comecei a ministrar-lhe em pequenas doses, na bebida doirada. O estimulante e o narcotico operavam suavemente e elle até se sentia reanimar. A continuidade, porém, trouxe-lhe uma irascibilidade tremenda, e, por fim, a apathia começou a dominar-lhe o organismo todo. Os medicos não atinavam com a origem da "moléstia". Receitavam, receitavam, sem nada conseguir. A morte veiu pôr termo ao seu supplicio. E elle morreu abraçado á bonita garôta, legando-me toda a sua enorme fortuna e pedindo-me que zelasse pela "nossa filha".

"Não lhe respeitei a memoria, como não lhe respeitára o nome, em vida.

"Dias após, meu primo dormia no mesmo thalamo onde dormira meu marido, sem jamais suspeitar da minha infamia. E minha filha foi crescendo nesse ambiente de deshonestidade e maldições.

(Continúa na pag. seguinte)

"Pensei tudo haver passado, quando me adveio, com o correr dos dias, um remorso terrivel, que me torturava a todo instante. Quando, ao penetrar na alcova, se me deparava o meu amante em doce abandono sobre as almofadas onde o meu esposo pousára a cabeça, via o morto ao longo da parede, tomando proporções phantasticas na sua roupa negra, os cabellos em riste, os olhos fóra das orbitas e nas mãos hirtas, cadavericas, os dois vidros fatidicos, a exigir de mim, da sua assassina, da sua fria matadora, a vingança para o traidor e o castigo para a infiel.

"Pensei endoidecer. E teria perdido completamente a razão si não tivesse eliminado o meu primo mais tragicamente do que matei o meu senhor perante Deus e a lei.

"Conversávamos após o jantar, quando a creada entrou sobraçando os jornaes da tarde. E mesmo sobre a mesa, fomos lendo as ultimas novidades. Subito, se me deparou a noticia rocambolesca de um suicidio. E pensei: "Que melhor maneira poderia eu matar o Manolo vingando D. Aquino do villipendio por que passou e que me exige a cada momento?"

"Levantei-me, fui á secretaria e de lá voltei com um lapis e uma carteirinha que dei de presente ao primo e onde elle guardava seus cartões de visita. Comecei, então, a rabiscar alguns, distrahidamente, quando elle me perguntou: "Que fazes?" Disse-lhe, entre outras coisas, que não havia pessôa capaz de escrever um bilhete de despedida da vida, quando não tinha o proposito firme, absoluto, de morrer. Elle sorriu e, levantando-se, deu-me um beijo na nuca. Esse beijo doeu-me mais que uma latégada. Ao longo da espinha, correu-me um frio de catacumbas. Parecia que o meu terno amante já não era deste mundo. Em seguida, para demonstrar o contrario do que eu havia affirmado, pegou no lapis, num cartão, e, num gesto de requintada galanteria, escreveu: "Deixo a vida porque estou farto della. A ninguem cabe a culpa dessa loucura." E assignou. Depois, mimou-me as faces escaldantes. Chamou-me de menina caprichosa, romantica, divinal. E, accendendo um cigarro, deixou a sala em busca da bibliotheca.

Os caracteres que elle traçara bailavam na minha retina como demonios em festa. Em tôrno de mim, tudo rodava, envôlto em sangue, monstruosamente, como um vulcão soterrando, com suas lavas encandescentes, milhares de vidas.

"A' meia noite em ponto, quando o meu amante dormia suavemente, embebi-lhe no peito um punhal até o cabo. Não soltou, si-

MYSTERIOSA

(Conclusão)

quer, um gemido, tal a violencia da punhalada.

"O cartão, o miseravel, o hediondo cartão que elle escrevêra para satisfazer-me a um capricho, elucidou a policia e me livrou de maiores explicações.

"Não parou ahi a minha desdita. Deus voltára os olhos para o ultimo affecto que me restava: minha filha innocente.

"Numa manhã doce e azul, um policial, batendo á minha porta, entregou-me sem vida o meu anjinho. A creada, que sahira a passear com ella, deixando-se prender pelas labias do namorado, abandonára a minha pequenita, que se afogára num lago publico. E fiquei só. Inteiramente só. Minha mãe morrêra de tristeza e de saudade e meu pae não queria saber de mim.

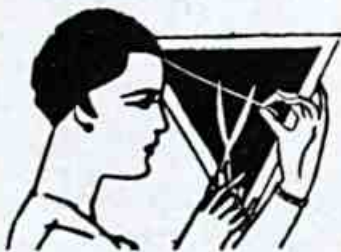
"Percorri quasi todo o mundo em busca de sensações e de esquecimento. Em Paris, por sport, cantei e bailei nos melhores theatros e "cabarets". Em Roma, visitei as ruinas do Colyseu e o Sepulchro Sagrado. No Egypto, conheci as famosas pyramides e os costumes bizarros do seu povo. Na India, o hindú com a sua força mental formidavel e surprehendente. E por fim aqui estou, nomade como em toda parte, trancada dentro de mim mesma, indifferente e fria aos homens e á exterioridade do mundo. A sua força de vontade, a sua persistencia, o seu querer, parece, tocaram-me o egoismo féro e duro. A sua aura vital roçou meu coração com brandura e predispoz-me a offerecer-lhe o meu amor, como quem offerece, conscientemente, uma taça de veneno fulminante. Aceitei-o para morrer ou fuja para trazer em si o germen pernicioso do meu destino. Participe um instante da minha vida, para fenecer como o lyrio á sombra da mancenilha, ou retroceda levando na sua alma e na sua retina a minha belleza de vampiro, que acabará, fatalmente, dando-lhe a morte num estampido de revolver ou nos labios das taças coloridas por liquidos capitosos mas funestos."

E cerrando docemente os cilios longos, o peito arfante, as faces afogueadas, offereceu-lhe a romã madura e entreaberta dos labios voluptuosos, como uma sereia dirigindo copias aos navegadores lendarios e incautos, fazendo-os succumbir nos pelagos tenebrosos do oceano.

O moço ergueu-se, lentamente. Seus olhos relampejavam revoltas terriveis; seus dentes trituravam-se uns aos outros. A monstruosa historia que ouvira turvara-lhe a razão e, onde quer que os seus olhos se alongassem, viam listrões vermelhos, como si a natureza estivesse envôlta em sangue, no sangue das victimas daquella mulher diabolica.

Com as pernas bambas e os cantos da bôcca cheios de espuma branca, aproximou-se daquella creatura bonita, sentiu nas faces o halito quente daquelle escrino de perolas e, rapido como uma estrella que se transmuda, se apossou de um cortador de papel que estava sobre uma escrivaninha elegante. E, impiedosamente, sem a menor consciencia do que fazia, sem um laivo da crueza que ia praticar, embebeu a lamina na carne macia e avelludada como um pecego maduro da mulher em extase, no seu offerecimento sensual.

Um grito rouco e uma gargalhada nervosa, enorme, quebraram o silencio imperativo daquelle recanto perfumado.

E ambos deixaram a vida para sempre. Ella, varada pela lamina cruenta. Elle invadido pela noite da loucura que é a morte aguilhoada dentro da propria vida.

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

A fascinante Nell Gwyn foi a inspiração de um rei

Coquette . . . seductora . . . picante . . . com um sorriso contagioso e uma cutis suave como as petalas de uma orchidea . . . não é de admirar que a "linda e esperta Nell," como Pepys bem a designou, se erguesse dos bairros mais pobres de Londres aos braços de Carlos II. Amada tanto por este como pelo povo, Nell Gwyn é um dos exemplos que a historia nos offerece do poder de attracção que um rosto bonito é capaz de exercer.

A sua cutis tambem despertará admiração se a Senhora usar estes preparados de belleza

Como as mulheres de outros tempos tinham que se esforçar por conquistar e reter a admiração dos homens que amavam! Hoje, porém, não ha coisa mais simples do que a importante arte de conservar a belleza. Bastam tres rapidas operações, que representam o tratamento Dagelle.

Em primeiro lugar, recorra ao Creme Evanescente de Dagelle para preparar uma perfeita base de belleza para a sua maquillage. Este creme emprestará á sua pelle uma maciez de velludo, deixando-a protegida contra os rigores do sol, do vento, da humidade e do pó. Depois, ao retirar-se, applique o Creme Perfeito de Dagelle para limpar os poros, nutrir a epiderme e fazer desapparecer as rugazinhas que tanto afeiam os contornos dos labios e dos olhos. De manhã, ao levantar-se, estimule a circulação do sangue com uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante. Vivatone fecha os poros e dá firmeza aos tecidos do rosto.

Haverá coisa mais facil? Desejamos que a Senhora experimente os preparados que têm augmentado a belleza de tantas mulheres. Envie-nos o coupon para que lhe remettamos o Estojo Especial de Belleza.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

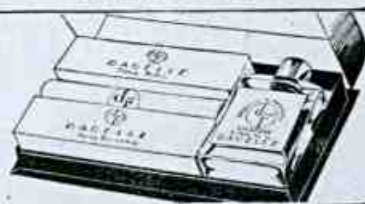
Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 em carta com valor declarado.

Nome...

Rua e No. ....

Cidade......................... Estado.........................

(F. F. - 8)

A EXAMINANDA

SENTADA num banco do recinto reservado aos candidatos e enervada pelo rumor das entradas e das sahidas, Maria Thereza Lahideur era, como se diz, uma creatura que estava em grandes apuros. Ella ia passar as suas lições de mathematica e philosophia, nas quaes não se sentia muito forte.

Precisava de saber bem uma dellas, e o seu pobre coração batia fortemente.

Os seus paes exigiam que ellas fossem bacharela. Elles pensavam que para um bom casamento, a "pelle dasno" teria um grande valor.

Obediente, ella havia trabalhado bastante, si bem que não conseguisse reter as coisas intellectuaes. Mas via bem que, si um bom dote não viesse corrigir os effeitos prohibitivos — e esse não era o caso de Maria Thereza — o titulo tão procurado fazia com que os maridos hesitassem, ao contrario.

Os homens sonhavam antes de tudo, uma bôa amante e, portanto, uma excellente amiga. Mas desconfiam de uma bôa patrôa, que encontram, facilmente, em uma companheira mais instruida que elles.

Assim, para se casar, como convem, apesar da sua falta de dinheiro, Mlle. Lahideur não se fiava senão em outros meritos.

Na sala Guizot, pois, ella esperava a sua vez. Deante della, ao longo de uma especie de escriptorio, os pacientes que iam ser examinados, cochichavam confidencialmente, com os seus inquisidores. As suas attitudes lembravam as dos *habitués* dos bars.

Em numero de quatro, os carrascos se disseminavam, de um lado e do outro do zinico universitario, quatro personagens inquietantes e mais ou menos barbados que não seguiam a moda, senão de muito longe. Os que examinavam as mathematicas tinham deante delles taboas negras, largas lousas que amedrontavam.

Na extremidade mais afastada, mettido n'um *redingote*, collete de velludo e calça cinza, os oculos no nariz, uma antiga cadeia de relogio, cabellos negros a aviador e uma barba abundante de veterinario, um desses senhores espichava uma senhorita, sob o seu chapéo azul pastel.

Tendo durado bastante o divertimento, á custa da examinanda, o homem escreveu uma nota, tomou de uma lista e chamou:

— Mlle. Lahideur.

Ao pronunciar esse nome, o sr. Gonnet, doutor em sciencias mathematicas, esperou por analogia, alguma creatura feia. O rosto encantador, as pupillas azues de Maria Thereza o surprehenderam agradavelmente. Mas, homem de consciencia, elle se revoltou contra uma sympathia que o inclinava á parcialidade, e se compoz um rosto agradavel. Elle não queria ver senão candidatos de um modo neutro, e cujos olhos, azues ou não, pouco lhe interessassem. Foi com uma voz firme que elle ordenou, fazendo olhos de Gorgonne:

— Queira dar-me a theoria da addicção.

A mais simples das mathematicas, a arithmetica é, sem contestação, a menos conhecida. Gonnet não fazia maldade. Elle se punia ingenuamente na pessoa da sua bella examinanda, num movimento inadmissivel, de uma falta, a toda prova, de austeridade.

Maria Thereza ficou aterrada. A theoria da addicção?

Oh! Teria ella ouvido apenas falar em tal coisa? Ella ergueu os olhos ao céo.

Volteando entre os dedos o giz, emquanto o negro do quadro luzia a seus olhos, ella murmurou:

— A addicção é uma operação... a addicção é uma operação...

De Charles Torquet

Depois, caiu num doloroso mutismo, e um tal desespero se pintou no seu rosto, que o bom Gonnet ficou commovido.

— Vamos, mademoiselle, disse elle paternalmente. Não é assim tão difficil. Recorde se bem... dois e dois, quatro...

A joven se julgava perdida, mas sentia que o homem se interessava por ella. De instincto tirou da situação o melhor dos partidos. Ella voltou para o seu algoz um olhar cheio de doçura, emquanto duas lagrimas lhe rolavam pela face.

O pranto feminino é uma arma terrivel. Pela primeira vez na sua vida, o examinador Gonnet conheceu o remorso. Evidentemente, para essa creança, a reprovação seria um desastre. Sempre confidencial, elle continuou:

— Não se perturbe. Não é preciso chorar. As suas notas são bôas, e estou certo de que a senhorita sabe a theoria da addicção. E' a emoção que a desorienta...

— Oh, sim, senhor, eu a sei muito bem, respondeu impudentemente a menina. Não comprehendo essa amnesia... O sr. me olhou tão severamente...

Um tanto timido, o sr. Gonnet ficou lisonjeado. Nada lhe podia ser mais agradavel que a idéa de se impor as senhoritas. Inconscientemente, elle frisou o seu bigode como um verdadeiro mosqueteiro.

Palavra de honra! A garota era deliciosa! Demais, ella trazia cabellos longos. A indulgencia o penetrou de todos os lados. Não notou que se deixava corromper:

— Quero facilitar-lhe as coisas. Vou apresentar-lhe uma questão que conhece muito bem e particularmente. Tome a em si mesma e fale-me della... A' vontade.

Não podia elle ter dito coisa melhor. Apenas, não havia nenhuma questão que Maria Thereza conhecesse em mathematicas. Ella procurou... procurou... não sabendo mais a que santo se apegar, e acabou por traçar, ao acaso, sobre o quadro, dois triangulos eguaes. Marcou nos seis cantos: A B C... A' B' C'. Isso feito, ella esperou uma inspiração do alto.

Entretanto, curvado para o seu collega de philosophia, Gonnet lhe explicava o interesse que tinha por Mlle. Maria Thereza Lahideur, que passava no exame de mathematica e cuja familia elle conhecia, havia muito tempo.

E o sr. Bonif, o eminente philosopho, promettia a sua indulgencia... á conta de *révanche*. Os homens não são senão homens.

Encantado, o sr. Gonnet voltou á candidata. Adoçando a voz do melhor modo, elle se informou:

— Então, mademoiselle?

Maria Thereza estava silenciosa.

Mas Gonnet viu os dois triangulos na pedra, e ficou rubro:

— Ah, sim... Vejo bem... Vae demonstrar-me que são eguaes? Eu o sabia... Agradecido, mademoiselle.

E elle lhe deu ostensivamente uma bôa nota.

Contendo gritos de reconhecimento, Maria Thereza inclinou-se, agradecendo.

E fitou-o com verdadeira ternura.

A' idéa triste de não ver mais aquelles bellos olhos, Gonnet descobriu, de repente, o seu topete:

(Continúa na pag. seguinte)

O CLUB DOS 13 SUICIDAS

Em Londres constituiu-se um club, que, sem a menor duvida, será um dos mais originaes do mundo. Chama-se o "Club dos 13 suicidas". O numero de socios é rigorosamente limitado a 13 homens, os mais valentes e audazes da velha Inglaterra.

Os socios serão escolhidos e eleitos de accôrdo com os feitos e aventuras que tenham realizado — levando-se em conta que estes aventureiros e estes feitos são do genero dos que fazem arrepiar os cabellos á humanidade normal.

A alma "mater" do novo e original club é mister C. L. Ager, notavel "steeple-jack", que, se traduz, mais ou menos, como um especialista em limpezas de chaminés, torres e campanarios.

Mister C. L. Ager entrega-se a suas occupações diarias — como trepar e ficar pendurado á ponta dos pararaios da igreja de São Paulo — com a mesma tranquillidade com que nós outros tomariamos um omnibus, e, no emtanto, faz suar frio a quem o veja nas suas "altas" acrobacias.

A ALDEIA DA LIBERDADE

Por mais que pareça incrivel, em varias regiões do centro da Asia existem verdadeiras colonias ou centros de civilização, nos quaes os indigenas são preparados para uma vida menos selvagem que a que levam.

Retiramo-nos do estado de escravidão em que viviam, dando-se-lhes a mais ampla liberdade, como, tambem, lhes são ministrados educação moral e instrucção profissional.

A iniciativa da installação desses centros de cultura no continente negro deve-se aos inglezes e italianos.

O primeiro centro civilizado foi fundado, em 1864, pelo padre Comboni.

Dois negros africanos da Ethiopia, assim educados, foram enviados ás grandes officinas de Ansaldo, na qualidade de mecanicos.

E tal foi a pericia que revelaram que a direcção da empreza acabou por nomeal-os "chefes de machinas".

A EXAMINANDA

(Conclusão)

— De mais, a senhorita tem grandes disposições para a mathematica e, si a pudesse encontrar fóra daqui, teria muito gosto em lhe fazer desenvolver essas disposições.

Mlle. Lahideur teve o bom gosto de não accentuar os seus agradecimentos, que teriam sido compromettedores para o examinador.

Ella prometteu obter dos paes um convite para o professor Gonnet jantar em sua casa. Certamente elle não se agastaria com a idéa da moça.

Como na canção de Nadaud, ella era das que amariam mais um notario, e desprezava os jovens promptos para o divorcio.

Comtudo, ella aceitaria um professor, que já lhe fazia bellos olhos, antes mesmo de conhecer o quantum do seu dote. Decididamente, o bacharelado tinha algo de bom. O principal era saber desempenhal-o.

Ligue para a Radio Sociedade Record (PRAR) ou para a Philips do Brasil (PRAX) terça-feira às 21,30 horas para ouvir um programma de lundús, batuques, sambas, cateretês e maxixes com a historia de cada um delles na vida brasileira.

O DEDO DO DESTINO

PELAS dez da manhã, encontravam-se, um e outra, na praça da "Opera". Magdalena estava parada na extremidade de uma calçada, á espera da passagem livre; Carlos achava-se parado justamente defronte della, esperando a mesma coisa. A joven foi a primeira a reconhecer o amigo e, com a exuberancia gaiata que lhe era habitual, poz-se a gesticular com os braços. Carlos contentou-se com um pequeno cumprimento discreto. Puderam, afinal, juntar-se, em meio da rua, sobre o passeio, e logo Magdalena exclamou:

— Bravo, Carlos! Que bella surpresa! Como está? Muito bem, ora graças! Imagine que me deram o endereço de um sapateiro maravilhoso! Um preço unico: 79 francos! Vou correndo comprar sapatos de sport. Vem commigo? Sim, sim! Você me faz sempre rir com os seus negocios sérios! Além disso, estou certa de que tambem precisa de sapatos! Compraremos cada um o nosso par. Será muito divertido; venha, venha!

— Mas Magdalena...

— Antes de tudo, você bem sabe que não gosto de ser chamada assim. Chame-me Maud! E' mais juvenil, mais moderno, mais alegre! O mesmo se dá com você; Carlos é muito velho estylo! Emquanto Charley... Olá! Charley! Partamos! Não tenha receio dos automoveis! Siga-me!

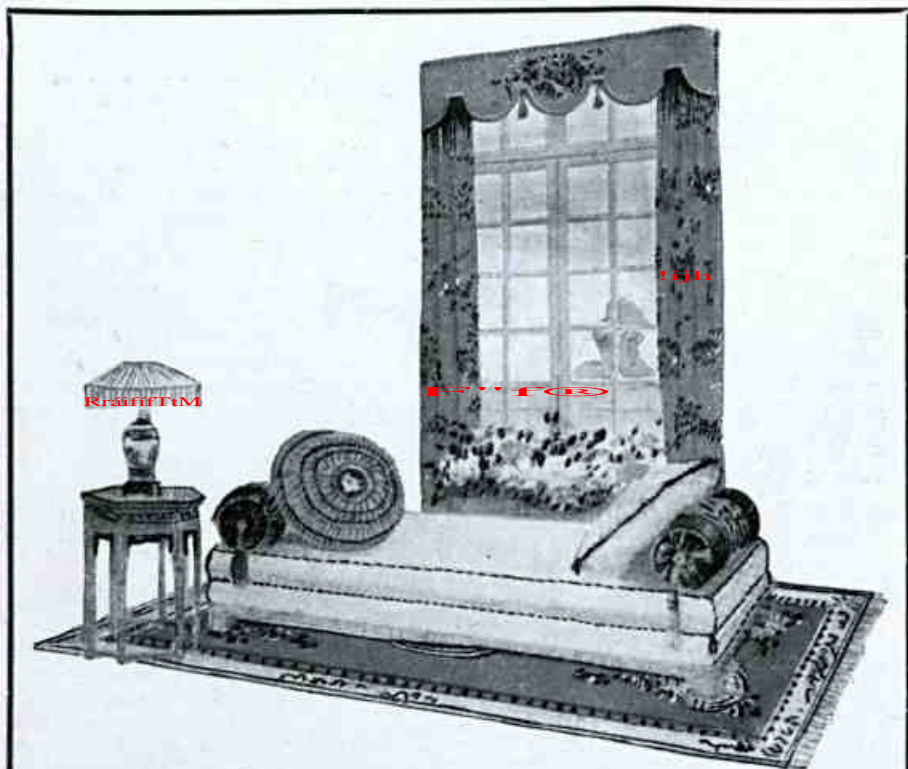
Eh, sim! Naturalmente, que elle a seguia através dos vae-e-vens dos automoveis. Como o poderia fazer diversamente? daquella creaturinha desprendia-se uma força irresistivel, feita de vitalidade feliz e de audacia inconsciente!

E depois, para encurtar palavras, Carlos estava apaixonado por Maud desde as férias precedentes quando a encontrára á beira-mar; perdidamente apaixonado, mas extremamente timido. Ousára, apenas, uma ou duas vezes, durante os ultimos mezes, fazer allusão a um "certo matrimonio que o teria enchido de alegria". E como não se lhe tinha respondido sinão com "Oh! oh! Ah! ah!" ou com "Que coisa engraçada!" o rapaz perguntava a si mesmo ainda si Magdalena experimentaria por elle alguma amizade ao menos...

Na larga calçada da avenida da "Opera", a moçoila poz-se a caminhar com passo desenvolto e martellado, com passo desportivo, passos de *sportwoman*, o que pretendia ser. Ao lado della, Carlos esforçava-se para caminhar do mesmo modo. Não houve silencio, porque Maud recomeçou novamente:

— Estas manhãs de primavera, em Paris, são deliciosas! A gente se sente rejuvenescer! Tem-se vontade de correr, de saltar, de brincar de roda como aos dez annos. Si não me refreasse, abraçaria todas as pessôas que passam...

E, até á praça do theatro Francez, Carlos teve de contentar-se em ouvir, sem proferir palavra.

Ahi, porém, uma agglomeração de viaturas im-

De Roger Régis

mobilizou os jovens na extremidade da calçada. Carlos aproveitou o breve repouso para murmurar:

— Maud, preciso falar a você seriamente!

— Ah! Ah!

— Não é talvez necessario que eu diga "Amo-a!" Você é muito intelligente para não o ter adivinhado. O que quero saber é si você me ama tambem e si concente em casar commigo...

— Oh! Oh!

— Peço-lhe o favor de poupar-me de exclamações ironicas! O momento é grave. Não posso mais viver na duvida. Perco a cabeça!

— Seria deveras doloroso, Charley! Você tem uma cabeça que me agrada tanto! E escute agora, desde que estamos em veia de confidencias, accrescentarei as coisas que me agradam menos em você. Antes de tudo, você é muito timido. Não mudará nunca. Depois, não anda bem vestido. Oh, sei, os seus ternos são confeccionados num bom alfaiate. Todavia, não é cuidadoso: ha sempre uma nodoa no paletó ou leves esfoladuras no collete. Semelhantes coisas não me agradam. Não poderei desposar um homem que não estivesse da cabeça aos pés perfeitamente em ordem!

Tinham voltado á esquerda, para a rua Saint Honoré, e caminhavam de novo desembaraçadamente Maud, de novo, falava, falava...

Uma só vez, Carlos poude tomar a palavra para desculpar-se. Si alguns descuidos eram notados em sua roupa, era porque vivia sozinho. Os seus paes moravam na provincia e uma modesta camareira pouco se preoccupava com os pequenos detalhes do vestuario. Ah! tudo seria differente si estivesse casado! Maud só tinha que experimentar!

— Cale-se, agora, Carlos... E' aqui — interrompeu a joven.

— Que?

— O sapateiro a que nos dirigimos.

Na esquina da rua, uma modesta loja apresentava, na vitrine, um largo annuncio onde se podia ler: *"Tudo aqui por 79 francos."*

— Entremos! — fez Maud.

— Mas você não me deu uma resposta! — suspirou Charley.

— Entremos depressa! A loja está vazia!

Entraram e assentaram-se, um ao lado da entra.

Maud ordenou ao caixeiro:

— Comece pelo senhor!

Emquanto era mudado o sapato direito de Charlei, os dois discutiam sobre o que convinha escolher. Foi ainda Maud que decidiu... Mas, bruscamente, lançou um "oh!" de surpresa:

— Olhe para a ponta da sua meia!

— Que é? — perguntou Charley.

E olhou. Através de um buraco, a unha do dedo grande apparecia... como um pequeno burguez que mostra a cabeça á janella. Charley enrubesceu de confusão. E' sempre muito desagradavel, deante de uma mulher, exhibir semelhante desleixo, mas, deante de uma mulher que se ama, deante de uma mulher que lhe declarou: *"Não poderei nunca — desposar um homem que não esteja da cabeça aos pés, perfeitamente em ordem!"* não era uma catastrophe? Elle deixou experimentar os sapatos como um condemnado á morte deixa cortar os cabellos e não tinha sinão um desejo: que acabassem depressa com aquillo. No emtanto, Maud, fechada num mutismo ameaçador, olhava a rua.

Não encontrou a palavra senão para indicar ao caixeiro o genero de sapatos que desejava. Ella examinou, discutiu, escolheu. Foi-lhe tirado o sapato direito. Um grito de surpresa, mas de alegre surpresa, fugiu dos labios de Carlos.

— Que é? — perguntou Maud.

— Olhe a ponta de sua meia!

Como o dedo de Carlos exactamente, o dedo da joven tomava ar na janella...

Os dois se olharam longamente. Depois, um mesmo sorriso de terna cumplicidade passou pelos labios de ambos e Carlos, curvando-se para a amiga, perguntou-lhe, em voz baixa:

— Não acredita, Magdalena, que seja isto o dedo do Destino?

— Sim, Carlos, acredito! — respondeu ella.

IDADE IMPIEDOSA... — A senhora se lembra com que idade os seus dentes de ouro começaram a crescer?...

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 27

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1932

A INTELLIGENCIA E A FELICIDADE

HAVERA' felicidade possivel entre um marido de mentalidade inferior e uma mulher de espirito superior?

Foi esta, nem mais nem menos, a pergunta que ha dias me foi dirigida num salão.

Julgando a these demasiado complexa para uma resposta breve, logica e precisa, reservei-me o direito de estudal-a com mais vagar e attenção.

Agora, direi o que penso.

*

Para isso, no emtanto, necessito de amparar as minhas idéas no conceito de uma mulher intelligente: George Sand.

E' George Sand quem pontifica sobre a delicada questão: "L'amour, c'est le bonheur qu'on se donne mutuellement." Ora, si o amor é, realmente, a felicidade que se divide entre duas pessôas, é mister que ellas se entendam e se approximem por uma estreita affinidade de espirito.

Não creio que essa communhão seja possivel, quando o homem, — joguete de uma situação subalterna, — dentro do lar, — esteja no dever de subordinar as suas idéas e, consequentemente, a sua vontade, a sua acção, ao despotismo e á intelligencia da mulher.

Na alma desta, haverá, permanentemente, um pouco de piedade e de desprezo pelo homem que vive ao seu lado. Quando não fôr apenas desprezo... E, naturalmente, ella, a *femme savante*, sentirá a necessidade incoercivel de equilibrar o seu espirito com as energias mentaes que não encontra no esposo.

Aliás, a meu vêr, a unica inferioridade de que se póde accusar um pobre homem, em confronto com uma mulher intellectual, é a da falta de intelligencia. Tudo mais é perdoavel. A inferioridade mental acarreta as demais. Ella deprime e inferioriza o homem sob todos os aspectos.

Emquanto ella é a artista, a escriptora, a medica, a professora ou scientista X..., elle será apenas o marido. O "marido" da artista, da escriptora, da medica, da professora, ou scientista X...

E' uma melancolia.

E onde a felicidade possivel?

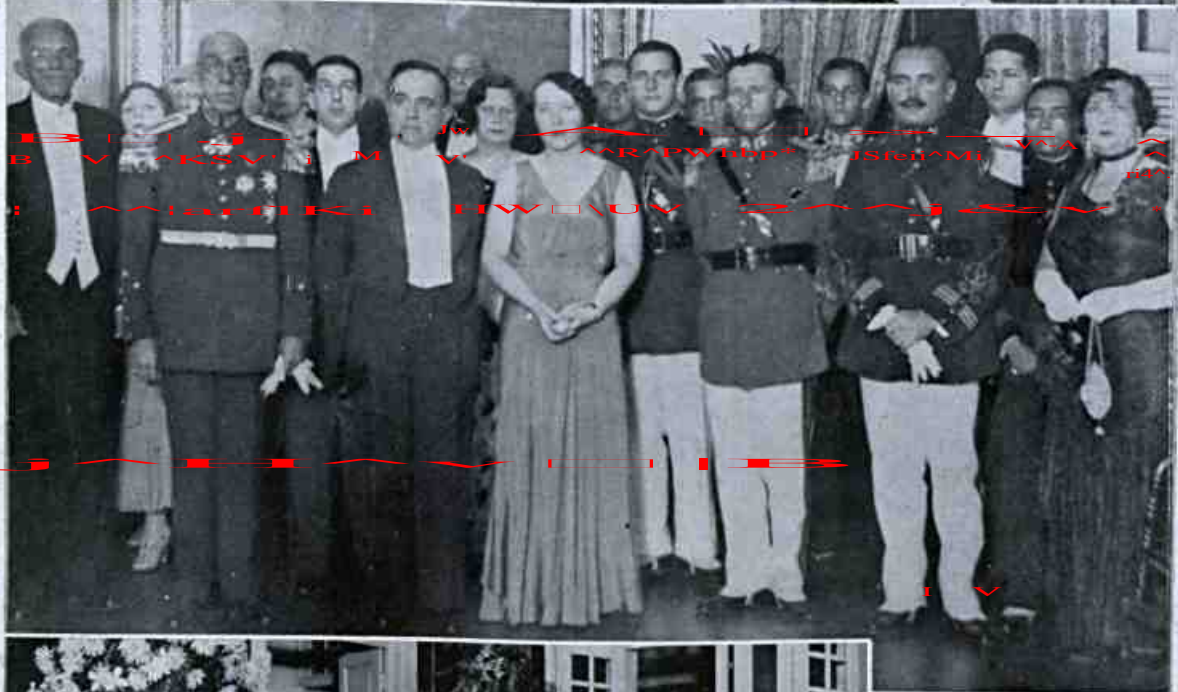
Dirão que George Sand traiu Alfred de Musset. Ella o traiu, sim, mas com um medico illustre, o dr. Pagello, amigo do poeta. De resto, George Sand, cujo verdadeiro nome era Aurora Dupin, não passava de uma mulher sem dignidade. Como Agustina Brohant, Rachel, a princeza Belgiojoso e outras, a novellista franceza era uma aventureira vulgar. Mesmo assim, reconheceu o seu erro, a sua infamia e, um dia, Musset foi encontral-a como um cão, rojada á sua porta. Ainda ahi, o superior era elle.

Si invertermos os termos da pergunta, direi que a felicidade é bem possivel, no caso em que a mulher seja mentalmente inferior ao marido. Basta que ella se contente com ser a sua sombra e possa viver sob o intenso clarão que delle se irradia.

Foi esse o caso de Zola. Mme. Emile Zola era filha de um typographo.

E como elles foram felizes!

BASTOS PORTELA

Satin imprimé rose gris et blanc. Ceinture de velours noir.

Muito brilhante foi o baile com que o Club Militar festejou a passagem do anniversario da sua fundação. Precedendo esse baile houve uma sessão magna, na qual falaram vários oradores, referindo-se aos feitos das armas brasileiras e á fundação daquella sociedade militar. Os salões do elegante club apresentavam um aspecto verdadeiramente feerico, onde se moviam as figuras de maior destaque do «set» carioca, e onde se destacavam o chefe do governo provisorio e exma. sra. Getulio Vargas.

Caverna de Ali Babá

O nosso illustre patricio, dr. José Vieira de Rezende Silva, director da Recebedoria do Districto Federal, e autoridade de reconhecida competencia em materia de administração fazendaria, tanto se distinguiu, agora, prestando o mais valioso concurso junto á commissão encarregada dos trabalhos do amplo e radical plano de reforma dos varios serviços affectos ao Ministerio da Fazenda, que seus amigos e admiradores, reunindo-se, vão prestar-lhe as mais significativas homenagens. O trabalho nesse sentido apresentado pelo distincto funccionario federal é, realmente, nas suas linhas geraes, conforme o reconhecem os technicos, uma obra perfeita.

AS ARVORES

Em toda a parte são os poderes publicos quem protege as arvores. No Brasil dá-se justamente o contrario. São elles que as perseguem. Ha nos nossos dirigentes a phobia do arvoredo. Com a maior sem cerimonia se abatem gigantes vegetaes seculares que somente deveriam merecer respeito e veneração. Por causa dum alto funccionario municipal atacado por ladrões á sombra das acacias da rua em que morava, a Prefeitura abateu-as todas. A febre dos jardins modernos botou abaixo na praça 11 de Junho as velhas casuarinas plantadas por Glaziou. E a poda que a Inspectoria de Mattas effectua annualmente é na verdade selvagem. Muitas arvores não resistem á sua furia barbara.

Por que essa gente não medita naquelle proverbio arabe que diz: "Quem mata uma arvore mata um homem"?

A MULHER

Desde que o mundo é mundo, os livros sagrados e todos os manejadores da penna têm procurado definir esse ser complexo que é a mulher. Na maioria, pintam-na com as peores côres e apontam-na como o caminho da perdição. Poucos são os que lhe fazem a devida justiça, como Michelet. E ainda mais raros os que a desenham com pinceladas côr de rosa. Todos, entretanto, estão de accôrdo em affirmar que ella é sempre deliciosa...

Basta o facto de tanto se preoccuparem em falar mal della para demonstrar o seu interesse, o qual resalta até desta pequena e garota definição de Berilo Neves:

"A mulher é um animal que nunca tem dinheiro trocado."

O nome de Paulo de Magalhães é por demais conhecido para que necessitemos dizer de quem se trata. O que importa é annunciar um novo livro do laureado escriptor, cujas victorias intellectuaes se contam ás centenas, sobretudo na arte de escrever para o theatro, em que elle, incontestavelmente, se tem distinguido com brilho e galhardia. Paulo de Magalhães acaba de publicar uma novella realista intitulada «A mulher que morreu tres vezes», que conquistou um premio na Argentina, onde appareceu vertida para o hespanhol, em 1923, e que no Brasil alcançará, por certo, brilhante exito de livraria.

OSCAR WILDE

Sebastião Mermoth de Berneval, que se tornou celebre sob o pseudonymo de Oscar Wilde, era um mystificador, um archi-pagão, um estheta e um snob. Morreu em Paris, na miseria, numa noite glacial de novembro do anno de 1900. Nos ultimos tempos de sua vida, costumava sentar-se no terraço do Café Procope, tomando uma cerveja preta, porque já não podia tomar o absyntho. Embora mal vestido, mantinha erecta a sua cabeça de fidalgo, de larga fronte e olhar profundo sob as espessas sobrancelhas, de nariz nobre e bocca ironica em que fulgia um sorriso ao mesmo tempo de Mallarmé e de opiomaniaco. Apesar de sua decadencia, fluia de todo elle uma fina espiritualidade. Tinha os cabellos grisalhos e as mãos, apesar dos trabalhos forçados a que fôra condemnado em seu paiz, eram delicadas. Olhando-as, ficava-se convencido de que haviam sido destinadas para harmoniosas obras de Dôr e de Arte. E, em torno do café, os estudantes se reuniam para contemplal-o...

Sésamo

O dr. M. C. Braga Netto, que se formou ha pouco pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde deixou traços brilhantes da sua formosa intelligencia, é, já hoje, uma figura prestigiosa da nossa classe medica, como pediatra de valor e clinico de diagnostico seguro. Ex-interno do Abrigo Hospital Arthur Bernardes e do Hospital São Francisco de Assis (clinica pediatrica da Faculdade de Medicina), o dr. Braga Netto acaba de instalar seu consultorio nesta capital, onde seu nome goza de grande estima.

NOITES CAIPIRAS

O Fluminense F. C. e o Botafogo F. C. festejaram lindamente a noite de São João, abrindo as suas sédes ricas aos «modestos caipiras» que ali foram divertir-se numas horas regionaes de multiplos encantos brasileiros, com fogos de artificio, comidas nacionaes, barraquinhas de campo, kermesses e danças antigas. Esta pagina focaliza tres grupos de lindas «caipiras»... civilizadas que deram uma nota de graça tropical ás festas de São João no Fluminense F. C. e no Botafogo F. C.

Encantadora foi a festa sertaneja com que o America Football Club commemorou a tradicional noite de S. João. O programma organizado para isso se compoz de vários numeros interessantes. O campo do applaudido club foi transformado num pequeno arraial, onde se podiam apreciar os mais curiosos aspectos da vida do sertão brasileiro. Ahi estão vários flagrantes da linda e pittoresca festa caipira.

PEQUENOS CONSELHOS

Quando estiveres na companhia de senhoras que falem demasiado, todas a um tempo, bastará dizerdes: — Comece a falar a mais idosa! e todas se calarão.

Para que te julguem um homem serio e respeitavel, anda sempre de guarda-chuva.

Não acredites em nada que te conte o barbeiro ao te cortar o cabello ou fazer a barba. Os Figaros falam para matar o tempo.

Si ainda não tiveres almoçado e fôres pedir um favor a alguém, finge palitar os dentes.

Ao sahires dum almoço ou jantar, nunca esqueças um garfo no bolso, salvo se tiveres verificado antes que é de prata.

Nunca fales de difficuldades e misérias. Gaba-te sempre e conta sempre grandezas. Mieux vaut faire envie que pitié, dizem os francezes.

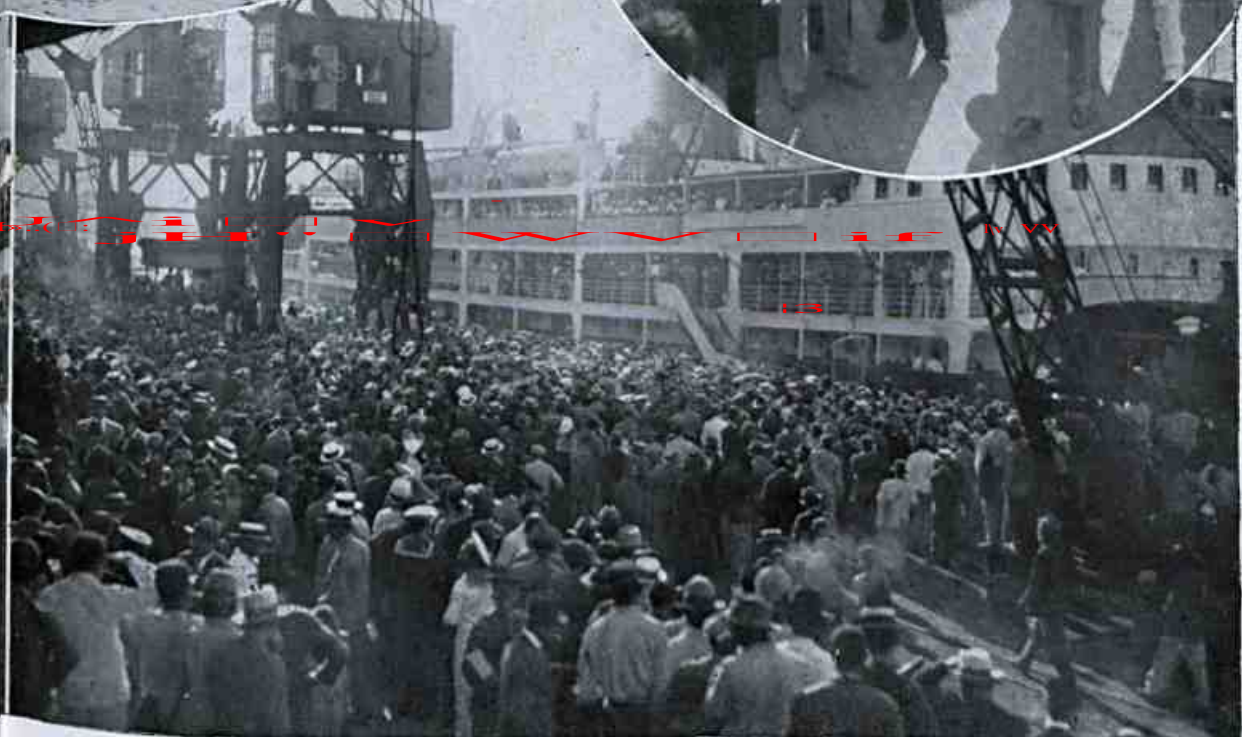
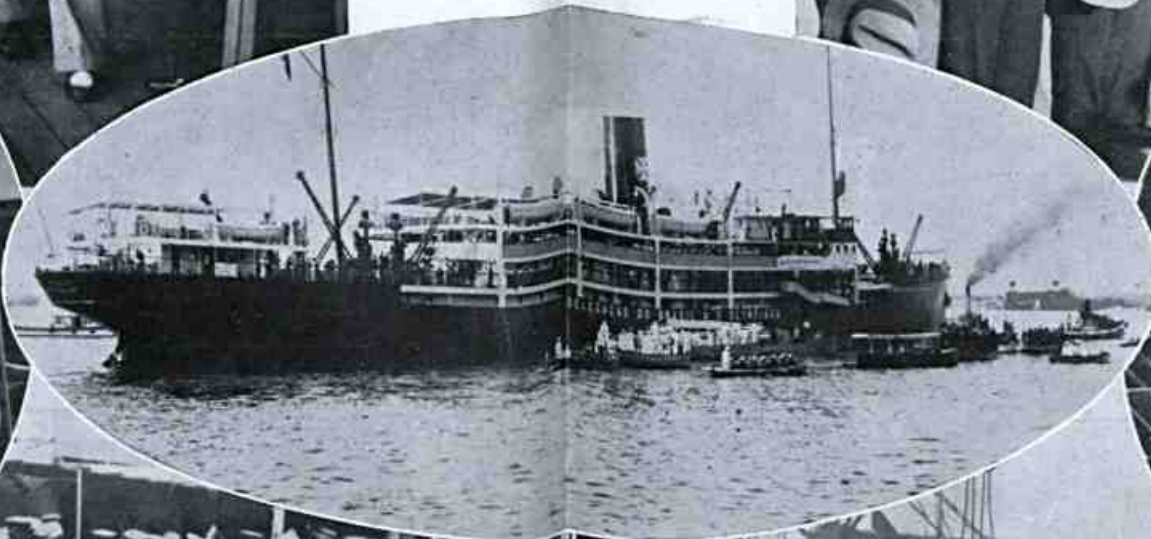
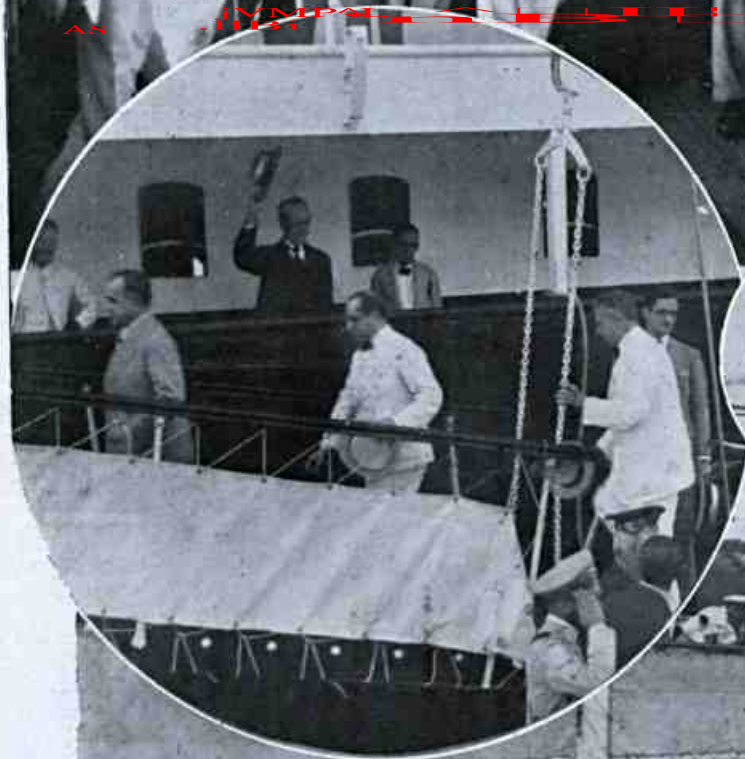
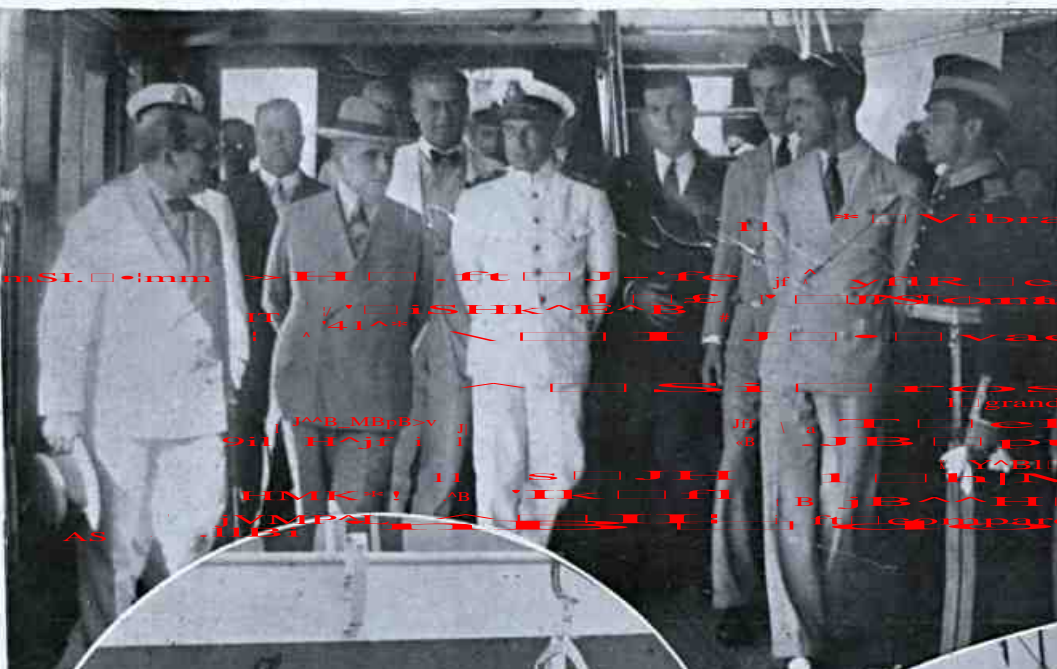
Grupos de «caipiras» que animaram a festa sertaneja do America F. C., na noite de São João. O povo simples do «arraial», com os seus trajes domingueiros, enfrenta, sem medo, a machina civilizada do photographo... Reparem como elles tambem gostam de apparecer nas «fôlhas»...

No mesmo scenario sertanejo onde se divertiram as pessôas grandes do America F. C., na noite de São João, a guryzada do campeão do Centenario se reuniu na tarde de domingo passado para festejar, tambem, o santo das fogueiras e dos balões. O arraial improvisado ainda lá estava, com as suas barracas choupanas, a sua capellinha e os seus aspectos regionaes. E os pequenos habitantes dêsse trecho de certão falsificado pela inveja do homem da cidade fizeram tudo o que fazem os legitimos caipirinhas que nem dão confiança aos seus collegas civilizados... A nossa pagina dá uma idéa do que foi essa interessante festa regional infantil.

UMA NOITE DE SÃO JOÃO

Lucy Eyer, galante filhinha do illustre professor Frederico Eyer e de d. Augusta Eyer, fez doze annos no dia de São João e as suas amiguinhas se reuniram, no palacete da rua Professor Gabizo, para festejar aquella data de tantas alegrias para todos os que querem bem á intelligente anniversariante. Mas as senhoritas Alayde e Lysia, manas de Lucy, moças bonitas e também intelligentes, resolveram concertar uma festa de gente grande para a noite de 24, convidando moças e rapazes das suas relações e contractando uma orchestra de salão para animar as danças que então se realizaram na residencia do dr. Frederico Eyer. Alayde e Lysia sabiam que só mesmo por causa de Lucy conseguiriam de seu illustre pae a devida licença para esse baile, que resultou, aliás, numa linda e rutilante festa.

As forças sportivas do Brasil e a Decima Olympiada

Vibrantes de enthusiasmo e patriotismo, partiram, no sabbado ultimo, a bordo do «Itaquicê», transformado em cruzador auxiliar da nossa Armada, com destino á America do Norte, a equipe brasileira que nos vae representar na 10.ª Olympiada, a realizar-se em Los Angeles. O embarque dos «sportsmen» brasileiros assignalou um acontecimento de grande repercussão sportiva e mundana, sem esquecer o elemento popular que foi levar aos bravos rapazes os seus votos de boa viagem. A nossa pagina focaliza os principaes aspectos do embarque, a que tambem compareceram, pessoalmente, o chefe do governo provisorio e o ministro da Marinha, que ahi se vêem.

O cão que não tem colleira, mas paga imposto... e Ayrton, seu pequeno dono, que é filho do sr. Joaquim Figueiredo e de d. Josephina Neves Figueiredo, num instantaneo difficil de apanhar.

— VEM cá, queridinha. Senta-te aqui, a meu lado, e repousa tua cabecinha de cegonha estonteada no peito amigo do teu maridinho... Sim, assim. Dá-me tuas mãosinhas inquietas. Vê: beijo-as longamente, carinhosamente. Olha-me, agora. Derrama nos meus olhos verdes a caricia illuminada da noite sombria dos teus... Isto... Sorri, anda... Desmancha este biquinho de amúo e conforta meu coração, cheio de ti, com a alegria brejeira do teu sorriso de gatinha amorosa... Ah! Já sorris? Agora, fala-me, dize-me porque estás enervada, que queixa tens a formular contra mim, para que, ao menos, possa defender-me...

— Não tens defesa. Tudo te accusa e condemna!

— Tudo me accusa e condemna? Que queres dizer, meu amor?

— Já não sou o teu amor... Não quero ser mais o teu amor...

— Não queres ser mais o meu amor! Emfim, não te comprehendo... Explica-te logo... é melhor.

— Não te devo explicações. Basta de fitas. Todo dia, a mesma coisa... Pala[illegible]rento... Juras falsas... Mentiras... Tudo mentira e irritante cynismo!

— Mas...

— Não tem mas... E' isso mesmo.

— Deixa-me falar, já que não queres explicar-te?!

— Para que? Perderás o teu tempo e as tuas palavras, que já não calam nem ecoam no meu coração desilludido...

— Desilludido? De mim?...

— E's como os outros, como todos os homens... Uns broncos, uns falsos, uns hypocritas, uns mentirosos, trahidores contumazes e cynicos...

— Estou pasmo... Não te comprehendo... Ora bolas! As mulheres são, mesmo, malucas, todas ellas...

— Malucas! Sim, malucas porque ainda não se emendaram e continuam a acreditar na eterna mentira com que vocês levam a vida a illudil-as! Sim, malucas, idiotas, como eu fui, ao crer no teu amor de palavrorio!

— Sabes?... Basta... Não quero ouvir mais nada... Adeus...

— Adeus? Adeus, por que? Não disse, não disse que não me amavas! Ahi está a prova do teu amor, do teu grande amor! Adeus... Adeus... E com que frieza, com que indifferença! Sou uma desgraçada, uma infeliz! Que fiz, meu Deus, para soffrer assim?...

— Louquinha! Meu amor, minha queridinha, que tens? Por que estás assim com o teu maridinho, que te quer tanto, que tanto te ama e adora? Põe tua cabecinha tonta aqui no meu hombro... Deixa-me beijar teus olhitos negros marejados de lagrimas... E's uma creança, minha adorada. Uma creancinha maluca, maluquinha...

— Tu não me amas, não...

— Se amo! Bem o sabes...

— Mas não és só meu...

— Se sou! Teu, somente teu... As outras... As outras mulheres são uma peste de que eu fujo...

— Se foges, é porque não confias em ti, no teu amor e tens medo que ellas te prendam.

— Ellas, prenderem-me? Estás louca! Se todas ellas reunidas não valem o que tu vales...

— Então, eu sou para ti todas as mulheres, valho por todas ellas?

— Sim, querida, tu és a Única, a Adorada—expressão e forma maxima do eterno feminino, realizando o meu sonho de amor e de felicidade na terra...

— Meu amor! Meu querido! Beija-me! Beija-me e repete, torna a dizer-me que és meu, que serás sempre meu... só meu!

— Sim; teu, somente teu, hoje, como hontem, amanhã como sempre!

— E gostas mesmo de mim? Achas-me boasinha?

— Deliciosa! Delicious.

— Como na fita do Roulien?...

— Como na eterna fita do amor...

— Máu!

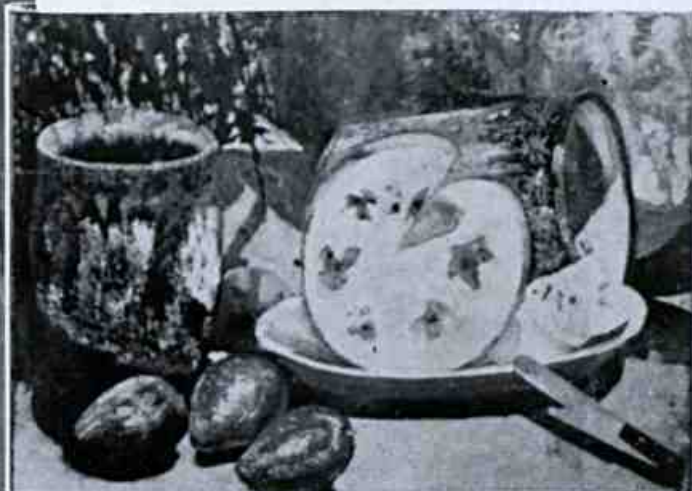
— Querida... queridinha...

MAX LINDEK

Mery, filhinha do fallecido Adalberto Costa e de d. America Medeiros Costa. E' uma intelligente bahianinha da cidade de Caravellas, e já sabe fazer «pose» para o photographo...

Esta linda princezinha se chama apenas Maria de Lourdes, tem dois annos e é filha do dr. Eugenio de Souza e de d. Branca Leoni de Sousa.

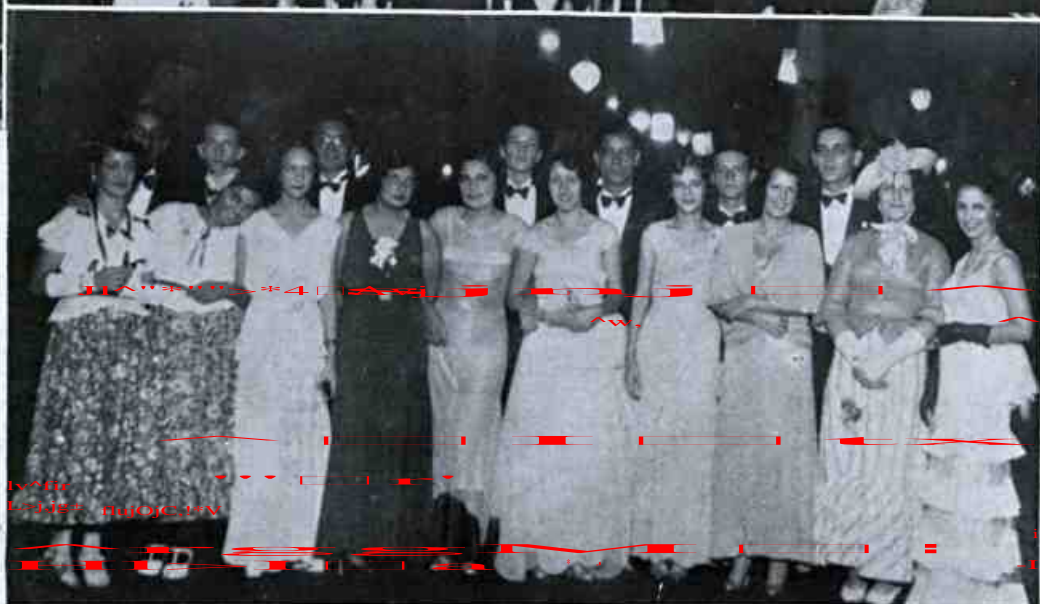
A Sociedade Brasileira de Bellas Artes, de que é actual presidente o conhecido esculptor patricio Humberto Cozzo, é uma instituição que não tem mentido á alta finalidade que determinou a sua fundação, ha mais de vinte annos. Mantendo uma galeria permanente de arte, expõe, anno a anno, os trabalhos mais expressivos da actividade artistica nacional. Agora mesmo, um lindo conjuncto de telas e erculpturas de valor adornam o salão da rua do Mexico,

attrahindo a attenção dos nossos circulos de arte e de numerosos amadores. Desse bello conjuncto, destacamos os quadros que illustram esta pagina, firmados por artistas consagrados, e que são: «Marinha», de Virgilio L. R.; «Preta», de Maria Francellina; «Retrato», de Oswaldo Teixeira; «Natureza morta», de Jordão de Oliveira. Vê-se, tambem, na mesma pagina, um grupo apanhado por occasião da inauguração do «salon» deste anno.

O Tijuca Tennis Club, que festejou em junho, com as mais brilhantes commemorações, o anniversario de sua fundação, teve, tambem, a sua deslumbrante noite de São João, com todas as seducções tradicionaes e pittorescas da vida sertaneja do Brasil. A illustre directoria do prestigioso club tijucano, com o dr. Heitor Beltrão á frente, organizou uma festa regional que movimentou toda a elegante sociedade daquelle aprazivel bairro carioca. E o palacio colonial da rua Conde de Bomfim, transformado na «Casa Grande» da fazenda, se encheu de «matutos» austeros e de lindas «matutas» que mexeram com o coração de muita gente... Houve danças nos salões. E, no parque, illuminado com lanternas e pontilhado de barracas pittorescas, a alegria dos «caipiras» se derramou com toda a effusão da simplicidade brasileira. O Tijuca fechou, assim, com chave de ouro o programma das suas festas de junho.

A gentil senhorita Alice Cruz Guimarães, cujo enlace com o dr. Newton Silva Lima se realizou sabbado ultimo, nesta capital, com o seu interessante cortejo.

A FESTA DE UM POETA

HUGO AULER, o joven Auler que, na opinião de Adelmar Tavares, é "o seu irmão mais moço", — o nosso Hugo foi, brilhantemente, homenageado por um grupo de intellectuaes, ao ser encerrado o Salão do Núcleo Bernardelli. E' que o fino chronista e poeta que é, na hora presente, "l'enfant gâté" da sociedade carioca, fez a leitura do seu poema de estréa "A Dansa Heraldica dos Rythmos", na séde da Sociedade Sul-Riograndense. Elegante de attitudes e de espirito, Hugo Auler é uma figura de irradiante sympathias, tal é a seducção da sua pessoa e da sua penna cheia de scintillações. E' já um victorioso. Venceu com a sua linda collectanea de versos, personalissimos, e com a superioridade do seu espirito moço, onde a inveja não se accommoda e não ha mesquinharias occultas. Os lábios mais lindos da declamação carioca disseram versos d'"A Dansa Heraldica dos Rythmos". E nomes como Adelmar Tavares, o grande poeta de "O caminho enluarado", e Murillo de Araújo, o cantor da "Cidade de Ouro", prestigiaram a sua festa de arte, que foi um acontecimento de repercussão nos círculos literários e mundanos do Rio de Janeiro.

O poeta Hugo Auler lendo o seu poema, e um aspecto da assistencia.

Em cima: o sr. embaixador de Portugal e exma. sra. Martinho Nobre de Mello entre as figuras da sociedade lusa desta capital, por occasião da primeira recepção que suas excias. offereceram aos seus compatriotas aqui residentes. Em baixo: a noite de São João na «Casa do Medico», onde os associados do Syndicato Medico Brasileiro festejaram brilhantemente, numa reunião dançante animada por um «chôro» regional, o grande patrono das fogueiras.

O nosso illustre patricio, dr. Paulo de Assis Ribeiro, ao ser designado para superintendar os serviços de inspecção do ensino secundario, teve acolhida, com geraes sympathias, a escolha do seu nome para aquelle alto posto technico. E, á frente dessa importante dependencia do Departamento do Ensino, vem o distincto patricio prestando os melhores e mais efficientes serviços, numa magnifica demonstração da sua capacidade de trabalho e dos recursos mentaes e culturaes de que dispõe.

O dr. Sylvio d'Avila, que em brilhante concurso acaba de conquistar a livre-docencia da cadeira de technica operatoria e cirurgia experimental na Faculdade de Medicina da nossa Universidade.

Depois de varias provas em que patenteou, com brilho, os seus conhecimentos scientificos, o dr. Joaquim de Britto foi nomeado livre-docente de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde, certamente, colherá novos triumphos para a sua auspiciosa carreira. O novo e illustre professor, nome bastante conhecido nos circulos culturaes desta capital, foi muito cumprimentado por seus collegas, amigos e admiradores.

As festas joanninas no Club dos Caiçaras, no Grajahú Tennis Club e no Club Gymnastico Portuguez decorreram cheias de expressivo brilho regional e animadas pela alegria de uma sociedade que sabia divertir-se. Nos salões dos tres clubs cariocas movimentaram-se, vestidas de fascinantes «caipirinhas», encantadoras silhuetas da cidade, que o «cliché» desta pagina apresenta nos seus trajes sertanejos.

DA MENTIRA

Não seja de mim que a mentira receba um elogio. Bem sei que ella merece a repulsa das bôas almas. E é justo, outrosim, que eu me não queira incluir entre as pessôas más. Mentiria e seria hypocrita...

Mas, como tudo neste mundo tem a sua attenuante, a mentira, ás vezes, é recebida com flôres: quando concorre para a salvação, dando tempo ao perdão almejado.

Não se deve confundir a mythomania, — estado morbido —, com a mentira procedente de necessidade convencional.

Quantas vezes uma mentira, a respeito de determinadas affecções, não tem concorrido para a conservação da vida de amigo enfermo? A própria sociedade não vive, automaticamente, da mentira?

A mentira é merecedora de repulsa, mas o mundo, indubitavelmente, é o seu maior reflexo.

Alexandre Passos

Realizou-se domingo passado, no recinto da Feira Internacional de Amostras, a Exposição Canina organizada sob os auspicios do Brasil Kennel Club, e á qual concorreram varias das mais apreciadas raças caninas. Elementos de prestigio em nosso meio se interessaram pelo certamen, que alcançou, por isso, o successo que era de esperar. O nosso «clichê» mostra um grupo de expositores ostentando os seus bellos animaezinhos de estimação, e a sra. Daisy Smith com o seu lindo «Snowball», primeiro premio (F.) da raça Pomerania.

GUIRLANDAS

DESPEITO

Quando leio um escriptor que diz mal das mulheres, penso logo commigo: "Deve ser um jacaré engommado..."

Porque só os feios, os despeitados, os que não conseguiram o nosso amôr, é que falam assim.

Os bonitos, os novos, os elegantes, encontram, sempre, uma infinidade de amores á sua disposição...

Infelizmente, quasi todos os intellectuaes são feios. Dahi a campanha terrivel que movem contra nós...

ZÉ MATHIAS

Eu tenho um Zé Mathias na minha vida. Elle é sympathico, seductor. Mas não passa de um Zé Mathias.

Quem não se recorda desse personagem do livro de "Contos de Eça de Queiroz"?

O meu é igualzinho.

Todas as manhãs posta-se defronte á minha janella e deita-me olhares apaixonados. Assim que consegue cumprimentar-me, desapparece.

A principio, meu coração batia alvoroçado esperando por elle.

Agora, não bate mais.

Está acostumado...

Depois, o cavalheiro contenta-se em olhar-me de longe.

Por que não se approxima?

Será um doente? Um detraqué?

Ah! Seu Zé Mathias, eu não perdôo a timidez num rapaz sympathico como você!...

CONCHITA CID

As crianças da Pequena Cruzada que domingo passado fizeram, solennemente, em bella ceri-monia religiosa, a sua primeira communhão.

FON-FON no cinema

Elle pensava na outra.

MARIDO EM FERIAS

(Husband's Holiday)

DA PARAMOUNT — com Clive Brock e Juliette Compton

GEORGE BOYD vive com sua esposa Mary Boyd e seus dois filhos, Philippe e Anna, uma vida simples, nos suburbios de Nova York. Se bem que ame sua esposa, Boyd sente-se fascinado pelos encantos de Christina Kennedy.

Os paes de Mary, o sr. e a sra. Reid, vivem separados; das suas duas outras filhas, Cecily e Molly Saunders, a primeira tem mais sympathia por seu pae e a outra pela sua pomposa e severa mãe. Clyde Saunders, esposo de Molly, pende para o pae Reid, mas não ousa declaral-o por medo da vindicta conjugal.

Boyd resolve pedir á esposa que lhe conceda divorcio para que elle possa desposar Christine, mas a sra. Reid acha que não deve consentir que o seu lar se desfaça por um capricho do seu consorte. Cecily, que a esse tempo se apaixonou por Miguel Balboa, um homem casado, indispõe-se com seus paes e vae viver com o casal Boyd.

Habilidades femininas.

Ausente Boyd, Mary resolve renovar a sua amizade com o advogado Trask, que a rodeia de attenções. Por insistencia de Christine, Boyd leva-a a sua casa para que ella possa discutir com Mary o projectado divorcio. Christine, com o auxilio de Cecily, que lhe é sympathica, convence Mary a consentir no divorcio. E como appareça

Confissões intimas.

Boyal, ella o surprehende pela frieza e indifferença com que lhe communica a sua resolução.

Boyal começa a desgostar-se com a situação. Mais tarde, por occasião de uma festa no aposento de Christine, esta, percebendo-lhe a attitude, ingere um toxico e é transportada ao hospital em estado grave.

A noticia deste desfecho demove Cecily das suas idéas, precisamente na hora em que ella se prepara para fugir com Balboa.

Christine convalesce e reconhece a impossibilidade do seu casamento com Boyd. Mary, no dia de Natal e precisamente depois de annunciar a Trask que jamais casará com elle, recebe uma carta de Christine, annunciando-lhe a sua resolução. Mary communica o teor dessa carta a George, e os dois, mais certos do que nunca do amor que os une, retomam o caminho da felicidade.

A inolvidavel Garbo

NA historia do cinema — assim se escreverá amanhã ou dentro de vinte annos — se destacará um nome, unico e soberano, emblema de arte, para as gerações futuras: Greta Garbo.

A joven nordica — alta, delgada, pensativa — tem desafiado as tradições, violando os tacitos regulamentos da Cinelandia, desmentindo silenciosamente todas as prophecias.

Dizem que um certo actor a chamava em outro tempo de «minha querida» E' a encarnação viva do «L'amour toujours l'amour» de Priml. Alta e alabastrina. Sombrea-se em qualquer fundo.

Seu silencio é a suprema eloquencia. Adora o sol. Não perde o tempo em falatorios. Suas pestanas são suas proprias. Anda como um soldado prussiano. Gosta de subir nas montanhas russas. Tem tido o mesmo operador cinematographico em doze filmes.

Encanta-se com as crianças. Certa vez disse que queria ter seis. Desdenha sinceramente prevenções e convenções. Agradam-lhe os discos de jazz. Ama a immensa soledade do mar... mas em certas occasiões este lhe traz pensamentos melancolicos. Seus olhos são dum cinzento verde, com pupillas pretas. Como todos os grandes personagens muito discutidos, está a alvo dos chistes, como acontece com De Millo acerca de suas banheiras.

Detesta as conversas triviaes. A Garbo da téla se parece muito menos com as centenas de jovens do boulevard de Hollywood que a imitam. Fuma ci-

(Cont. na pag. seguinte)

Coração de esposa mal comprehendido.

Seducção irresistivel.

Amôr slavo, amôr de paixão!

O caso do Sargento Grischa

PRODUCÇÃO DA RADIO PICTURES

Direcção de Herbert Brenon

Interpretação de Chester Morris, Betty Compson, Jean Hersholt, Alex Francis, Gustav von Seyfertiz, Paul Macalister, Leyland Hodgson, Bernard Siegel, e Franck McCormack.

NO inverno de 1917, fóge de um acampamento allemão o sargento Grischa, um russo que havia cahido prisioneiro dos inimigos. Grischa, na sua corrida para ver a mãe distante, e para fugir ás perseguições, chega a uma aldeia. Ali faz conhecimento com Babka, uma russa que se apaixona por elle. Para ajudal-o, Babka entrega-lhe uma placa de identidade de Bjuscheff, um espião russo que estava condemnado á morte. O rapaz, de posse desse elemento de identidade, cae prisioneiro de um outro acampamento allemão, onde havia ordem de executar Bjuscheff. E' preso. Prova a sua innocencia e é posto em liberdade condicionalmente, emquanto o general commandante daquella divisão procura obter do general em chefe das tropas em operações a suspensão da sentença de morte. O general em chefe, homem de principios, não concorda com o pedido de seu amigo e collega. Por essa occasião, ha a confraternização universal. Os alliados retiram-se das trincheiras. O general em chefe, que havia dado ordens para que fosse suspensa a pena de morte, vendo fracassado um plano garantido contra os inimigos agora em perspectiva de paz, diz que pouco lhe importa a vida de um homem...

Elle jurou cumprir a sua vontade.

E assim Grischa, depois de scenas impressionantes, é fuzilado por um pelotão de sapadores que voltava do "front". Faz o seu testamento, deixando o ultimo nickel para Babka, que se achava recolhida á maternidade para dar á luz ao seu filhinho...

A inolvidavel Greta

(Continuação)

gamos sem nicotina. Jamais tem necessidade de dentista. As meias a incommodam.

Não gosta de conceder entrevistas... porque o constante questionario sobre o amôr e as repressões e os pesares, etc., a aborrecem. Não se julga mysteriosa. Não desmaiou ao sabor do casamento de John Gilbert com Ina Claire... nem se regosijou com o divorcio de ambos. Toma muito sorvete em barquilho nos dias quentes.

Tornou famoso um certo restaurante, quasi em ban-

O amôr daquella mulher venceu-lhe o coração.

sim castanho claro. Jamais se penteia «á la Garbo» fóra da téla. Tem centenas de retratos pintados a oleo que lhe teem enviado seus admiradores. Detesta as reuniões sociaes. Não lhe agradam as demonstrações palpaveis de carinho, que são costumeiras em Hollywood. Gosta de associar. Escreve suas cartas á mão. Sempre guia seu «readster». Conhece poucas pessôas nos estudios onde tem trabalhado por sete annos. E vice versa.

Adora as flôres, mas não em quantidade. Não usa pós nem cosmeticos senão quando apparece nas pelliculas.

Sua estatura é de 1.58.

Pesava 55 kilos a ultima vez que se pesou, recentemente. E' infatigavel em seu trabalho. Deixa que lhe tirem até duzentas photographias numa só vez. Jamais teve agente de publicidade.

carrota, de Hollywood, indo um dia almoçar lá... apesar de não ter voltado lá desde então. Diverte-se extraordinariamente com as brincadeiras de Polly Moran. Nunca viu seu filme «Anna Christie», a não ser quando foi exhibido num theatro da localidade. Pódem-se contar as photographias que ella autographou. Nunca está de mau humor. Remou dez milhas mar afóra, dando um susto terrivel ao director do «acampamento» onde filmava ao ar livre. Tem uma piscina onde se banha em traje de Eva. Não permitte visitantes no scenario quando trabalha. Legumes e anchovas constituem sua salada favorita.

Certo dia, foi almoçar no restaurante dos estudios da Metro-Goldwyn-Mayer... e quasi paralizou o serviço.

Sempre usa boinas. Seu cabello não é louro, mas

Ia receber o castigo que pertencia a outro.

Seu verdadeiro nome é Gustafsson. Seu irmão Sven trabalha no cinema, em Stockolmo... e, a julgar pelos seus filmes, faria um furor nos Estados Unidos. E' economica e vive modestamente em comparação com a prodigalidade costumeira de Hollywood. Jamais dá recepções e admitte apenas um pequeno circulo de amigos.

Assiste á opera, a theatro ou concertos. Geralmente sahe do espectaculo no primeiro entreacto. Não lhe agrada ser o alvo de todos os olhares. Muda de rumo quando vê que alguem estranho trata de se detêr para saudá-a. Comtudo, ninguém póde accusál-a de ser grosseira. Gosta da parte tostada do pão francez com manteiga.

Gosta de se rir e passar horas bem divertidas sempre que lhe seja possivel.

Como será que Garbo entende de diversão? Isso sim, não podemos saber.

Firme no seu juramento até a ultima hora.

MINHA BONECA-INCENDIO

Na tarde côr de laca,
vestida de vermelho,
toda em chammas,
passas pela avenida dos meus olhos!
— E's um punhal sangrando!
No asphalto sensitivo do meu sonho,
o teu passo, num rythmo sonoro,
vae estrophes de fogo despertando.
— E eu vejo sangue em tudo!
Sangue vivo no poente...
sangue quente na luz...
sangue fresco na terra!
Sangue que vem de ti, minha Boneca-Incendio!
De ti, que derramaste nos meus olhos,
nestas duas sombrias alamêdas,
o monochromatismo fulgurante
das tuas labarêdas!

Minha Boneca-Incedio!
A tua imagem vive sempre accêsa
nas lagunas tranquillas de meus olhos!
Vejo-te em toda parte... enchendo o mundo!
Lá, — na Russia-vermelha!
Aqui, — numa fogueira de S. João!
Ou ainda, na humillima scentelha
que electriza a mecanica macabra
de um canhão.

Minha Boneca-Incendio!
E's um symbolo tão alto,
que nunca mais te afastarás de mim.
Foste tu que ensinaste a minha vida
a vibrar com tambôres e clarins.
Graças a ti foi que aprendi, um dia,
trocar a vestia das humilhações
pela tanga selvagem da ironia.
Vendo-te, vi
a vida toda... — uma batalha ingloria,
em torno de uma fátua redempção!
E artista e crente, subito, previ
que tu serias,
— pela vida inteira —
minha bandeira de revolução!

MARTINS D'ALVAREZ

Magia e Hypnotismo

O professor Dakson já é bem conhecido e applaudido em nosso meio artistico.

Magico de grandes recursos, homem viajado, possúe todos os segredos da psychologia.

Eu sinto uma estranha attracção para as coisas que estão além do meu entendimento.

Fui por isso entrevistar o professor Dakson, recentemente chegado do estrangeiro, de uma "tournée" artistica que fizéra pelos "cabarets" de Paris e pelos "music-halls" de Londres.

O professor Dakson é um cavalheiro sympathico e distincto.

Pedi-lhe que executasse, para mim, alguns numeros inéditos.

Foi uma apotheose. Dakson sabe tirar cem bandeiras de um tambor pequenino. Sabe fazer apparecer e desapparecer coisas e pessoas. Sabe transformar agua em flores e flores em confetti...

Numa agilidade espantosa, sem que eu percebesse, elle levou para o seu bolso todo o dinheiro que havia na minha bolsa...

Rasgou em pedacinhos uma folha de jornal e mostrou m'a perfeita no mesmo instante.

Mandou que eu cortasse com a thesoura a fita que estava na minha cintura, e entregou-m'a depois intacta.

Elle é tambem um grande hypnotizador, e gosta de hypnotizar as moças bonitas...

O professor Dakson vae offerecer brevemente um recital á nossa sociedade.

Conversámos sobre varios assumptos. Em todos, o notavel magico demonstrou profunda cultura e profundo conhecimento da humanidade.

Enthusiasmada com tanta sapiencia, perguntei, com a minha incorrigivel garotice:

— Professor Dakson, você será capaz de me arranjar um amor sincero?

O professor sorriu!

— Você deve saber melhor do que eu onde encontral-o...

Não pude deixar de lastimar-me:

— Si eu soubesse hypnotizar, arranjaria logo um casamento vantajoso...

O professor fuzilou-me com um olhar severo...

CONCHITA CID

Seara alheia

O super-homem

Este moderno cavalheiro é o *pionneer* da raça nova que a Natureza, ha seculos, se empenha em aperfeiçoar.

Os primeiros esboços desse typo de homem chamaram-se Achilles, Annibal, Alexandre, Cesar. De ha dois mil annos para cá, novos fermentos penetraram na raça e tivemos um Napoleão. Algo de maior, porem, nos aguarda, presentido, prophetizado pelo poeta quando creou os typos sobrehumanos de Lohengrin e Parsifal, typos já encarnados, anteriormente, na virgem guerreira, Joanna d'Arc.

Esse homem superior, que deve conduzir, guiar, dirigir a raça a novos e sublimados destinos já existe sobre a terra.

O coração ardente e cheio de fé sabe encontrál-o, reconhecel-o e amál-o.

Quando este homem excepcional não está absorvido por algum pensamento profundo, a impressão que dá é a de uma serenidade perfeita. Nada de palavras insignificantes ou sem objecto. Nada de argumentos, nada de gestos ou movimentos inuteis. Com o seu tranquillo olhar, contempla o horizonte infinito e parece isolar-se do mundo que o rodeia — VICTOR MORGAN.

Aphorismos

Não se deve desenvolver a intelligencia á custa do corpo.

Os attentados contra a saúde são verdadeiros peccados.

*

O bom humor e a saúde chegam a tornar bella a propria desgraça.

*

A' medida a que o homem conhece as leis da natureza e da vida, menos confia em si mesmo — HERBERT SPENCER.

Borboletas

Como graciosas florsinhas aladas, estão as borboletas, revoleteando, a emprestar vivida alegria á manhã azul e placida.

Sabem que sua vida é curta: mas sabem, tambem, que não vieram para se preoccupar com a idéa da morte. De flor em flor, a beijál-as suavemente, são as inquietas enamoradas de tudo que é belleza e luz.

Vieram apenas para desfructar uma breve vida de amor. A morte prematura em nada lhes importa, porque sabem que voltarão com a primavera. Por isso vagam, alegremente, pelos jardins e buscam as rosas, sem se preoccupar com o mais. Não sabem viver de outra maneira, senão embellezando a vida. RAFAEL RITZ.

UM SUBSTITUTO DO "ROUGE". — O *rouge*, ao que se annunciou, tende a desapparecer. Acaba de ser descoberto um novo processo que permitte, por meio de uma agulha electrica, tatuar de vermelho, roseo ou qualquer cor da moda, os labios e as faces.

Segundo se affirma a operação é completamente indolor. Depois de se ter insensibilizado, com um anesthesico, a parte que quer colorir, o operador trabalha a epiderme com uma agulha electrica, como se procede na tatuagem, inoculando em cada póro a cor que tem de ficar indelevel.

*

BALEIAS NO TAMISA — Parece pilheria affirmar-se que, no Tamisa, dentro de Londres, se tenha encontrado baleias. No emtanto, ha oito e nove annos atraz, pescou-se uma, enorme, perto de Deptford. Isso causou

tanta sensação que o enorme mamifero foi exposto ao publico e depois removido para a secção de Historia Natural do British Museum.

Ha vinte annos atraz achou-se outra baleia no Tamisa, sendo arrastada até a ilha dos Cães.

*

COINCIDENCIAS TRAGICAS — Roberto Lincoln tinha 22 annos quando seu pae, o presidente Lincoln, foi assassinado.

O joven, que prestava serviço no exercito, foi chamado com urgencia a Washington, onde chegou á noite. Sabendo que seu pae se encontrava no theatro dirigiu-se para ali, chegando no momento mesmo em que um fanatico o assassinava.

Annos depois, sendo Roberto ministro da guerra quiz acompanhar o presidente Garfield em sua viagem a Elboron. A' ultima hora, porem, viu-se impossibilitado de fazêl-o e correu apressadamente á estação para desculpar-se. Ao chegar, ouviu uma detonação e viu Garfield cahir mortalmente ferido.

De outra vez, quando o presidente Mac-Kinley foi a Buffalo para assistir á inauguração de uma exposição, Roberto Lincoln, que era um dos convidados, chegava no momento preciso em que aquelle chefe de Estado norte-americano tombava assassinado por Czolgosz.

Chronicas d'um pedaço de burro

De D. G. Coimbra

HA' alguns annos, o meu amigo Cyro tinha uma casa de tecidos por atacado na rua da Alfandega; éra seu socio um rapaz muito activo, hábil e que conhecia profundamente o negocio de fazendas finas, tendo trabalhado como vendedor em Manchester e Bradford, varios annos.

Sua rara habilidade como vendedor foi o que animou o meu amigo, joven e com relativamente pouca pratica, a dar-

lhe sociedade. No dia em que Brown entrou como socio, tomou, para celebrar o acontecimento, uma bebedeira tremenda, tendo consumido innumeras garrafas de coisas fortes misturado com chopps e mais chopps. No dia seguinte, appareceu no armazem, lá pelo meio dia, com uma cara *amarrada* e falou pouco; apanhou umas amostras de tricoline que estavam numa prateleira perto do balcão e sahiu fumando um charuto todo amarrotado que elle ainda concertou com um pedaço de papel que sobra dos sellos do correio.

Ao escurecer, deixou o mostruario na mesa de embrulhos, pediu vinte mil reis ao Cyro e sahiu; quando eu seguia para casa, ao passar pela rua dos Ourives, ouvi a sua voz no meio de um grupo de *choppistas*.

Brown destacava-se por estar mais na chuva que os demais...

Os dias foram-se passando e nunca nenhuma encommenda appareceu para justificar a entrada do homem para a sociedade. Todo o dinheiro que elle retirava era para beber.

Negocio, de nenhuma especie.

A coisa andava nesse pé, quando, uma manhã, appareceu o Aristides, um bello rapaz, que tinha escriptorio de representações num edificio vizinho, e pediu, por favor, que fossem guardadas, no deposito, umas cincoenta caixas de vinho hespanhol, recem-chegado, e que, não sei por que não, foi ao trapiche. O moço éra sério e não havia muito movimento nem falta de espaço no armazem. Ao meio dia, appareceu o caminhão e descarregou os volumes. Todos perfeitos, bem marcados e cintados com fitas de aço. Foram empilhados perto duma mesa onde o "socio" devia trabalhar... mas não trabalhava.

Lá pelas seis horas, veiu o "hábil vendedor" procurar mais vinte mil reis.

Não tendo ninguem no momento que lhe pudesse fornecer o dinheiro, sahiu. Quando voltou, eram já dez horas da noite, e a historia agora vae ser contada por elle:

"Ninguém me deu dinheiro, e eu queria beber.

Fazia calôr e tinha sêde. As caixas de vinho alli perto da minha escrevaninha chamaram-me a attenção. Procurei ir para casa dormir, mas não consegui. Voltei ao armazem; como a chave estava meio tónta, ou a fechadura endurecida, demorei no abrir a porta. Nisso veiu o guarda nocturno, que, percebendo que eu éra da firma, me ajudou a abrir. Convidei-o para entrar e ajudar-me a abrir uma caixa de vinho. Custou, mas conseguimos. Deilhe uma garrafa. Com o barulho parece que accordei a dona da pensão do 2.º andar, que desceu para ver o que éra. Offereci-lhe uma garrafa.

"Eu bebi as dez garrafas que ficaram. Cortei á mão ao abrir uma das u l t i m a s botelhas quando já não estava lá muito bom na direcção. Foi por isso que você me achou todo ensanguentado a roncar como um gambá..."

Brown éra um perigo para o vinho alli depositado. A caixa consumida "in loco" foi paga immediatamente ao Aristides, assim como foi exigida a retirada urgente das caixas restantes. No fim do mez acabou-se a firma com um regular prejuizo. Passado algum tempo, um parente do nosso apreciador de vinho falleceu e deixou-lhe duas mil libras.

A ultima vez que o vi,

foi distribuindo garrafas e garrafas de champagne, ao natural e em fórma de dinheiro, a um grupo de mulheres a l e g r e s, num *cabaret*. Cyro, hontem, contou-me que o dinheiro da herança tinha ido embora e que só restava do homem uma figura magra, fraca a tussir...

NOTAS DE ARTE

CONCERTO SYMPHONICO ADRIANO LUALDI. — No Theatro Municipal, em a noite do penúltimo mercuridia, 4.ª-f., 22 de junho, realizou-se um grande concerto symphonico dirigido pelo compositor e regente italiano Adriano Lualdi. Foram executados os seguintes numeros: I) Wolff Ferrari — *Obertura* da op. "*Le Donne Curiose*"; Villa Lobos — *Adagio* da 1.ª *Symphonia*; — II) De Sabata — *La Notte di Platon* (poema symphonico); — III) Adriano Lualdi — *Obertura*, do intermezzo *giocoso*, "Le Furie di Arlecchino"; *Interludio del sogno* e *Danza de Damara* da tragedia musical, "La Figlia del Ré"; *Suite Adriatica*: a) *Obertura per una comedia*, b) *Tramonto fra pasture e marine*; c) *Kolo, danza Dalmata*.

Composições quasi todas desconhecidas, não se pode fazer dellas numa unica audição juizo definitivo, mesmo juizo impressionista, como é o nosso. Entretanto, não deixaremos de ser sinceros dizendo que, se nem sempre nos sensibilizaram excepcionalmente as composições ouvidas, muitas vezes nos causaram agradaveis impressões.

Entre as do regente compositor assignalemos as composições — *Interludio del sogno* e *Tramonto fra pasture e marine*, páginas lyricas de impressionante belleza.

Entre as dos outros compositores, a que mais nos sensibilizou foi a musica programmatica, a Musica a Berlioz — *La Notte di Platon*, que, na ignorancia do argumento que a explica, chamamos *La Notte di Pluton* pelo tumulto infernal verdadeiro *noite de sabbath*, de uma das passagens do bello poema symphonico.

Impressão de conjuncto foi a da italianidade de todas as peças. O estylo moderno em que são escriptas não lhes tira a frescura, a espontaneidade radiosa, caracteristicas da melodia italiana através dos processos symphonicos. A propria symphonia de Villa Lobos nos deu a mesma impressão. Não lhe notamos as costumadas singularidades. Realmente bello, o *Adagio* da 1.ª *Symphonia*.

Se Adriano Lualdi mereceu como compositor os applausos da assistencia, não deixaram tambem de ser justos os que o saudaram como regente. Mas destes, é de justiça accentuar, grande parte coube á orchestra do T. M. que esteve á altura do regente.

Registremos que Villa Lobos, attendendo aos insistentes chamados da platéa, após a audição da 1.ª *Symphonia*, appareceu num dos camarotes e recebeu vivos applausos da assistencia.

NICASTRO. — Alem de um *bis* e dois ou tres *extra* foi executado o seguinte programma no recital que em a noite de 25 de junho realizou no T. M. o notavel violoncellista uruguayo Oscar Nicastro, acompanhado pelo pianista brasileiro Arnaldo Estrella: I) Arcangello Corelli — *Sonata*; — II) Nardini — *Andante Cantabile*; Lully — *Gavotta*; J. S. Bach — *Aria*; L. Van Beethoven — *Minuetto*; — III) Goens — *Elegie*; Granados-Nicastro — *Danza Española*; Schumann-Nicastro — *Cancion de cuna*; C. Cui — *Oriental*; F. Kreisler—*Liebesfreud*; Sarasate — *Zapateado*.

Aos profissionaes da arte musical, especialmente aos nossos violoncellistas, e aos criticos musicaes propriamente ditos, aos que são ou devem ser capazes de notar e discutir as qualidades dos artistas, aceitando ou reprovando a sua technica e dando as razões da aceitação ou da reprovação, cabe dizer até que ponto são justas as antonomazias glorificadoras, conferidas ao violoncellista Oscar Nicastro por diversas pennas da imprensa de Napoles, Buenos-Aires, Mexico e Madrid, chamando-lhe respectivamente, de 1905 a 1924: *Il Piccolo Mozart del Violoncello* (Dr. A. Capasso); *un geniale Violoncellista* (Ernesto della Guardia); *el Sarasate del Violoncello* (Manuel Ponce); *el mas grande violoncellista de nuestra epoca* (Prof. A. P. Valgoma).

Quanto a nós, mero chronista de arte, que nos limitamos a registrar as nossas e as impressões do publico, devemos dizer, com a sinceridade costumada, que Nicastro não nos deu impressões maravilhosas, mas nos agradou bastante para applaudil-o do principio ao fim, e nos causou excepcionaes emoções na *Gavotta*, de Lully e na *Aria*, de Bach, e até certo ponto no *Preludio* e na *Sarabanda* da *Sonata* de Corelli.

Destacamos esses trechos porque nos pareceu se alliassem nelles a mais rigorosa technica com a mais communicativa sensibilidade. O artista soube enthusiasmar e commover. Mas é de assignalar no musico uruguayo o raro valor technico. Mostrou-o muito notavelmente no *Zapateado*, de Sarasate. Parece que o illustre violoncellista faz garbo de ostentar a sua sciencia de tocar, enfeitando com difficuldades as peças que executa. Se não foi illusão acustica, tivemos essa sensação. Cremos mesmo que transcrevendo-as para piano e violino, obedeceu ao mesmo intuito, quando violoncellizou a *Danza Española*, *Liebesfreud* e *Zapateado*.

Como quer que seja Oscar Nicastro deu-nos uma noite cheia de arte, e da melhor arte. A assistencia cobriu-o de applausos. Ovacionado foi tambem o acompanhador, o joven e talentoso pianista brasileiro Arnaldo Estrella.

Parece que para melhor ser conhecido e applaudido, Nicastro não se devia limitar a um primeiro e unico recital. O publico espera mais outros.

OSCAR D'ALVA

A vida não é mais que isso...

POSITIVAMENTE, o meu amigo Luiz Fernando é um typo d'uma esquisitice attrahente. Nada que é vulgar lhe interessa. Só o que é excentrico tem para elle um excellente sabor, uma atracção espontanea que o caracteriza.

Rico, muito rico até, quasi feliz, porque a vida que elle leva é uma vida calma, sem sobresaltos, sem a incerteza da luta do dia seguinte e a monotonia do homem que segue a mesma rotina...

Morando num esplendido palacete lá para os lados da Tijuca, vive sózinho, tendo, apenas, para lhe servir um casal de amarellos que trouxe comsigo uma das vezes em que foi ao Oriente... Moço, muito moço ainda, nunca se deixou levar pelos olhos de nenhuma dona, nem quiz saber da sociedade dos homens...

Nada de amores com elle...

Esposas só alugadas por alguns instantes. Nesse ponto era inabalavel. E sempre que lhe falava desse assumpto, elle me olhava com firmeza, repuxava os labios para o lado e soltava uma phrase de pura ironia.

Valendo-me da nossa amizade, teci-lhe todos os encantos duma affeição verdadeira. Mostrei-lhe como era vazia a vida que levava, sem um carinho, sem a alegria de um sorriso, sem uma figura de mulher que fosse a sua sombra, que o acompanhasse nas alegrias e nas horas de tédio. Era preciso uma voz de mulher naquella casa, para dar animação aquillo tudo que vivia parado, sempre no mesmo logar, guardando a mesma symetria... Então, a felicidade lhe entraria porta a dentro...

Teria prazer em tudo, encontraria encanto nas maiores banalidades...

Essa mania que andava com elle, essa neurasthenia que não o deixava era o indicio da anormalidade do seu organismo. As suas idéas exóticas não lhe iam adeantar de nada. Largasse as amantes, que só lhe queriam o dinheiro, e fosse procurar uma esposa verdadeira.

Foi quando elle, pela primeira vez, interrompendo-me, explicou tudo em duas palavras:

— Guilherme, você bem sabe, tenho horror ás coisas de todo dia. Nunca supportaria uma mulher por mais de duas semanas... E' meu temperamento. Só me sinto bem assim; portanto, para que me sacrificar?

E, dahi, sempre que eu puxava essa conversa, Luiz Fernando apresentava a mesma objecção. Só mudavam as palavras. Odiava as mulheres que se apresentavam nos salões á procura de casamento, para só olhar com prazer áquellas que abertamente lhe falavam de amór e de dinheiro. Para essas, tinha as portas e os bolsos sempre abertos... E não se cansava de ir procurál-as nos outros continen-

Um homem que tinha phosphoros...

tes... Corria o mundo em busca de emoções, procurava conhecer os povos, e sempre o caracter das mulheres se confundia na mesma massa. E elle mais as odiava, porque via em todas a mesma hypocrisia.

* * *

MUITO cêdo ainda fui accordado com uma telephonada do Luiz Fernando. Pedia que eu fosse á sua casa, naquella manhã. Attendi-o, apesar, da chuva que cahia. Devia ser assumpto de maximo interesse. Talvez algum negocio a me propôr, pois era eu quem lidava com o seu dinheiro.

Logo que entrei, o seu empregado amarello levou-me direito á sala onde Luiz Fernando já me esperava.

— Então, que ha, moço? — fui perguntando-lhe.

Não me respondeu. Parecia apprehensivo. Li nos seus olhos a grande preoccupação do seu espirito.

Sentámo-nos um frente ao outro. Vi na sua secretária uma carta aberta, e tornei a indagar-lhe porque me chamára assim tão ás pressas. Elle tomou nas mãos a folha de papel azul que me despertára a attenção e, fitando-me a fundo:

— Você em parte, Guilherme, tem razão...

Não medi a altura daquellas palavras. Não comprehendi o que elle queria dizer, mas percebi que devia haver uma grande ligação entre elle e aquella carta azul. E continuou:

— O homem nada póde na vida sózinho; em seu proprio destino ha sempre outro destino... Julguei que poderia viver assim, como sempre vivi, nesta solidão, isolado da sociedade, a comprar amores que pouco a pouco me embruteciam. Nunca pensei que os olhos de uma mulher ficassem nos meus olhos. Não acreditei em affeições verdadeiras e nunca soube que existia saudade. Por isso, me julgava feliz. Mas, desde que uma mulher cruzou a minha vida, sinto falta de alguma coisa, olho esses objectos que andam jogados nessas salas, vejo essa casa enorme onde ha tantos annos vivo, e parece que tudo me é tão estranho, tudo me olha com tamanha indifferença! Julguei que isso fosse passageiro, e talvez precisasse viajar, ir para longe durante alguns mezes... Quiz comprehender a extensão do meu soffrimento e, só hoje, meu amigo, com a leitura desta carta, é que senti pela primeira vez em minha vida a saudade desses olhos que encontrei por acaso... Senti minha vida presa a outra vida, e irei para esse devotamento como si fosse para a felicidade...

Luiz Fernando, pallido, com o papel azul a tremer-lhe nos dedos, parára de repente, emquanto seus olhos continuavam firmes nos meus. Com um sorriso escondido no canto dos labios, eu ouvia-o em silencio.

Elle parecia emocionado. Sua voz tremia. Esperei que continuasse.

— Leia essa carta, Guilherme.

E entregou-me o papel azul que tinha nas mãos.

— Essa joven conhecia-a na gerencia do Hotel Rigout, em Marselha continuou. — Um dia, sahimos a passear, e ella contou-me toda a sua desgraça. Vivia miseravelmente com seus paes no suburbio afastado de Montaigne. Acompanhei-a, e ella apresentou-me o casal de velhos. Desde ahi passei a frequentar a sua casa e a supprir com o meu dinheiro todas as suas necessidades. Foi minha companheira durante os ultimos mezes que estive em França; corremos juntos muitas cidades que eu não conhecia, e ella, julgando que eu a amava verdadeiramente, deixou se possuir, entregou-se-me por amor! E esta carta veiu me dizer que lhe nasceu um filho, um menino que tem meu nome, que é meu filho tambem... Ella se matará si eu não fôr, Guilherme...

Corri os olhos naquelle amontoado de letras mas, era tanta a minha emoção, que só sei o que lá estava escripto porque elle me tinha dito antes.

Luiz Fernando contára tudo de tal maneira, que nem tempo me déra para avaliar a extensão do acontecimento. Eu olhava-o sorrindo, porque a sua derrota perante mim era uma victoria. O silencio que guardára até ali era a prova de que eu não queria perder uma palavra do que elle dizia.

Luiz Fernando levantou-se e, pousando a mão no meu hombro:

— Guilherme, partirei o mais depressa possivel... Não quero deixál-a soffrer mais, porque o seu soffrimento é meu tambem... Eu a quero sómente para mim, porque foi ella que me mostrou o que é a vida, que até então desconhecia...

Luiz Fernando estava cansado. Nos seus olhos as lagrimas scintillavam. Abracei-o com alegria, emquanto elle me repetia a phrase que havia pouco eu ouvira:

— O homem nada póde sózinho; em seu destino ha sempre outro destino...

Sahi de casa do meu amigo, convencido de que elle era menos esquisito do que parecia, e muito mais interessante do que eu pensava...

E scismei commigo mesmo ao atravessar a rua, olhando a sua casa:

— A vida não é mais que isso... E' ruim quando se soffre; quando se é feliz ella é tão bôa!...

J. M. Brinckmann

A CASA DE FREI JOSÉ

Antonio Marrocos

CONHECI-A quando menino. Vae já para muitos annos... Entretanto, o humilde aspecto architectonico da casinha de Lagôa do Matto, o pittoresco quadro bucolico que a envolve, a significativa historia de sua origem, tudo se conserva ainda vivo e fiel na minha memoria. O que fôra, annos antes da tremenda sêcca do 77, a ermida de frei José de S. Lourenço, era, então, a casa-de-campo de meu avô, aonde fui passar um bom inverno.

Uma casa sertaneja como todas: pequena, acaçapada, rústica, tendo á frente, aberto e insinuando-se para o caminho, até o caracteristico alpendre, que era como um signal da franca hospitalidade que, debaixo daquelle tecto musgoso e ennegrecido e entre aquellas vetustas paredes, nunca fôra negada a pessôa alguma...

Para adeante, estendia-se o manto de relva esmeraldino do vasto pateo, cortado pela faixa amarellenta da estrada real, que, num estirão, serpeava sertão a dentro, até se perder de vista entre as moitas de mofumbo da varzea proxima, ou entre os capões do marmelleiral verde-gaio, abundante e diffuso. Para a esquerda, as aguas serenas do açude reflectiam o azul limpido do dilatado céo cearense. Avistavam-se, em todas as direcções, attestando a indole laboriosa e eminentemente georgica do nosso povo, os grandes roçados com os seus milharaes tremulantes e em renques, como enormes legiões de soldados verdes em exercicio...

A' direita, num extremo do adro, estava situado o curral de gado, feito de grossos tóros de pau a pique. Na porteira, de possantes moirões, trepava o Chico Preto — o vaqueiro da fazenda, nascido e criado alli, negro velho de alma branca e ternamente moça, que relembrava com saudade os tempos da escravatura em "que se amarrava cachorro com linguiça"; e trepado, canhestramente orgulhoso, o olhar altaneiro, a bôcca horrivelmente escancarada, fazia reboar naquelles ermos o éco modulado e quérulo de seu aboio, para chamar ao curral a "Veiáca" Alvaçã, cujo leite mungido, de preferencia, tanto eu gostava de saborear. E não raro, antes de ordenhadas todas as vaccas, aquella e outras, que houvessem tresmalhado, chegavam urrando e espalhando no ambiente o cheiro bom e proprio do gado... Contiguo ao mesmo curral, o das criações regorgitava com seus rebanhos de carneiros de lã muito alva, qual se fôra um lençol de espuma que o mar, em ressaca, arrojasse contra os arrecifes...

Dominava triumphalmente o terreiro um tamarindeiro, cujo tronco servia para se amarrarem animaes e cuja fronde copada, verdejante, a ondular ao vento,— para poiso dos gallos-de-campina, canarios e outras avesinhas, que parece vinham alli entoar, com melodiosos gorgeios e trinados,

---

O ESTUDANTE

HELOISA (*lendo*). — "...Além dos oitocentos mil réis de que necessito para pagar os direitos de exame..."

Senhor Braulio. — Mas custam tantos?

Heloisa. — Assim diz elle, papae...

Senhor Braulio. — Pois paguei muito pouco quando te deram o diploma de professora...

Heloisa. — E' que os estudos de medicina são muito mais caros, papae... Lembre-se do que tio Lucas teve que pagar para João José...

Senhor Braulio.—Sim, sim...

Heloisa. — Continúo lendo?...

Senhor Braulio.—Continúa... Aposto como pede mais dinheiro...

Heloisa (*lendo*) "...de exame, lhe peço que me mande outros oitocentos para comprar o instrumental de que preciso..."

Senhor Braulio. — *Instrumental!...* E que é isso?...

Heloisa. — Alguma coisa que deve precisar para os estudos praticos

Senhor Braulio.—Mas não lhe dão os instrumentos na Faculdade?...

Heloisa. — Não... Cada alumno tem que comprar os seus.

Senhor Braulio. — Que horror!... De maneira que já são um conto e seiscentos?... Póde ser que o *mocinho* peça ainda alguma *coisinha*... Continúa lendo.

Heloisa (*lendo*). — "... de que preciso, para não ter que pedil-o emprestado aos collegas, o que seria uma vergonha... Além disso, tenho que dar gorgetas aos que nos proporcionam campos para as disseccações, pois, do contrario, não conseguirei. Acho que com mais duzentos mil réis farei a coisa. Eu não queria pedir tanto, mas não ha outro remedio. Tambem preciso de um terno, de um chapéo, sapatos e roupa branca..."

Senhor Braulio. —Basta, minha filha, basta... Todas as cartas de teu irmão são a mesma coisa... Dinheiro e mais dinheiro, e aqui está o velho, que já não póde com sua ossamenta, e que não sabe mais onde tirar dinheiro...

Heloisa (*timidamente*). — Talvez o senhor Isaias lhe empreste...

Senhor Braulio. — Já me emprestou tres contos a vez passada, quando o *mocinho* teve que comprar livros, e eu ainda não lhos paguei... Que queres que eu faça?... Que venda a fazenda, que é a unica coisa que consegui em trinta annos de trabalho?... Porque eu sei quem é o senhor Isaias: empresta-te, empresta-te; faz-te assignar papeis, muito amavel, muito sorridente, e depois... acabará ficando com a fazenda!...

Heloisa. — O senhor sabe, papae, que é preciso sempre fazer um sacrificio pelos filhos...

Senhor Braulio. — Para que elles não agradeçam!... Aposto como, quando elle fôr medico,

De F. Magalhães Martins

hymnos de louvor á Natureza exuberante, prodigiosa, magnificente! E foi sobre o estendal do pateo onde vi muitas vezes, brigas sensacionaes de anafados touros; desfillar, numa carreira incontida, o lote bravio dos cavallos relinchantes; passar os vaqueiros envergando o comprido gibão e as perneiras ajustadas, feitos do couro do capoeira; e era alli, finalmente, que os monjolos, em escaramuças doidivanas, mettiam mêdo aos gárrulos capotes, aos enfatuados perús e até ás tímidas e inoffensivas pombinhas que se viham lindamente misturar com as aves domesticas... Sentado nos largos bancos do copiar, eu me ficava, horas a fio, alheiado e pantheisticamente a me deliciar ante os encantos daquelle recanto campezinho, tão abençoado, calmo e feliz...

Estavamos em março. Tinha havido bom e copioso inverno. A' terra rebentára uma eclosão de vicejantes vegetações, e a natureza toda se adornára com o fausto riquissimo de suas vestes, de suas mirificas bellezas e maravilhas!

— Ahn! hoje é um dia santo e munto grande... Pru via disto num fui pro trabaio, — foi me dizendo o Chico Preto, quando, uma noitinha, lhe fui ao escuro aposento, aonde costumava ir sempre, para ouvir as historias de Trancoso e outras que caracterizam a vida accidentada e aventureira dos matutos.

— Por que ? São dezenove do mez...

— Mincê inda proguntá? Num sabe qui é dia de S. José, padroeiro daqui.

— Padroeiro? Si aqui não ha siquer igreja?!...

— Mas é qui pra traz ja teve, qui era inté aquelle quarto (e apontou para o do sotam, constantemente fechado, no qual me era vedado o direito de entrar, sob o pretexto de que lá appareciam visões e coisas sobrenaturaes). Então e, todo mês de março, Frei José tirava as novenas e isto aqui, "nhô" moço, era assim de gente de todas essas parage...

O velho servo, ante minha estupefaciente admiração, respeitoso ergueu os olhos acinzentados, poz detraz da orelha um cigarro de palha de milho que fumava, passou a mão grosseira pela grenha encarapinhada, pigarreou a garganta e, pausadamente, começou de me narrar, na sua linguagem bronca, tudo o que occorrêra alli com o Frei José de S. Lourenço.

E foi dessa maneira que soube haver sido aquella modesta vivenda a capella do abnegado eremita que, vindo de Pernambuco, em peregrinação apostolica por reconditos sertões, alli fixára residencia e fizéra erigir a pequena igreja, de que apenas restavam vestigios do altarzinho, derribado quando a transformaram em casa de fazenda, o nicho tosco cavado na parede e, encimando-os todo poento e cheio de teias de aranha, o sótam abandonado —

(Continúa na pag. seguinte)

De Fanfreluche

nem se recordará deste velho... E talvez tenha vergonha de dizer que é meu filho... Como não sei ler, nem escrever, sinão meu nome, nem sei dizer as coisas...

Heloisa. — Não diga isso, papae... Ricardo gosta muito do senhor e o respeita muito.

Senhor Braulio. — Gosta de mim por que lhe dou dinheiro... Ou pensas que não conheço a vida?... Já sou velho, minha filha, para que me enganem e me façam ver como negro o branco...

Heloisa. — Mas seria uma pena que o Ricardo, intelligente como é, não seguisse os estudos. Dentro em pouco o senhor estará orgulhoso delle...

Senhor Braulio. — Olha, minha filha: si eu quiz que o mocinho estudasse, foi por causa da velha, que Deus tenha...

Heloisa. — E' verdade... A pobre mamãe sonhava em ver Ricardo feito doutor com placa na porta de casa.

Senhor Braulio. — Mas eu já previa o que se ia passar... E queres que te diga a verdade?... Mais satisfeito eu estaria si tivesse Ricardo aqui, pertinho de mim, e longe da cidade, onde os homens se pervertem... Aqui pertinho, para ver como se fazia homem, duro pelo trabalho, mas brando de coração...

Heloisa. — Mas, papae, isso é ser um pouco egoista... Que ia fazer o pobre Ricardo mettido aqui, si elle não gostava do campo?... Soffreria toda a vida, e até para o senhor seria um remorso. E' preciso que o senhor comprehenda essas coisas, papae, e seja mais indulgente com os rapazes que se vão iniciar na luta. Ricardo é desta época. O senhor pensa um pouco á antiga. Em seu tempo o filho fazia o mesmo que o pae e o avô... Agora seguem caminhos differentes. Todos querem ser um pouco mais do que são.

Senhor Braulio. — Sim para renegar de onde sahiram...

Heloisa (supplicante) — Papae, não seja assim... Lembre-se da pobre mamãe, que ficaria tão contente vendo Ricardo tão estudioso.

Senhor Braulio. — Sim, e tão pedidor de dinheiro. Venha, venha e venha...

Heloisa. — Si Ricardo pede é porque precisa... Tambem o pobre do meu irmão não ha de querer papelões deante dos collegas... Pelo senhor mesmo, papae...

Senhor Braulio. — Bem, minha filha, bem... Irei falar com o senhor Isaias e assignar outro papel... E depois outro, e outro... E quando o mocinho fôr doutor, já não terá fazenda, nem rancho, nem nada... E eu irei morrer em um recanto... Mas, que importa?... Como tenho o filho medico, terei de graça o attestado de obito...

A CASA DE FREI JOSÉ

(Conclusão)

logar em que Frei José guardava sua pequena bagagem: um bahú, alguns livros poucas vestes e objectos de uso e uma panella cheia de moedas de ouro. Alguem era até de opinião que, ao vir da Grande Secca, que reduziu o Ceará á extrema miseria, tempo em que o missionario, para não morrer a fome, se foi embora, ficára enterrada alli a panella de ouro, no que acreditava piamente o Chico Preto, que dizia tel-a visto muitas vezes no canto do bahú...

Disto tudo sciente, eu sabia atinar com o motivo por que a vovó — espirito imbuido desse fetichismo religioso, e profundamente crente das superstições do povo da roça, — guardava um como que mal sopitado respeito áquella dependencia da casa, o que era solennemente combatido pela indole realista e diametralmente opposta do esposo.

Ah! como seria tocante e lindo, em noitinhas de março como aquella, o affluirem alli, ha quasi meio seculo, innumeras familias ruraes, tranquillissima daquelles campos que vinham quebrar a quietude com um côro de eclogas e suaves litanias!...

A bocca formidavel da noite fechára por completo suas maxillas calliginosas. Tudo agora repousava silente... Talvez o céo estivesse crivado de estrellas lucilantes, e na negrura da noite se accendessem furtivamente tochas de bohemios pyrilampos. Na lagôa, que alagava a marmota da varzea, misturava-se o coaxar dos sapos com as clarinadas sibilantes das marrecas esquivas. Longe, interrompendo a mudez placida de em torno, — um orneio de gerico, um piado tetrico de bacurau, um latido de cão, um berrar de bode ou de carneiro. E, de raro em raro, uma estrige agoirenta passava, lugubremente, "rasgando a mortalha" pela tacaniça...

Em dado momento, quando era maior ainda e mais profundo o socego ambiente, fomos todos de casa acordados pela vovó, sentinella sempre vigilante a deshoras, que percebêra qualquer coisa de anormal — rumores, pancadas e vozes abafadas, lá fóra. O terror panico, em breve, contagiou a todos. Pancadas e mais pancadas succederam-se, entre murmurios de palavras cochichadas. Um mundo de idéas subito povoou a nossa mente... Que seria aquillo? Bandidos! Salteadores!... Mas... si tentavam depredar, positivamente á mão armada, por que, em vez de procurar as portas, queriam arrombar a parede, produzindo aquelle r e s t o l h o inquietador? Francamente, causava especie. Agora já se podia precisar o rumo em que batiam: era para o quarto do sótam...

A familia já toda de pé, alarmada e reunida, a conselho de vovó, circumdou o pequeno oratorio, a fim de, com preces a Nossa Senhora do Desterro, pedir fossem afugentados os assaltantes. Porem, nada!... O vovô, então, tomou a resolução temeraria e valente de enfrental-os. Mandou vir a garrucha e, soprando a poeira, manejou-a. O Chico Preto, que era o outro homem da casa, foi buscar a sua "lazarina" no frechal da cozinha; trazendo-a com o patuá reforçou-lhe a carga, pondo, como bala, uma ponta de chifre que seria — disse elle — santo remedio para dar ensino a individuos mal intencionados. Depois, persignou-se e rosnou resoluto:

— Tou promto, meu branco!

Concertaram ambos como deveriam surprehender os malfeitores. Vovô tomaria pela porta da frente e o outro pela de traz. Seria dado o aviso ou para a investida ou, no caso de ser numeroso o bando, para desfechar-se-lhe a primeira descarga de tiros. Puzeram punhaes á cinta, aprestaram-se devidamente e sahiram os dois, pé ante pé, cautelosos, destemidos! ...

PASTORAL

ERA por uma linda tarde de outomno. A areia da praia scintillava ao sol e o mar, em pequeninas vagas espumosas, v i n h a beijal-a mansamente, cariciosamente.

Por um atalho tortuoso e escarpado, seguida do cão vigia do rebanho, surgiu, esbelta e agil, tornozellos e pés nús emergindo do saiote curto, a pastorinha. Vinha ella cantando e sua voz sonóra, com fremitos gutturaes nas notas graves, enchia o silencio da tarde outomnal.

Os raios do sol, coando-se por entre os ramos das oliveiras selvagens, doiravam-lhe as tranças escuras.

Lá longe, no horizonte cheio de brumas ao crepusculo nascente, destacavam-se os vultos das ilhas... E como um sopro de vida sobre a immensidão morta das aguas elevava-se o fumo de um navio que partia.

"Lêda!" E antes que se pudesse refazer da emoção que lhe causára o a p p e l l o inesperado, sentiu-se a pastorinha presa nos braços de um bello e robusto rapaz de pelle doirada de sol, olhos luminosos e cabello annelado como os deuses e heroes da estatuaria antiga.

"Guido!" murmurou a pastora gentil; e, um lindo sorriso illuminando-lhe o rosto, fez scintillar a brancura dos d e n t e s, emquanto que, baixando as palpebras, ella escondia sob os longos cilios a irradiação amorosa das pupillas...

A minha avó acompanhou o marido, com a luz vermelha e arquejante da candeia, até a porta, que foi aberta com o maior cuidado, e recommendou-lhe precaução no sentido de não expôr a vida a perigos de morte. Os gonzos e a fechadura, outra vez, rangeram baixo e o vulto delle mergulhou na caligem da noite...

O olhar immoto, numa impassibilidade de estatua, duramente fixo em mim, as mãos em conchas, crispadas num gesto fakirico, contra os ouvidos, a respiração a muito custo suspensa — tal foi a attitude de velhinha que ficou commigo, a aguardar o desfecho da arriscada empresa. Os poucos instantes que durou aquella irrespiravel atmosphera de dolorosas apprehensões e pungente espectativa, foram-lhe como longas horas, para não dizer seculos. Perpassaram-lhe na mente mil pensamentos horridos, como espectros macabros. E ella quedava perscrutadora e attenta... Alguns minutos mais. Não se ouvia a detonação de um tiro, nem nada; mas, pausadas, as pancadas continuavam abafadas, cavas... E decorrem mais alguns segundos...

Uma pessôa bate á porta. Era vovô que voltava, por ter a garrucha engasgado. Offegante, zangado, elle a examinava á luz, quando — tá! — subito reboou um estampido de espingarda; jogando para um lado a arma de fogo que falhára, saccou do punhal e sahiu pressuroso em auxilio do Chico Preto, que, como bom atirador, teria certamente attingido a algum dos salteadores com o projectil certeiro de sua gabada "lazarina".

Após algum tempo, chegavam os dois, trazendo duas alavancas uma pá e um pharol, instrumentos e objectos estes deixados pelos suppostos malfeitores á bocca do buraco, rente á parede, onde sonhavam encontrar a rica botija deixada por Frei José. O velho, ao chegar, foi logo nos dizendo, mixto de ira e zombeteria:

— Malucos! Ainda acreditam em riquezas enterradas! Mas, si não tivessem fugido, não contavam mais a historia.

No dia seguinte, bem cêdo, o velho aggregado, cantarolando um antigo fado pastoril, fleugmatico, entupia o enorme buraco, emquanto eu seguia, até a orla do matto as pegadas do homem desconhecido, pelo sangue que lhe gottejára da ferida.

— Viu, meu "nhô" moço, que cabras frouxo pra jogar no veado? Só aguentaram uma pitomba nas canellas! Mas... ah! s'eu assonhasse onde era essa botija de ouro mode desenterrar?! Mas o patrão nem qué vê falar nisto.... ói lá!

A noticia daquella "novidade" correu todos os sertões circumvizinhos, e, a despeito de certas pesquisas, nunca se poude descobrir quem foram os ousados visionarios da botija da fazenda "Lagôa do Matto". E, ao passo que a descrença do meu avô augmentava, jamais acreditando que alli houvesse panella de ouro, — cada vez mais, sobre a sua existencia, se robustecia a crença da minha bôa avó, que continuava aferrolhando bem as portas do malfadado quarto, em torno do qual imaginava um esdruxulo e impenetravel mysterio»..

E, tempos depois, apparece na cidade o Chico Preto, que me veiu dar a interessante nova de que havia sido arrancada a botija de Frei José.

— Eu vi com esses óios... ajudei inté desenterrar. Só, meu "nhô" moço, só dobrão de 2 vintem, "chapéo de coiro"... Foi o patrão...

Nesta altura, eu comprehendi tudo e gargalhei a bandeiras despregadas. Uma idéa do vovô para afastar daquelle povo simples a tola superstição, e nada mais...

As ovelhas haviam voltado todas sob a guarda do cão que lhes fôra ao encalço e, arquejante, fitava os pequeninos olhos intelligentes em sua linda senhora.

Entretanto, Lêda e Guido, de mãos dadas, sentavam-se lado a lado, numa pedra do caminho.

Deitando-se a seus pés, o cão estendêra o focinho sobre as patas dianteiras e cerrára os olhos, somnolento e cançado.

Os dois amorosos conservavam-se calados, mãos estreitamente unidas, o olhar de um perdido nos olhos do outro, labios mudos e tremulos como se nelles gorjeasse uma ninhada de beijos.

E os minutos fugiam rapidos.

O sol desapparecêra atraz da montanha e a sombra, crescendo, envolvia-os e approximava-os, perturbando-os deliciosamente.

E, sob o céo que começava a estrellar-se e deante do mar estriado de prata, elles viveram a hora mais feliz de sua vida, a hora decisiva, que devia transformar o seu destino.

Depois, despertados pelo sino da ermida que enchia de sons crystallinos a pureza dos ares, voltaram — elle, cingindo-a pela cintura; ella, a cabeça apoiada ao hombro delle, ambos tontos de amôr e de ventura, para a aldeia.

Em volta delles, como uma chuva luminosa, os pyrilampos cortavam a noite de rutilancias fugazes, e lá em cima o firmamento constellado esplendia como um pavilhão de gloria e de amôr...

REGINA RIZIERI

O VELEIRO

FOI pela madrugada do terceiro dia que Sullivan, erguendo-se de subito, desvairado, precipitou-se á frente do barco, com risco de fazêl-o emborcar. Na extremidade do braço estendido, a mão tremula apontava, acolá, um ponto do horizonte.

Pallidas luzes escorregavam pela superficie das vagas, unindo-se aos rastos de luz baça que filtravam atravéz das nuvens.

A immensidade marinha estava fuliginosa e fria, oh tão fria!... Mas os dois homens, Sullivan e Howard, agora perto um do outro, já não tiritavam nos seus andrajos.

— Uma miragem, é o que te digo, ainda uma miragem... como outra noite.

— Olha! O dia desponta, distingue-se melhor... Sim!

— Senhor!

— Um navio! Estavamos salvos! Salvos!

— E' verdade, Sullivan! Conta os mastros, as velas! Um navio! Homens! Mas... ver-nos-ão elles?

— Vamos trabalhar para isso, meu velho, coragem!

Animados, embalados pelas ondas que pareciam despertar com o dia, os naufragos activam-se febrilmente.

As camisas em farrapos foram hissadas na ponta de um remo; Howard obstinou-se a tremular o pavilhão irrisorio. Sullivan, empunhando o outro remo, manobrou com todas as forças para dirigir a embarcação a matrócas, em direcção ao navio salvador.

— Tenho fome, disse elle, de repente.

Olhando-se, os dois homens desataram a rir. E esse riso prolongou-se, com uma especie de frenesi, misturado de soluços, numa feia descarga de nervos. Os viveres! Na vespera ainda, elles se apavoravam de vêr diminuir os recursos, que, parcimoniosamente, usavam, durante as suas horas de horror!

— Maior necessidade de os poupar agora! A póstos para o festim!

Os biscoitos mofados e a carne em conserva avariada pareceram-lhes um regalo.

E elles esvaziaram, até a ultima gotta, a botija de couro contendo ainda alguns goles dagua dôce. Saciados, redobraram de esforços para se approximar do veleiro.

Bem visivel agora, este vagava a algumas milhas. Nada indicava que, a bordo, houvessem dado com os naufragos, ponto imperceptivel na agitação das vagas.

— Avante, camarada! Precisamos attingil-o!...

Não falaram mais. Os olhos fixos num ponto, com o volante todo voltado para elle, despendiam uma energia sobrehumana. Uma longa hora passou-se. Howard rugiu:

— Bizarro...

Sullivan deu de hombros. Uma ruga, no emtanto, curvou-lhe a fronte.

A manobra do barco longinquo era estranha, de facto. Parecia hesitar por vezes, procurar rumo. De repente, tornava a partir, mais rapido, virava de bórdo, parecendo só obedecer ao vento, cujas rajadas eram frequentes nessas paragens. O veleiro desenhava-se nitidamente, com as suas velas brilhando por entre a luz. Sullivan parou de remar.

— Tu o vês bem, pois não? murmurou elle.

— Que pergunta! Nem um momento perdi-o de vista!

— Então..., não tens duvida...

— De que?

— Da existencia delle...

Howard fixou o companheiro. A mesma expressão de ansiedade perturbava-lhes o olhar.

— Estaremos delirantes?... Será?...

— Cala-te!

— O navio phantasma!... Será elle, Howard? Oh! Jura-me que o não acreditas!

— Imbecil! Encontraste muita vez phantasmas dessa qualidade? Distingue-se a mastreação, as vergas, os cabos! Olha

ESTRADAS BRANCAS

Estradas brancas, por onde passamos abraçados
como dois noivos que vão se casar,
com os olhos cheios
de immortaes anseios,
sob a caricia mystica do luar...

Estradas brancas,
onde nossos passos
foram mais leves e mais compassados,
caminhos cheios de sonhos dourados,
de suaves cantos, de immortaes desejos,
onde passamos esbanjando abraços
e enchendo a noite de sonoros beijos...

Estradas brancas
ao clarão lunar,
brancas no esplendor das primavéras,
onde eu te carreguei sobre os meus braços
como um poema de luz ante os espaços
desabrochando em sonhos e chiméras...

CARLOS LUDOVICO

lá! Homens, nos cordames!...

— Homens!... Avante!

O pobre barco cavalgava as cristas das ondas, mergulhava, rodava á mercê dos remos que o levavam, emfim, cada vez mais perto do navio nas gaveas do qual silhuetas se moviam de facto.

De repente, dominando a voz do mar, e levada pelo vento ao cimo das ondas, um clamor formidavel, tragico e singular, levantou-se, partindo do veleiro. De novo, a intranquillidade ganhou os dois homens.

Uma corrente muito rapida conduziu-os para a nave mysteriosa. O sol ia já alto no céo quando chegaram ao alcance do barco. Seus olhos abraçaram-lhe em todos os detalhes...

Lividos, todo o esforço inutilizado, elles olhavam, escutavam e ficavam estarrecidos de terror.

Gritos semelhantes aos de ha pouco, porém entrecortados, attingindo ao paroxismo da selvageria, ecoavam. No convéz do navio, uma horda de tigres e ursos entregava-se á luta encarniçada. De pé na frente, monstruosa figura de próa enorme leão dominava a scena, sacudindo, por vezes, a juba negra, fustigando com a cauda o espaço. Elle rugiu, tambem elle, e os musculos rolaram-lhe sob os pellos.

Por toda parte, féras se espreguiçavam, andavam, saltavam. Era um

De Maurice Noury

bulicio de fórmas felinas; garras luziam, olhares crueis chispavam. Nos cordames, orangos-tangos e gurillas estavam agarrados, extraordinarios gymnastas desse fabuloso navio. Suas fórmas quasi humanas, a distancia, enganaram os pobres naufragos.

... Elles olhavam, escutavam, aparvalhados. Não comprehendiam. Estariam loucos? Que horrivel comedia lhes representava o destino?

Howard foi o primeiro a falar, com voz incolor:

— Penso que adivinhei. Este navio conduzia a Hamburgo, sem duvida, uma leva de féras. Em caminho, estes se libertaram.... Accidente? Falta de vigilancia?... A sórte da equipagem deve ter sido horrorosa! Não ouso mais olhar o convéz. Pareceu-me perceber abominaveis destroços! Pobre gente! Oh! que panico! Que massacre!... Os sobreviventes lançaram-se ao mar.... E depois, o navio lá se vae, sem direcção. Os animaes, para viverem, matam-se uns aos outros. Que pesadelo!

Silencio; depois Sullivan:

— E nós?

Um grande arrepio percorreu Howard.

— Nós? E então?

— Irremediavelmente perdidos. Ah! Não! Não acceito! Quem sabe? Ha homens ainda, no porão, nalgum reducto bem fechado.

— Então?

— Eu irei, bom Deus! Morrer por morrer, mais vale acabar logo! Vens?

— E' loucura!

— Seguro!

— Sullivan...

A barca avançava. No librete guellas e focinhos horriveis appareceram farejando. Os dentes e pupilas brilhavam ferozes. Os gritos redobravam.

— Sullivan!

— Passa-me a corda. Pela ultima vez, acompanhas-me?

Nenhuma resposta. A barca atraca. Agarrando-se ao casco do veleiro, Sullivan, animado de mortal demencia, sobe. Howard, horrorizado fecha os olhos.

— A mim!

O alarido monstruoso se desencadeia, cortado de saltos, de lances, de arremessadas para a presa. O grande leão, deixando o posto solitario, apressa-se em direcção á presa e mistura o seu rugido aos uivos infernaes.

Howard está longe agora do navio maldito. Longe e só no meio do Oceano deserto. A noite desce.... Aos pés do desgraçado, a caixa de viveres está vazia e o cantaro de coiro não contem mais uma gotta dagua...

A MULHERZINHA ADORAVEL E EU

Como si fosse um passarinho esquivo
ella, medrosamente, se agazalha
neste ninho adoravel onde vivo
e mais o meu espirito trabalha.

E' que o meu coração anda captivo
neste mocambo humillimo, de palha,
em que o Encanto de Saia é o lenitivo
de um bohemio intellectual sem ser canalha.

Depois eu sou um cabra á moda antiga.
Mettido a doido, ando a zombar dos Andes
só por amor áquella rapariga.

Mesmo, bem passadista é o genio seu.
Alem do mais, para uns cabellos grandes
só um bigode austero como o meu.

ESDRAS FARIAS

O PRESENTE DE NUPCIAS

— BÔA noite, querida. A porta fechou-se, e o éco de suas palavras pareceu ficar no *hall*. Jane parecia sentir ainda seu beijo na face. Martin sempre a beijava assim, quando se despedia. Desde que se tornaram noivos, elle se despedia sempre com aquelle beijo formal, um pouco superior e possessivo. Dizia-lhe sempre: "Bôa noite, querida", no mesmo tom, como si estivessem casados havia muitos annos. Ou, ás vezes, lhe falava como si falasse com seus filhos, como si dissesse:

— Bôa noite, querida. Dá-me um beijo, e vae para a cama.

Jane passou o lenço pela face e correu para a escada, como si quizesse fugir a seus proprios pensamentos. No pavimento superior, se encontrou com os presentes de casamento que enchiam a casa, muito pequena para contêl-os. Elles enchiam todos os compartimentos e transbordavam no pequeno vestibulo do primeiro andar. Eram objectos grandes, luxuosos e caros.

O casamento se realizaria dentro de tres dias e então todos aquelles objectos seriam transportados para a grande casa de Martin... Quando estivessem arrumados, lá, não teriam mais aquelle aspecto de mercadorias em uma loja, e os outros não mais os olhariam como o faziam, lançando a Jane olhares que eram meio invejosos, meio compassivos. Tudo aquillo terminaria quando ella fosse a esposa de Martin e uma bôa mãe para os filhos de Helena. A vida naquella casa grande e luxuosa seria tranquilla e commoda. Ella não precisaria trabalhar, mas apenas se limitaria a ser a esposa de Martin e a mãe dos filhos de Helena.

Jane, de pé, entre seus presentes de casamento, sentiu, ao olhál-os, a sensação de que se fechavam em torno de si, suffocando-a.

— Eu tambem sou um presente — disse comsigo. — Um presente muito caro. Martin confiou-me como um presente para seus filhos.

O telephone tocou naquelle momento, e Jane desceu de novo ao *hall*, para attender a seu chamado. A voz que chegou até ella era joven e impaciente.

— Jane!

— Sim.

— Sou eu. Jim Barrow.

— Já o sei.

— Não te aborreces por ter eu chamado?

— Não.

— Está em casa o senhor Dunn?

— Não. Teve que sahir, pois devia assistir a uma conferencia. Papae e mamãe...

— Estão em casa?

— Não. Foram jogar bridge em casa de uns amigos. Voltarão tarde.

— Irei ver-te.

— Não... Bem, como quiseres...

— Só ficarei um minuto a teu lado. Levar-te-ei meu presente.

— Ha muitos... Bem...

Jane desligou o telephone e ficou em pé, tremendo, junto ao apparelho, durante algum tempo. Por que elle havia tocado? Como soube que ella estava só? Para que queria ir vêl-a?

Ouviu-se o ruido das rodas do automovel no calçamento da entrada, o chilriar dos freios, e Jim, empurrando a porta, que Jane se esquecêra de fechar, se deteve no humbral.

Jim era um rapaz enorme, que parecia encher a moldura da porta. Sua cabeça tocava quasi a parte superior da mesma. Era joven e de maneiras impulsivas. Joven como Jane, a cuja silenciosa pergunta seus olhos responderam. Ella, temendo essa resposta, desviou o olhar. Alguma coisa cahiu ao chão, deante della. Jane olhou o pacote, rindo.

— Que é, Jim? — perguntou.

— Um presente de nupcias — respondeu o rapaz, sem sorrir.

Ella se ajoelhou e começou a desembrulhar o pacote. Quando viu o que o mesmo continha, fez um movimento de quem vae retirar-se, e levantou a vista para Jim.

— Que tens, Jane? — perguntou elle. — Não te agrada?

O QUE SE DEVE SABER

AS LEIS DE NEWTON

Até a época de Galileu acreditava-se geralmente que era necessaria a acção de uma força para que um corpo conservasse seu movimento.

O proprio Kepler participava desta idéa, pois acceitava ou concebia que uma força cuja acção se exercesse unicamente na direcção do sol, era insufficiente para sustentar os movimentos planetarios, sendo preciso outra força supplementar para impulsionar os planetas para a frente. Esta segunda força tinha sua origem na rotação do sol sobre seu eixo.

E' difficil affirmar quem foi o primeiro a comprehender claramente que esta supposição era de todo ponto inexacta e que um corpo, uma vez posto em movimento, sem que aja sobre elle qualquer força, jamais volta ao seu

De Rogelio Burlingame

— E' uma valise.

— Sim. Para tua viagem de lua de mel.

— Oh! Collocál-o-ei entre os outros presentes.

— Eu to levarei até em cima.

— Não.

Jane subiu correndo as escadas, levando comsigo a valise. Jim seguiu-a lentamente. Encontrou-a sentada em uma cadeira, com a valise apoiada nos joelhos, olhando as iniciaes gravadas no couro. Vendo-o chegar, ella se levantou rapidamente e collocou a valise atraz da nova mesa de jogo.

— Não gostaste?

— Sim. Parece original entre todas estas coisas.

— E' verdadeiro couro de crocodillo...

— Agradam-te meus presentes? São luxuosos, não é verdade? A maioria delles provém dos amigos de Martin. Pobre papae! Não póde servir-se de seu gabinete. Até no vestibulo ha presentes! Elle ficará satisfeito com a minha partida.

— Satisfeito?!

— Sim. Elle quer que me case. Não me sinto tranquilla, só nesta casa, com todas estas coisas. Tenho médo dos ladrões. Fiquei contente em teres vindo, Jim.

Fez-se um longo silencio. Jane, em pé, olhava Jim como que hypnotizado. Depois, com um esforço, se voltou, e, dando-lhe as costas, permaneceu um instante silenciosa, em attitude tensa, como si estivesse lutando comsigo mesma. Depois, tomou a valise.

— Não quero que fique aqui, entre estas coisas — disse. — Leval-a-ei para meu quarto de dormir.

Jane sahiu da sala conduzindo a valise, e passou deante de Jim sem olhál-o.

Quando voltou, após alguns minutos, ainda tinha a valise na mão.

— Estás enganado, Jim — exclamou. — Esta valise não póde ser minha. Olha as iniciaes: J. B.

— Jane... recommendei que puzesse D. Os typos se enganaram. Bem, eu a levarei, então. Não posso trocál-a e não posso permittir-me o luxo de comprar outra igual. Recommendei que puzessem um D., a inicial de teu novo sobrenome, Dunn. Elles se enganaram, pelo que vejo. Um fracasso como tudo o que faço. Bem...

— Pódes usál-a tu mesmo, Jim. Não quero receber um presente de nupcias de ti.

— Bem. Levál-a-ei commigo — falou Jim.

E, apanhando a valise, começou a descer as escadas, seguido de Jane.

Ao chegar ao ultimo degráo, tropeçou e, recuperando o equilibrio se voltou para a moça, dizendo:

— Jane! Ha alguma coisa nesta valise!

— Deveras? — exclamou ella. — Outro presente, talvez? Puzeste alguma coisa dentro della?

Elle deixou a valise no chão e inclinou-se para abril-a. Ella o deteve pelo braço.

— Para que queres abril-a? — perguntou-lhe.

Elle endireitou-se. Estava pallido e tinha as mãos fortemente fechadas.

— Jane! — murmurou.

— Sim?

— Jane...

Ella se aproximou delle.

— Queres dar-me um beijo de despedida? — disse-lhe. — Provavelmente, não tornaremos a ver-nos.

Através dos crystaes da porta, viam-se os pharóes do automovel de Jim, e até o *hall* chegava o ruido do motor em marcha. Depois, por um instante, todas as luzes e os ruidos desappareceram para Jane.

Quando de novo se separou de Jim, Jane lhe disse:

— E's um tolo, Jim. Esqueceste minhas iniciaes, o motor de teu automovel e até o peso das valizes.

— Sou muito tolo? — exclamou Jim. — Que puzeste em minha valise?

Ella olhou-o attentamente, e respondeu:

— Tudo quanto possúo no mundo.

---

estado de repouso. A pouco e pouco esta idéa foi se generalizando. Já a conhecia Leonardo da Vinci e implicitamente ella está comprehendida nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos e na theoria de Huyghens das forças centraes. Nenhum desses physicos, porem, a formulou com completa clareza e precisão.

Assim, a Newton é que se deve attribuir sua verdadeira demonstração, enunciada nas tres seguintes leis sobre o movimento, bases de sua immortal descoberta:

Primeira lei — Um corpo em movimento, que não se ache sujeito a força alguma, marchará eternamente em linha recta e com velocidade uniforme.

Segunda lei — Se, sobre um corpo em movimento, actúa uma força qulaquer, seu desvio da linha recta ou do movimento definido na primeira lei, exercer-se-á na direcção da força secundaria, sendo á mesma proporcional.

Terceira lei — A potencia e a resistencia são iguaes e de direcções oppostas, isto é, quando um corpo qualquer exerce uma força sobre outro, o segundo produz sobre o primeiro um effeito igual, mas em direcção contraria.

A primeira destas leis é fundamental.

A SOCIEDADE DOS RUIVOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

— Lembre-se, volveu Holmes, de que, por via de regra, quanto mais estapafurdio se apresenta um caso, menos mysterio envolve. Os crimes vulgares, sem traços que os distingam, esses é que são verdadeiramente enygmaticos, pela mesma razão que um semblante commum é de mais difficil identificação que outro qualquer. Mas preciso encontrar quanto antes o fio desta meada.

— E qual é o seu plano? indaguei.

— Primeiramente tragar a minha fumaça, respondeu; preciso bem de umas tres boas cachimbadas para resolver este problema, e peço-lhe o favor de me não dirigir a palavra estes cincoenta minutos mais chegados.

Holmes, isto dizendo, fez-se num novelo na cadeira, com os magros joelhos a tocarem na ponta do nariz de aguia e permaneceu assim tempos esquecidos, com os olhos fechados, o cachimbo de barro preto na bocca; quem o visse diria achar-se em presença de uma dessas esquipaticas aves de rapina de bico extraordinariamente adunco...

Eu suppunha até que tivesse adormecido, e pela minha parte, principiava tambem a bocejar, quando de repente, eis que dá um pulo da cadeira, como um homem que tomou subitanea resolução, e depôz na pedra do fogão o cachimbo.

— O Sarasate, esta tarde, toca em Saint James-Hall, affirmou. Acha que os clientes poderão passar sem o doutor algumas horas?

— Eu hoje, não tenho nada que fazer; bem sabe que as minhas occupações não são de molde a absorver-me tanto tempo.

— Sendo assim, pegue no chapéo e venha commigo. Como tenciono fazer caminho pela *City*, alli mesmo encontraremos onde almoçar. O programma do concerto promette-nos um fartão de musica allemã; sabe que a prefiro á italiana e á franceza, e demais, ella hoje convirá muito especialmente ao meu estado de alma. Venha dahi.

Dali a minutos o metropolitano punha-os em Aldergate, e dali a Saxe-Cobourg-Square, theatro da singularissima aventura, que nos fôra narrada de manhã, tinhamos apenas um curto trajecto que fazer.

Era um sitio insalubre, acanhado, de aspecto miserando e pretencioso, a um tempo, para onde davam uns predios de tijolo com dois andares.

Cada um destes tinha na frente uma faixa de terreno defendida por um gradeamento, em que vegetavam a custo uma mirrada herva e umas muitas de loureiro numa atmosphera viciada pelo fumo denso e negro.

Attrahiam logo a vista tres bolas douradas, e em letras brancas sobre o fundo escuro da taboleta "Jahez Wilson", indicando-nos que o predio do canto era com effeito aquelle em que se achava estabelecido o escriptorio do nosso cliente do cabello ruivo.

Sherlock Holmes parou em frente á loja a examinal-a e a abanar-se: aquella vista escrutadora a lampejar através das palpebras apertadas dir-se-ia esforçarem-se por varar as paredes.

Avançou lentamente o meu amigo, retrogradando em seguida até á esquina da rua e sempre a olhar fixamente para as casas, com extrema attenção.

Até que por fim, voltou a encaminhar-se para a casa do prestamista, vibrou duas ou tres pancadas rijas com a bengala na calçada, e bateu á porta do escriptorio. Veiu abrir-lh'a um rapaz intelligente, convidando-o a entrar.

— Obrigado, disse Holmes, desejava apenas perguntar-lhe qual é o caminho mais curto daqui para o Strand.

— Tome pela terceira rua á direita e pela quarta á esquerda, respondeu laconicamente o empregado, e fechou a porta.

— E' um espertalhão, aquelle rapaz, disse-me Holmes pelo caminho. Em Londres só conheço tres, capazes de lhe cortar as vazas, e ainda assim, quanto a atrevimento, classifical-o-ia com o numero tres neste quartetto. Já tinha ouvido falar a seu respeito.

— E' mais que evidente, volvi o representar o empregado de Mr. Wilson papel importante neste mysterio da "Sociedade dos Ruivos". Não se me daria de apostar que se lhe perguntou o caminho foi apenas com o sentido em vel-o.

— Mas não a elle.

— A quem, pois?

— A's joelheiras das calças.

— E que foi que viu?

— Aquillo que esperava ver.

— Mas com que intuito bateu você na calçada com a bengala?

— Meu caro doutor, o momento é para observação e não para conversa. Somos dois espiões em paiz inimigo; eis-nos, por assim dizer, orientados pelo que interessa a Saxe-Cobourg-Square. Toca a explorar a parte que fica por detraz deste largo.

A rua onde fomos ter ao ausentarmo-nos do *Square*, tão pouco concorrido, de Saxe-Cobourg podia comparar-se ao reverso de uma tela com relação ao anverso; é uma das artérias principaes da *City*, uma das que se dirigem de norte á oeste e a de mais transito.

A via achava-se obstruida como se o commercio da cidade em peso alli se tivesse vindo engolfar em dupla corrente ascendente e descendente, ao passo que os passeios eram verdadeiros formigueiros de transeuntes; parecia até impossivel o facto de terem accesso por aquelle terreiro tão miserando e tão pouco concorrido que acabaramos de atravessar, os sumptuosos estabelecimentos e as grandes agencias commerciaes.

— Vejamos, disse Holmes parando á esquina a seguir com a vista a fila de predios; preciso de lembrar-me da ordem porque se acham collocados. Não é estranha a minha antiga mania de procurar sempre conhecer o fundo de Londres. Primeiramente, cá temos o Mortimer, com loja de fumos, depois a loja que vende jornaes, a succursal respectiva ao bairro de Cobourg do Banco suburbano e da "City", o restaurante dos Vegetarianos e o deposito de Mac Farlane, constructor de carruagens: leva-nos isto até ao outro quarteirão. E agora, doutor, é bastante; já trabalhamos menos mal; toca a distrahir um pouco. Uns frios, uma chavena de café e vamos a caminho do mundo do diletantismo onde tudo é suave, delicado, harmonico e onde não iremos encontrar clientes de cabello ruivo que nos prégam maçadas com as suas palestras.

O meu amigo Sherlock Holmes não se limitava a ser um musico enthusiasta, era tambem um habil executante e um compositor de merito. Passou toda a tarde na sua cadeira de assignante, a bater o compasso de mansinho, com aquelles seus dedos compridos e esguios e no goso da mais completa bemaventurança. Expandia-se-lhe em beatifico sorriso o semblante e os olhos faziam-se-lhe languidos e sonhadores; não permanecia na sua pessoa o minimo vestigio do Holmes galgo de fina raça, do Holmes agente criminal implacavel, guiando a um logar eminente entre os agentes policiaes. A dupla natureza de tão singular personagem affirmava-se alternadamente. A meu ver, a summa exactidão de Holmes e a astucia d'este eram apenas a reacção contra aquelle estado de alma poetico e contemplativo tendente a dominal-o; graças, porém, ao elasterio da sua natureza, deslisava rapido de uma extrema languidez para uma devoradora energia.

Havia eu observado que nunca era tanto para temer como depois de ter permanecido dias e dias estirado na espreguiçadeira, enfronhado n'aquelles seus "provisos" e nas suas edições gothicas. De repente, vinha estimulal-o a paixão pela caça, e [illegible] tal n'esses momentos a potencia dos seus raciocinios, que o publico, ignorando os seus methodos, [illegible]ava como sendo fructo da instrucção aquillo que representava apenas simples deducções, e a cogitar se iria aquelle homem beber uma sciencia tão superior á dos seus semelhantes. E eu, ao observal-o, n'aquella tarde, absorto pela musica em Saint-James Hall, estava antevendo que os individuos a quem elle ia seguir o rastro teriam que passar um quarto de hora bem penoso...

— Volta para casa, doutor? disse-me elle á sahida do concerto.

— Volto, não tenho coisa que me prenda.

— Pelo que me diz respeito, vou achar-me atarefadissimo, durante algumas horas; o tal negocio de Cobourg-Square é sério a valer.

— Sério... Por que?

— Por que nos achamos em presença da premeditação de um attentado; tudo me leva a crêr que ainda chegaremos a tempo de o impedir; posso contar com o seu auxilio para esta noite?

— A que horas?

— A's dez!

— Optimo! A essa hora estarei em sua casa.

— E veja lá, doutor, não se esqueça de ir acautelado com o seu revólver; é muito possivel que tenhamos de affrontar perigo.

Sherlock Holmes acenou com a mão a dizer-me adeus, rodopiou sobre os tacões e sumiu-se, na multidão, acto-continuo.

Não me tenho na conta de mais tolo do que outro qualquer, e comtudo, sinto-me sempre esmagado pela consciencia da minha inferioridade, quando me encontro em presença de Sherlock Holmes. No caso que estou narrando, eu tinha ouvido o mesmo que elle; tinha visto o que elle tinha visto, e sem embargo, elle vira claramente não só quanto acontecera, mas ainda o que estava para acontecer, em circumstancias em que para mim tudo era confuso e grotesco.

Quando recolhi á minha casa, em Kensington, puz-me a recapitular a resenha daquella aventura, desde a estranha narração do copista da "Encyclopedia", até o nosso passeio no bairro de Saxe Cobourg-Square; acudiam-me á memoria aquellas palavras sinistras, com as quaes se havia affastado de mim Sherlock Holmes; qual seria o caracter d'aquella expedição nocturna, e com que fim devia eu ir prevenido com as armas? Qual era o nosso ponto de reunião? o nosso intuito? E' certo que Holmes me tinha dado a entender que aquelle empregado de semblante ladino era um homem perigoso, um homem capaz de fazer das suas... e comtudo... debalde me esforçava para comprehender, e, perante tal decepção, tentei arredar para longe semelhante pensamento, aguardando qualquer solução que porventura pudesse ser-me proporcionado pelo nosso passeio nocturno.

Eram nove horas e um quarto quando sahi de minha casa, cortando caminho através do parque e de Oxford-Street, em direcção a Baker-Street. Vi dois carros á porta de Sherlock Holmes e ao entrar no corredor ouvi distinctamente diversas vozes. E com effeito, fui encontrar Holmes em conversa com

(Continúa na pag. seguinte)

dois individuos, um dos quaes, Peter Jones, era o agente de policia official, ao passo que o outro, magro, esgalgado, de feições vulgarissimas, enroupado em uma sobrecasaca já usada e um chapéo alto na mão, me era absolutamente estranho.

— Ora ainda bem! Vem completar o numero, disse Holmes, a abotoar o casaco, e tirando do cabide a pesada bolsa de caçador. Watson, creio que não deixará de conhecer o sr. Jones, de Scotland Yard? Permitta-me que lhe apresente o sr. Merryweather, que vae ser nosso companheiro na expedição d'esta noite.

— Conforme está vendo, doutor, caçamos ainda como cães de trela, disse Jones, com uns modos pernosticos. O nosso amigo aqui presente, para levantar a caça é um portento, mas depois necessita de um bom cachorro que a saiba filar.

— Contanto que tudo isto não venha a dar n'uma burla, observou, tristonho, Mister Merryweather.

— Confie em Mr. Holmes, ponderou o agente policial, em tom convencido; dispõe de um methodo particular, um tanto ou quanto theorico e fantastico, a meu ver, mas affirmo-lhe que é da massa de que se fazem os bons policiaes. Devo accrescentar, até, que em um ou dois casos, taes como quando se deu aquelle caso do crime em Schallo, e no do thesouro de Agra, farejou de muito mais perto a verdade do que a propria policia.

— Pois não! e acredito na sua palavra, senhor Jones, proferiu com deferencia o adventicio, mas o peor é eu faltar ao meu "whist" dos sabbados, e será a primeira vez, ha vinte e sete annos.

— E a mim está-me parecendo, acudiu Holmes, que o senhor esta noite vae jogar um jogo muito mais rijo do que nunca, e que será caso para grande excitação, visto que o bólo, para o sr. Merrweather, representará umas trinta mil libras, e para o senhor Jones a captura do homem de quem anda á procura.

— John Clay, o assassino, o ladrão, o malandro, o falsario, rematou mister Jones. E' homem moço esse melro, senhor Merryweather, mas sabe do seu officio, a valer. Désse-me a escolher entre diversos criminosos, e em quem eu punha os anjinhos era elle. E' um homem deveras notavel, esse endiabrado Clay; o avô era um duque authentico e elle proprio foi educado em Eton e Oxford. E' tão fino como habilidoso de mãos, e, apesar de andarmos sempre a seguir-lhe no rastro das pégadas, ainda não fomos capazes de lhe deitar as unhas; hoje, por exemplo, faz elle ir pelos ares uma créche, lá na Escossia, e d'aqui a oito dias abre uma subscripção em Cornualhes.

Ha já annos que eu lhe ando á cata e ainda não tive a dita de lhe pôr a vista em cima.

— Ouso esperar que me caberá a satisfação de lh'o apresentar esta noite.

Já por duas ou tres vezes me encontrei em contacto com mister John Clay, e estou de accordo com o senhor, quando affirma que é homem que é mestre no officio. Mas já passa das dez horas; é tempo de irmos andando. Mettam-se ambos nesse carro que eu e o Watson seguil-os-emos em outro.

Sherlock, durante o longo trajecto, nem por isso se manifestou muito communicativo; estirou-se a um canto do trem a trautear as melodias que tinha ouvido de dia. Cortamos através de um infindo labyrintho de ruas illuminadas a gaz, até o momento em que desembocamos em Farringdon Street.

— Estamos lá, não tarda nada, affirmou Holmes. Este Merryweather é director de um banco e interessa-o pessoalmente este negocio. Pareceu-me preferivel annexar ás nossas pessoas este Jones, coitado, supposto seja um idota chapado no exercicio do seu mistér. Ainda assim não se lhe podem negar umas certas qualidades; manifesta a valentia do "bulldog", e a tenacidade da lagosta quando segura uma victima nas pinças. Mas eis-nos chegados e os outros já estão á nossa espera.

Os nossos carros tinham parado no mesmo passeio por nós explorado de manhã, no momento em que se achavam atulhado de transeuntes.

Despedimos as carruagens e seguimos atrás de Mr. Merryweather, através de um estreito corredor desembocando numa porta de serviço que elle nos abriu. Esta porta dava accesso para outro corredor mais comprido, fechado por uma porta massiça, de ferro, facultando ingresso para uma escada de caracol, de pedra, ao fundo da qual existia outra grade de ferro não menos formidavel. Ali, parou Mr. Merryweather e embrenhemo-nos em um corredor escuro, impregnado de humidade, que tinha no extremo, terceira porta. Era a entrada para uma sala espaçosa e abobadada, atulhada toda ella de massiços caixões de ferro.

— Pelo que diz respeito á abobada, estamos livres de receios, declarou Holmes, depois de haver examinado o subterraneo.

— E d'este lado não menos, respondeu Mr. Merryweather, batendo nas lages com a bengala. Mas com a bréca! meu caro, resôa como se fosse ôco, exclamou estupefacto.

— Mais baixo, se me fez favor, exclamou Holmes; comprometteu já o exito da nossa expedição. Queira sentar-se num d'estes caixões e não se metter seja no que fôr.

O solemne Mister Merryweather assumiu uns modos de melindrado e sentou-se num caixão; entretanto Holmes, deixando-se cahir de joelhos, e, auxiliando-se com a lanterna e uma lente, procedia a minucioso exame nos intersticios das lages. Volvidos instantes, ergueu-se de repente e mettendo na algibeira a lente:

— Temos uma hora de espera, pelo menos, declarou, pois nada podem fazer emquanto o bom do

usurario não estiver ferrado no somno. Mas assim que puzerem mãos á obra, não desperdiçarão um minuto, visto que, quanto mais depressa concluirem a empreitada, mais probabilidades terão de fugir. Creio que já terá adivinhado, doutor, que nos achamos nos subterraneos de um dos principaes bancos de Londres; o senhor Merryweather é presidente do conselho administrativo e explicar-lhe-á os motivos que induzem os mais atrevidos criminosos da capital a interessarem-se muito em especial por este subterraneo.

— E' o nosso ouro francez, cochichou o director; já por mais de uma vez fomos avisados de tentativas que se premeditavam com o fim de lhe deitarem a mão.

— O seu ouro francez?

— Pois, então? — De alguns mezes a esta parte tivemos ensejo de augmentar as nossas reservas e para esse effeito pedimos emprestado ao Banco de França, trinta mil napoleões. Souberam que ainda não tinhamos posto em circulação esse ouro e que se achava intacto nos nossos subterraneos. Este caixão, em que eu estou sentado, contém dois mil napoleões acondicionados em laminas de chumbo. A nossa reserva numeraria é muito mais consideravel neste momento do que o costuma ser em uma succursal e o caso preoccupa, até, e não pouco, os directores.

— Inquietação aliás muito justificada, observou Holmes. E agora, pensemos em traçar o nosso plano. Espero que d'aqui a uma hora terão rompido as hostilidades; neste comenos, Mr. Merryweather, convem abafar a luz dessa lanterna de furta-fogo.

— E ficamos ás escuras?

— Receio que não deixará de ser de absoluta necessidade; é verdade que eu tinha me prevenido, mettendo no bolso um baralho de cartas, na supposição de que, entre nós quatro, teriamos vagar para jogar a nossa partidinha de "whist". São porém, taes os aprestos do inimigo que não podemos arriscar-nos a conservar a luz acesa. Temos, até, que escolher as nossas posições, pois nos podemos ver a braços com individuos capazes de tudo, e comquanto lhes levemos vantagens, nem por isso deixam de nos poder fazer mal se não nos acautelarmos. Vou tratar de esconder-me atraz daquelle cofre, e o senhor esconda-se atraz desse. Depois, assim que eu virar a luz para cima delles, cerquem-n'os immediatamente. Se dispararem sobre nós, atire-lhe tambem, Watson, sem a minima hesitação.

Depuz o meu revolver carregado sobre a arca de madeira por detraz da qual eu me agachara.

Holmes escondeu a lanterna, e deixou-nos ás escuras de todo, numa escuridão que me era desconhecida em absoluto, e que me houvera incutido um sentimento de mal estar, se um cheiro vago de metal escalcado nos não viesse lembrar que tinhamos ali, á mão, uma lanterna prompta a alumiar-nos.

Eu tinha os nervos num estado de extrema tensão, e, mau grado meu, impressionavam-me as trevas e a aragem humida e fria daquelle porão.

— Só nos poderão escapar por um lado, cochichou Holmes, pelo predio que deita para Saxe-Cobourg-Square. Fez aquillo que eu lhe recommendei, Jones?

— Lá fóra, ao portão, tenho um inspector e dois officiaes, a postos.

— Estão pois desse modo vedadas de todo as sahidas.

Pareceu-nos infinita a espera.

Afigurava-se-nos que não podia tardar em surgir a aurora, comquanto, dos calculos que mais tarde fizemos, deduzissemos que uma tal situação não poude haver-se prolongado mais de um quarto de hora.

Sentia os membros cada vez mais hirtos e dormentes, tal era o meu receio de fazer o minimo movimento; tinha sobresaltados os nervos, quanto possivel, e o ouvido por tal fórma apurado, que ouvia, não só a respiração tranquilla do meu companheiro, mas ainda distinguia o estridulo resfolegar do nutrido Jones e a respiração tenue e normal do director do banco.

O cofre por detraz do qual eu me escondera não mascarava de todo o chão, e de subito, eis que vem me ferir a vista uma restea de luz.

A principio era apenas um jacto, surgindo de sob as lages, encolhendo-se e sumindo-se, rapido, e reduzido a um fio delgado.

D'ali a instantes, sem o minimo prenuncio prévio, sem rumor, dir-se-ia haver-se aberto uma fenda entre o lagedo, e favorecido pelo raio de luz, lobrigamos uma mão branca, quasi uma mão de mulher, a tentar insinuar-se através do interstício das pedras.

Pouco a pouco, a mão com os dedos estendidos, emergiu acima do sólo, voltando a desapparecer, acto continuo, e restabeleciam-se as trevas, salvo todavia o ponto luminoso marcando um intervallo entre as lages.

Foi apenas instantanea semelhante desapparição; girou para um lado uma das lages brancas com um ranger plangente, deixando um profundo buraco pelo qual jorrou a luz de uma lanterna.

Vimos então apparecer uma cabeça de rosto juvenil, olhos perspicazes; em seguida, duas mãos com a ajuda dos quaes o individuo, firmando-se em ambos os lados da abertura, içou-se acima do buraco auxiliando-se com os joelhos, até que conseguiu tomar pé na superficie.

Puxava para si um companheiro delgado como elle, com um semblante macilento e cabello ruivo, muito raio.

— Está desimpedido o campo, cochichou o primeiro que subira. Trazes a thezoura e os saccos? Santo Deus! A pé, Archibaldo, a pé! Estamos Perdidos!

Sherlock, de um pulo, saltara do esconderijo, filando pelo pescoço o intruso, emquanto o outro mergulhava na excavação, rasgando a roupa á qual Jones lançara a mão, na passagem.

(Continúa na pag. seguinte)

Ao clarão da nossa lanterna vimos luzir o cano de um revolver apontado para nós; um murro de Holmes desabando porem sobre o pulso do homem que tentava defender-se, fez cahir a arma em cima do lagedo.

— E' escusado, John Clay, disse Holmes em tom melífluo, estão liquidadas as tuas contas.

— Bem vejo, respondeu o outro, com a maxima paz de espirito. Supponho que deve ter fugido o meu collega, visto que nas mãos lhe ficaram as abas do seu paletot.

— Estão tres homens á espera delle do outro lado, no portão, volveu Holmes.

— Deveras? Quer-me parecer que previu tudo. Acceite os meus cumprimentos.

— Receba egualmente as minhas felicitações, retrucou Holmes. Aquella sua idéa da Sociedade dos Ruivos é genial e pratica a valer, sim senhor!

— Terá occasião de ver o seu "collega" não tarda nada, disse Jones. Sabe esgueirar-se por um buraco com mais agilidade do que um rato. Venham de lá essas mimosas mãosinhas que lh'as quero enfeitar com estes anjinhos.

— Não me toque com essas suas mãos nojentas, proferiu o nosso prisioneiro, no acto de se cerrarem as algemas. Supponho que não ignora que me corre nas veias sangue real. E terá tambem a bondade de me tratar de "senhor" e de me dizer: "se faz favor".

— Pois não! retorquiu Jones, com uma risada. E visto isto, monsenhor, seria muito gentil se quizesse dar-se ao incommodo de subir cá para cima, para tomarmos uma carruagem que terá a subida honra de conduzir vossa alteza para a estação policial. Está bem assim?

— Isso assim já é melhor, exclamou com alegria, John Clay.

Dito isto, fez-nos rasgada cortezia e marchou muito socegado da sua vida sob a guarda do detective.

— Na verdade, sr. Holmes, disse Mister Merryweather, quando sahimos do subterraneo, não sei como o banco poderá jamais reconhecer o serviço relevante que acaba de prestar-lhe, pois descobriu, frustando-a, uma das mais atrevidas tentativas de roubo de que eu tenho noticia.

— Já por duas ou tres vezes tive que me ver a contas com Mister John Clay, volveu Holmes. Custou-me isto, até, algum dinheiro e ouso esperar que o banco m'o compensará. Mas, posto de parte este assumpto, considero-me amplamente retribuido com a satisfação de haver tido uma aventura que eu classificarei como unica no seu genero, e pela originalissima narrativa que diz respeito á "Sociedade dos Ruivos".

— Já vê, pois, Watson, explicava-me Holmes na seguinte manhã, beberricando o seu copo de soda e whiskey na sala de Baker Street — e não deixará agora de o ver claramente — que o unico intuito admissivel daquelle tão curioso annuncio da associação e do extravagante pormenor da copia da *Encyclopedia*, era desembaraçarem-se pelo espaço de algumas horas, em cada dia, do ingenuo prestamista. Era um singularissimo modo de conseguir um fim; optimo, porem, com certeza. A ruiva gaforinha do cumplice seria, por certo, o que despertou em Clay idéa tão suggestiva. Entre ambos lograram e engodaram o usurario com aquella isca das quatro libras e meia por semana. E que representava tão mesquinha quantia, com effeito, a par dos milhões que podiam apanhar?

"Inserido que foi nos jornaes o tão decantado annuncio, um dos meliantes tomou conta do escriptorio; o outro induziu o penhorista a apresentar-se ali, e conseguem assim liberdade plena e segura todos os dias durante as horas da manhã.

Percebi desde logo que tinham motivos serios para quererem estar senhores do campo, assim que vim a saber que o empregado entrara para o serviço de Jahez Wilson, por metade do ordenado usual.

— Mas como é que conseguiu adivinhar-lhes o intuito?

— Primeiramente, não havia saias no caso; logo, ausencia cabal e completa da intriga simples e vulgar. Era de pouca importancia o commercio daquelle homem, e em sua casa nada se via que justificasse quer um plano de tanta complicação, quer os sacrificios de dinheiro feitos por aquelles habeis patifes. Era, pois, fora do predio que cumpria procurar-lhes o intuito, mas qual era elle? Occorreu-me então o gosto do empregado pela photographia e a sua mania de se sumir no subterraneo! Eis a chave do enygma, pensei. Desde então, procedi a um inquerito acerca do mysterioso empregado, e vim a descobrir que me achava em presença de um dos mais atrevidos criminosos de toda a Londres. Que motivos o levariam a encerrar-se naquelle subterraneo, mezes e mezes a fio? Com que fim?

Não podia deixar de ser com a mira em escavar uma passagem por baixo do chão indo ter em outro edificio.

Estavam nesta altura as minhas deducções quando eu e você nos dirigimos ao theatro da façanha. Ali, causou-lhe espanto bater eu no chão com a bengala; effectivamente, queria verificar se o subterraneo se prolongaria para a frente ou para a retaguarda. Depois, bati á porta, e conforme eu o esperava, veiu abrir-m'a o empregado.

Já tinha com elle velhas relações se bem que não o conhecesse de vista. Olhei-lhe de relance para os joelhos e confirmei-me em que estavam taes quaes eu esperava. Não deixaria tambem de notar, a que ponto aquellas suas calças, muito usadas, amarrotadas e sujas no sitio dos joelhos, denunciavam horas de trabalho numa toca de coelho! Com que intuito andaria aquelle homem a cavar? Era o que me restava saber.

Dobrei a esquina da rua e verifiquei que o Banco suburbano da *City* se prolongava até o estabelecimento do nosso amigo, e com semelhante descobrimento achava-se resolvido o meu problema. Quando você voltou para casa, depois do concerto, fui direito a Scotland Yard e á casa do presidente do conselho administrativo do Banco. Sabe qual foi o resultado das minhas visitas.

— Mas, em conclusão, como é que você podia saber que effectuariam a tentativa esta noite?

— E' simplicissimo, bastava o facto de terem fechado o escriptorio da famosa Sociedade para provar que a presença de mister Jahez Wilson se lhes havia tornado indifferente, por outras palavras, que tinham concluido o tunnel; para elles era essencial aproveital-o quanto antes, visto que podiam ser presentidos e o proprio numerario ser tirado dali. Devia convir-lhes muito em especial o dia de sabbado, visto facultar-lhes dois dias para se safarem. E era por esses motivos todos que eu os esperava esta noite.

— Era perfeito o seu raciocinio, exclamei, dando largas á admiração; nem uma lacuna sequer em uma serie tão extensa de factos!

— Livrou-me do aborrecimento, respondeu Holmes, a bocejar. Elle ahi vem, outra vez, ter commigo infelizmente! Este meu viver é apenas um esforço perpetuo para escapar á monotonia, á qual só vem interromper estes problemazinhos.

— Você é inquestionavelmente um bemfeitor da humanidade.

Encolheu os hombros.

— Quem sabe! Talvez sirva para alguma coisa, respondeu com singeleza.

— "O homem é nada — a obra é tudo", assim escrevia Gustave Flaubert e George Sand.

FIM

No proximo numero, do mesmo auter

ESCANDALO NA BOHEMIA

ATTENÇÃO!

AS DESORDENS DOS RINS SÃO UM SERIO PERIGO

"AI! MINHAS CADEIRAS..."

Milhares de pessoas victimas da tortura do Lumbago, repetem estas palavras constantemente. Quantas já chegaram ao extremo de adoecer pelos symptomas que podem revelar as desordens dos rins!

É de toda a importancia que V.S. saiba que o mal de que soffre pode ser originado pelos venenos existentes no sangue. Assim sendo, o unico meio rasoavel para curar a sua molestia é estimular os rins para que desempenhem a sua funcção natural de manter o sangue livre de impurezas que causam as dores. Nos casos de lumbago e outras doenças que podem ter a sua origem nos rins as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga resultam um medicamento economico e de toda a confiança.

Consulte o seu medico sobre as boas qualidades dos componentes da Pilulas De Witt. Compre um frasco e comece a restabelecer-se. Tenha a certeza de que lhe vendem Pilulas De Witt.

"AI! MINHAS CADEIRAS..."

"Não posso endireitar-me depois de me inclinar. Sinto a impressão de que uma mão de ferro me tortura os musculos, produzindo-me fortes dores!......"

AS PILULAS

DEWITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

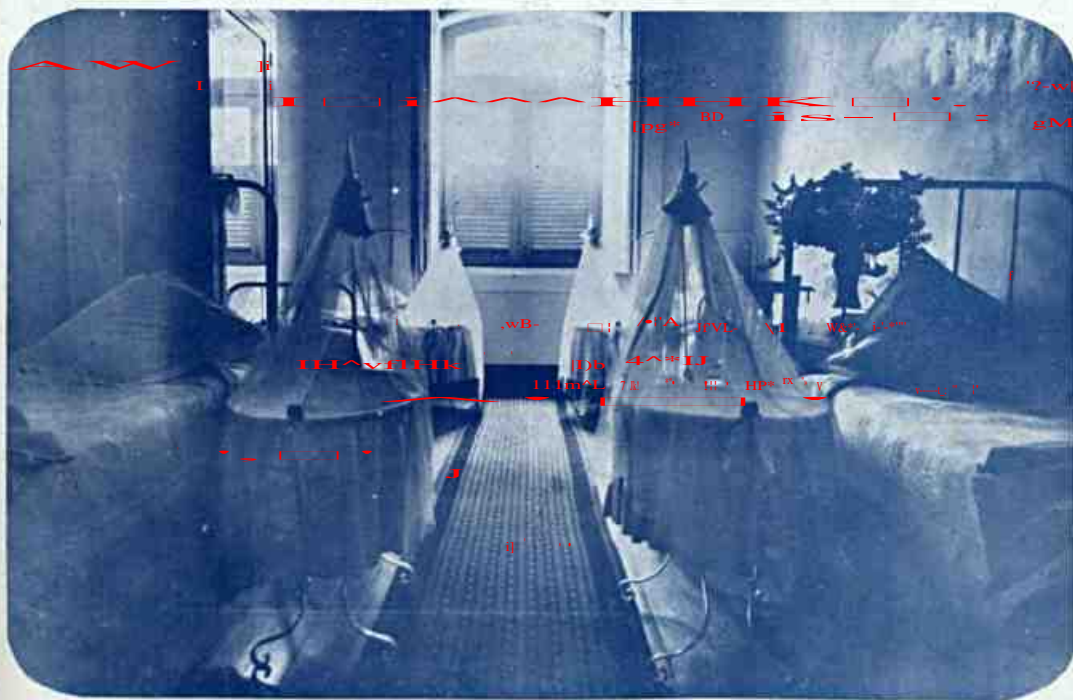
Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. 7 M .),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 800$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TELEF. 8-3057

ORF-LÉNE
LIQUIDO
Tinje cabellos brancos
nas seguintes cores
Louro
Bronzeado claro
" escuro
Castanho claro
" natural
" bronzeado
" pouco escuro
" escuro
Prêto
ORF-LÉNE
A VENDA NAS
LIQUIDO
BOAS CASAS
taes
como
Instituto Physioplastico e Perfumaria